



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

O SABER-FAZER NOS PROCESSOS DE BENZIMENTOS EM FONTE BOA (AM)

TEFÉ/AM
2026

MIGUEL AMARAL NUNES

O SABER-FAZER NOS PROCESSOS DE BENZIMENTOS EM FONTE BOA (AM)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas pela Linha de Pesquisa: Teoria, História e Crítica da Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Diego Omar da Silveira

Coorientador: Prof. Dr. Yomarley Lopes Holanda

TEFÉ/AM
2026

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

N972s

Nunes, Miguel Amaral

O SABER-FAZER NOS PROCESSOS DE BENZIMENTOS EM
FONTE BOA (AM) / Miguel Amaral Nunes. Manaus : [s.n], 2026.
140 f. : ; 21.0 cm.

Dissertação - Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas-
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2026.

Inclui Bibliografia.

Orientador: Silveira, Diego Omar da.

Coorientador: Holanda, Yomarley Lopes.

1. Benzimentos. 2. Religiosidade popular. 3. Benzedeiros e
benzidos. 4. Saber-fazer. I. Silveira, Diego Omar da (Orient.) II .
Holanda, Yomarley Lopes (Coorient.) III. Universidade do Estado do
Amazonas. IV. Título

CDU(1997)168.522(043.3)

FOLHA DE APROVAÇÃO

MIGUEL AMARAL NUNES

O SABER - FAZER NOS PROCESSOS DE BENZIMENTOS EM FONTE BOA (AM)

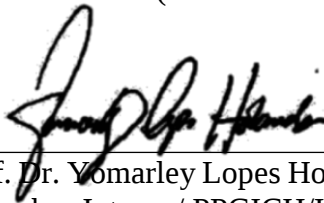
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas pela Linha de Pesquisa: Teoria, História e Crítica da Cultura.

Dissertação defendida e aprovada em 30 de abril de 2026

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Diego Omar da Silveira Orientador
Presidente (PPGICH/UEA)



Prof. Dr. Yomarley Lopes Holanda
(Membro Interno/ PPGICH/UEA)



Documento assinado digitalmente
DEILSON DO CARMO TRINDADE
Data: 15/06/2026 19:15:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Pro. Dr. Deilson do Carmo Trindade
(Membro Externo/IFAM)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho especialmente a toda a minha família em quem encontrei apoio e amparo durante toda minha jornada de estudos. A minha mãe, mulher de fibra que me ensinou as primeiras lições no mundo das letras. Mesmo semianalfabeta, sempre me transmitia orientações que se transformaram em objetivos de vida. Ao meu pai, hoje saudoso, com quem dividi tão bons momentos. Com quem aprendi grandes ensinamentos de vida e com quem dividi tantas alegrias, brincadeiras... Momentos que não voltam mais. A ele meu carinho, certamente sentiria orgulho do filho que me tornei. Aos meus irmãos, parceiros de tantas vivências. Com quem me energizava a cada viagem à minha terra nos finais de meses durante o período em que cursava as disciplinas do mestrado. A diversão era sempre uma marca de nossos encontros. Aos meus filhos Rairan, Mairon e Râmila por quem desafiei-me rumo a melhoria não só do conhecimento acadêmico, mas também da qualidade de vida. Esses me encheram de motivos e, mesmo com aperto nos corações sempre me apoiaram em minhas idas e vindas, durante os dias que precisava me ausentar da companhia e convívio com os mesmos. A estes dedico com muito carinho. Em especial dedico ao grande amor da minha vida, Rogelma Coelho do Nascimento, mulher corajosa, companheira, amorosa, que me apoiou, incentivou, mesmo nos momentos mais difíceis. Por ter sido meu porto seguro, minha âncora, pelas inúmeras vezes que me conduziu à rota certa. Dedico com todo meu amor. Com muito carinho, dedico a todos que me ajudaram a tornar esse sonho em realidade.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço especialmente a Deus o autor da vida e Senhor da minha fé, em quem encontrei e encontro diariamente forças para trilhar as caminhadas e vencer os desafios. Que sempre esteve comigo nos momentos de fraqueza e me ajudou a superar minhas limitações durante toda a caminhada.

A toda minha amada família, pais, irmãos, filhos e esposas, minha âncora, meu porto seguro, em quem encontrei motivação, acolhimento e carinho.

Aos meus amigos e amigas de trabalho e de residências, pessoas que me apoiaram, incentivaram e ficaram felizes pelo desafio que abracei ao acessar o mestrado

Ao meu líder religioso, homem de Deus que me apoiou, orou por mim e me deu sempre uma palavra de apoio e carinho.

Aos meus colegas de turma, pessoas que me ajudaram, me acolheram e me deram forças em muitas de minhas limitações. Augusto, Suellem, Gisele, Geiciandra e Rackila, a estes, gratidão. Em especial a Rackila, com quem troquei muitas experiências e conhecimentos inclusive sobre nossas pesquisas.

A João, um amigo que conheci durante a caminhada do mestrado e que muito me ajudou nas minhas principais dificuldades com o uso da tecnologia.

A Universidade do Estado do Amazonas que através de seu programa de interiorização e extensão oportunizou que residentes em municípios do interior tivessem a oportunidade de acessar cursos de mestrado mais próximo de seus lugares de residências, como ocorre em Tefé, no CESTE/UEA.

Ao Programa de Mestrado Interdisciplinar em Ciência Humanas, sob a coordenação da Professora Doutora Lúcia Puga, que além de ser bastante acessível, sempre se desdobrou para nos atender nas necessidades que pudessem viabilizar um maior e melhor desenvolvimento, como mestrandos.

Aos professores do curso, Yomarlei Holanda, Guilherme Gitay e Cristiane Dá Silveira, pelos ensinamentos, discussões, debates, encaminhamentos e trocas de experiências. Minha gratidão a estes dedicados e competentes doutores que me oportunizaram importantes vivências no mundo do conhecimento acadêmico.

A minha banca de qualificação composta pelos doutores Yomarley, Thiago e Deilson Trindade, estes possibilitaram-me não apenas um direcionamento de meu trabalho de pesquisa, mas também orientações que me fizeram refletir sobre a própria caminhada no universo acadêmico. Abriram-me os olhos para questões que eu não tinha conseguido enxergar. As críticas e cobranças que me causaram nervosismo, se transformaram em lentes e bússolas, para os demais passos da caminhada rumo a conclusão da pesquisa.

As benzedeadas, benzedores, benzidos e benzidas, meus principais companheiros no desvelamento dos saberes e práticas dessa significativa ciência (os benzimentos). Pela disposição e boa vontade em contribuir com informações que me ajudaram a compreender a dinâmica presente nos processos de benzimentos como legítimas práticas de curas.

Ao meu orientador, professor doutor Diego Omar da Silveira, que conduziu meus passos no final da jornada até a conclusão de meu trabalho, pelas contribuições, orientações e lições que me ajudaram na finalização de minha dissertação. Suas contribuições estarão gravadas como caracteres fixos em minha vida acadêmica.

Ao meu coorientador, professor doutor Yomarley Holanda, que além das aulas teóricas como professor do curso, também orientou meus primeiros passos nas trilhas do conhecimento e da pesquisa, mostrando os caminhos por onde deveria seguir. Pela atenção, competência e disponibilidade que ajudaram a iluminar minha caminhada acadêmica. Suas contribuições ficarão em minhas memórias como momentos muito significativos.

A todos e todas que direto ou indiretamente contribuíram para realização deste trabalho e conclusão deste curso.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo investigar os conhecimentos e práticas de benzimentos, definidos como “o saber-fazer” das benzedeiras e benzedores, como manifestação da cultura popular e práticas de curas inscritas no contexto amazônico, em especial em Fonte Boa (AM), município situado no alto Solimões, cuja formação aponta para uma aldeia indígena onde os processos de benzimentos são observados com muita frequência sendo realizados por homens e mulheres e procurados por pessoas pertencentes a nível intelectual e sócios econômicos diversos. O estudo, de caráter qualitativo, foi desenvolvido a partir de uma abordagem bibliográfica considerando clássicos que enfatizam povos e saberes tradicionais, bem como pesquisadores mais regionais que contribuíram para pensar os processos de benzimentos dentro do cenário amazônico. Como método de pesquisa utilizou-se da etnografia realizada dentro do perímetro urbano do município, onde embora fora do contexto mais rural ou dos grupos e aldeias de povos tradicionais esses saberes permanecem sendo utilizados. A pesquisa possibilitou desvelar uma significativa parcela dos conhecimentos das benzedeiras e benzedores em Fonte Boa, bem como da postura dos benzidos que ao procurarem esses serviços legitimam essas práticas de cura que surgem atreladas à religiosidade, às crenças e à fé das pessoas que veem nestes uma ação alinhada a atenção a saúde e o bem-estar humano, tanto no âmbito físico quanto espiritual. A pesquisa demonstrou ainda que na realização dos rituais existe uma presença significativa de recursos da natureza, como as plantas medicinais, mas também de elementos que exercem função simbólica, como pano virgem, vela, terço, etc., além das imagens dos santos que fomentam a fé dos benzidos nos processos de benzimentos.

Palavras-chave: Benzimentos, Religiosidade popular, Benzedeiras e benzidos, Saber-fazer.

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo investigar los conocimientos y prácticas de los benzimientos, definidos como “el saber-hacer” de las benzedeiras y benzedores, como manifestación de la cultura popular y prácticas de curación inscritas en el contexto amazónico, especialmente en Fonte Boa (AM), municipio situado en el Alto Solimões, cuya formación apunta a una aldea indígena y donde los procesos de benzimientos se observan con gran frecuencia, siendo realizados por hombres y mujeres y buscados por personas pertenecientes a diversos niveles intelectuales y socioeconómicos. El estudio, de carácter cualitativo, se desarrolló a partir de un enfoque bibliográfico, considerando autores clásicos que enfatizan los pueblos y saberes tradicionales, así como investigadores más regionales que contribuyeron a reflexionar sobre los procesos de benzimientos dentro del escenario amazónico. Como método de investigación se utilizó la etnografía realizada dentro del perímetro urbano del municipio, donde, aunque fuera del contexto más rural o de los grupos y aldeas de pueblos tradicionales, estos saberes continúan siendo utilizados. La investigación permitió revelar una parte significativa de los conocimientos de las benzedeiras y benzedores en Fonte Boa, así como la postura de los benzidos, quienes al buscar estos servicios legitiman estas prácticas de curación que surgen vinculadas a la religiosidad, las creencias y la fe de las personas, que ven en ellas una acción alineada con la atención a la salud y el bienestar humano, tanto en el ámbito físico como espiritual. La investigación demostró además que, en la realización de los rituales, existe una presencia significativa de recursos de la naturaleza, como las plantas medicinales, pero también de elementos que cumplen una función simbólica, como tela virgen, vela, rosario, etc., además de las imágenes de los santos que fomentan la fe de los benzidos en los procesos de benzimientos.

Palabras clave: Benzimientos, Religiosidad popular, Benzedeiras y benzidos, Saber-hacer.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa da Bacia Hidrográfica da Região Amazônica.....	20
Figura 2. Mapa da Cobertura Vegetal do Amazonas.....	21
Figura 3. Mapa da Divisão Política Administrativa do Amazonas.....	22
Figura 4. Mapa da Divisão Política Administrativa do Amazonas, em destaque o município de Fonte Boa.....	24
Figura 5. Fluxograma da relação Benzedeadas, Benzimentos e Benzidos.....	49
Figura 6. Reza para cobreiro.....	51
Figura 7. Altar com santos católicos.....	74
Figura 8. Terço.....	78
Figura 9. Vela.....	78
Figura 10. Vassourinha.....	113
Figura 11. Pinhão Roxo.....	114
Figura 12. Carvão.....	117
Figura 13. Pano virgem, agulha e linha.....	118

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Benzedeadas e benzedores colaboradores da pesquisa.....	36
Quadro 2. Benzidos colaboradores da pesquisa.....	43
Quadro 3. Matrizes religiosas que hibridizaram os benzimentos na Amazônia.....	61
Quadro 4. Comparativo entre os processos de benzimentos na Amazônia com o restante do Brasil.....	94
Quadro 5. Doenças mencionadas pelas benzedeadas em Fonte Boa.....	105
Quadro 6. Plantas medicinais usadas pelas benzedeadas e benzedores.....	111

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AM	Amazonas
UEA	Universidade do Estado do Amazonas
PPGICH	Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas
SEDECTI	Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação.
IDAM	Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
CETI	Centro Educacional de Tempo Integral
EAD	Educação a Distância
CETAM	Centro de Educação Tecnológica do Amazonas
PROFORMAR	Programa de Formação e Valorização de Profissionais da Educação
CONEDU	Congresso Nacional de Educação
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
SEMA	Serviço Municipal de Abastecimento de Água

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I – CENÁRIOS E SUJEITOS: TECITURAS DAS TEIAS DOS BENZIMENTOS EM FONTE BOA.....	18
1.1 O Solo das tessituras dos processos de benzimentos.....	17
1.2 As teias da vida de pesquisador e pesquisa	29
1.3 Benzedeiras e benzidos: identidades entrelaçadas pelos benzimentos	34
CAPÍTULO II – RELIGIOSIDADE POPULAR E AS PRÁTICAS TRADICIONAIS DE BENZIMENTOS	51
2.1 Benzimentos como expressão da religiosidade fonteboense	52
2.2 Tradição e modernidade nas práticas de benzimentos.....	63
2.3 O prático e o simbólico nos processos tradicionais de curas.....	68
CAPÍTULO III – O SABER - FAZER: CONHECIMENTOS, PRÁTICAS E SIGNIFICADOS DOS PROCESSOS DE BENZIMENTOS	82
3.1 Ciência tradicional e moderna: encontros e desencontros nos benzimentos.....	83
3.2 Os processos de benzimentos no cenário amazônico.....	91
3.3 As práticas de benzimentos em Fonte Boa.....	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS.....	125
ANEXOS.....	134

INTRODUÇÃO

“O saber-fazer nos processos de benzimentos em Fonte Boa (AM)” consiste em um estudo que explora um recorte dos conhecimentos tradicionais que sempre estiveram a serviço do bem-estar humano. Essa condição, por sua vez, foi e tem sido uma busca constante de todas as gerações. Nessa busca, ações, esforços e recursos diversos foram empregados na resolução de problemas que atingiam e atingem o corpo e o espírito dos indivíduos, muito antes da medicina moderna ser concebida.

Dentro desse contexto os processos de benzimentos se definem como legítimas práticas de curas e como uma entre as diversas manifestações da cultura dos povos ancestrais que têm se mantido plena por gerações no cumprimento de sua missão e como referência representativa das crenças, religiosidade e maneiras de ser, estar e interpretar a realidade no mundo.

Essas práticas tradicionais na região Amazônica ganham singular destaque, inicialmente pela composição étnica, constitutiva dos primeiros habitantes da região com todo seu conjunto de saberes e, segundo, pelo potencial dos recursos naturais que a compõem, onde os povos, por gerações, buscam e encontram parte dos recursos para a realização de seus rituais de curas.

Ao buscar explorar essa temática a pesquisa imerge nos conhecimentos e práticas expressas pelas rezas, pelos rituais, pelo uso de objetos e plantas e pela religiosidade popular que fomenta as crenças nos processos de curas realizados desde tempos imemoriais. A pesquisa aborda ainda as dinâmicas presentes na configuração dos benzimentos, onde se estabelece uma relação entre os povos que com seus conhecimentos culturais, tornaram os benzimentos amazônicos uma prática extremamente híbrida.

Nesse sentido, o estudo busca investigar os saberes e fazeres, além dos significados dos processos de benzimentos como manifestação cultural da religiosidade popular e promoção do bem-estar humano no município de Fonte Boa, promovendo a compreensão dos cenários e sujeitos, da relação com a religiosidade, a tradição e a modernidade desse tipo particular de ciência.

A pesquisa foi desenvolvida no perímetro urbano do município de Fonte Boa, principalmente nos bairros mais periféricos, locais mais afastados do centro da cidade que agregam maior número de indivíduos oriundos de grupos tradicionais indígenas e ribeirinhos vindos de comunidades rurais onde a presença das práticas de benzimentos se

apresenta com grande notoriedade, ainda que em todo o perímetro do município essas práticas encontrem-se presentes.

O estudo contou com a colaboração de homens e mulheres praticantes de benzimentos e com a participação de pessoas que usam esses rituais como forma de resolver diversos problemas de saúde, de ordem física e espiritual.

A realização desse estudo que possui uma natureza qualitativa se efetivou através de uma pesquisa bibliográfica, que de acordo com Severino (2007) consiste no registro disponível, decorrente de estudos anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc., e de uma etnografia, que Clifford Geertz (1973) define como sendo uma forma de descrever eventos, ações e experiências em um contexto específico, compreensão que se aplica ao estudo dentro dos grupos humanos urbanos, onde os pesquisadores imergem para captar as nuances das interações sociais, de modo a compreender as lógicas pelas quais sujeitos e grupos operam em seus cotidianos.

Magnani (2014) oferece contribuições para o entendimento desse processo quando explica a prática da etnografia aplicada a contextos urbanos, destacando os dinâmicos processos socioculturais presentes nas cidades, conforme ocorre nesse estudo, cuja configuração encontra-se enredados por aspectos práticos e pelos significados que os legitimam.

Inicialmente a temática foi explorada de forma teórica com um levantamento de referências (livros, artigos, dissertações, teses, etc.), que abordam temáticas relativas à Amazônia, em especial os estudos sobre povos originários tradicionais, as cidades e comunidades do interior. Seguiu-se a isso, uma segunda parte do trabalho de campo, que consistiu em um processo de seleção ou recrutamento dos (as) colaboradores. Esta etapa culminou com a identificação de 3 benzedeiras e 2 benzedores, além de 2 homens e 3 mulheres denominados de (benzidos), membros da comunidade que utilizam os benzimentos como práticas de curas.

O contato com os colaboradores foi feito por meio de visita presencial, onde se apresentou o objetivo da pesquisa e foi feito o convite para colaborar como informante no estudo, tudo obedecendo protocolos de pesquisa com pessoas, inclusive com a utilização de dados com consentimento dos sujeitos da pesquisa, bem como com a utilização dos dados, apenas com finalidades acadêmico-científicas.

Em campo foi realizada inicialmente a parte da observação que buscou compreender a dinâmica dos processos envolvidos nas práticas de benzimentos. Essa etapa aconteceu, no

caso das benzedeiras e benzedores em seus lugares de atendimento. A observação focou tanto na

relação das benzedeiras e benzedores com os benzidos, quanto nos rituais e nos recursos que utilizam, permitindo perceber minúcias que um olhar mais distante ignoraria.

A fase seguinte ocorreu com a realização de entrevistas com roteiros semiestruturados, que foram aplicados para as(os) colaboradoras(es), benzedeiras e benzedores e para as pessoas selecionadas que se utilizam dos benzimentos. As entrevistas buscaram aprofundar o entendimento sobre os comportamentos, atitudes e as percepções sobre os processos de benzimentos. Em Manzini (2004), o entendimento acerca desse tipo de entrevista se destaca por permitir obter dados em diversos contextos de interação social. Na pesquisa, esse instrumento possibilitou explorar tanto os saberes quanto os fazeres desses atores sociais, a partir do olhar do entrevistado e do entrevistador, por onde a realidade foi apreendida.

Paralelamente aos procedimentos descritos acima, foram selecionados para a coleta de dados instrumentos que possibilitaram, além da obtenção e registro de informações o armazenamento adequado de informações para posterior análise. Dentre estes, o caderno de campo mereceu singular atenção por tratar-se de um objeto físico que é capaz de aceitar com versatilidade tanto aquilo que o pesquisador observa como seus próprios dilemas, angústias e experiências, ou como aponta Magnani (1997) a trajetória do pesquisador e da pesquisa. Além do caderno de campo, câmara fotográfica e gravador de áudio também foram usados.

Após esses procedimentos os dados passaram por uma análise crítica e interpretativa a fim de, considerando a literatura especializada abordada, entender as tecituras¹ que envolvem e constituem os processos de benzimentos no local estudado. As contribuições de Geertz (1973) foram fundamentais para orientar essa etapa permitindo que adentrássemos nas camadas de significados que existem dentro do contexto de determinada observação. Em consonância com os padrões de ética em pesquisa nas ciências humanas, após concluída a etapa de coletas de dados passou-se à transcrição das entrevistas e organização das demais informações obtidas, sendo em seguida os participantes, individualmente, convidados para apreciar as transcrições, que preservaram as palavras e expressões utilizadas pelos participantes com seus respectivos contextos linguísticos, evitando interpretações que pudessem comprometer o seu sentido original.

¹ Tecituras é a maneira como os elementos de um todo são organizados ou entrelaçados

O entendimento da expressão “saber-fazer”, que intitula o texto faz referência aos conhecimentos e práticas desvelados durante esse processo junto a seus representantes legítimos que ao longo das gerações aprenderam e desenvolveram o ofício dos benzimentos utilizando-os como processos voltados a atenção com a saúde do corpo e do espírito. Para uma compreensão ao mesmo tempo global e local desses conhecimentos, seus agentes e suas entrances, o

trabalho foi dividido em 3 capítulos com fins onde se contextualiza os cenários, sujeitos, saberes e fazeres que norteiam o estudo.

No primeiro capítulo, intitulado **“Cenários e Sujeitos: Tecituras das Teias dos Processos de Benzimentos em Fonte Boa”** é apresentada uma caracterização histórica, geográfica e sociocultural do Município de Fonte Boa, lugar onde a pesquisa se desenvolveu e que agrega particularidades quanto à presença dos conhecimentos tradicionais. No sentido histórico, longe da ideia de busca pelas origens, é delineado um marco cronológico de fundação, além da apresentação da dinâmica sofrida nas trocas de lugares e nomes até a definição de Fonte Boa, como e onde se conhece na atualidade.

Neste capítulo, disserta-se em forma de memorial descritivo as vivências do pesquisador como membro de comunidades tradicionais ribeirinhas das margens do rio Amazonas, enfatizando a relação com esses saberes tradicionais e com o conhecimento moderno e a pesquisa a partir da entrada no mestrado, além de uma abordagem identificadora dos principais colaboradores (benzedeiras/ benzedores e benzidos), que habitam a zona urbana do município.

O segundo capítulo recebe o título de **“Religiosidade Popular e Benzimentos”**. Nele abordamos a questão da religiosidade que enseja os processos de benzimentos, destacando a relação entre tradição e modernidade, como características presentes nesses saberes. Abordamos a luz das literaturas ações práticas e seus significados simbólicos, atitudes importantes para as benzedeiras e benzedores, mas também para os benzidos que encontram nestes fatores fomentadores de sua fé e crença.

O terceiro e último capítulo definido com o título de **“O Saber-Fazer: Práticas e Significados na relação benzedeiras e benzidos em Fonte Boa”**, apresenta-se uma caracterização dos sujeitos detentores dos saberes de cura (benzedeiras/benzedores) e das pessoas (benzidos) que utilizam tais saberes para resolver diversos problemas de saúde, junto a discussão a partir das observações e entrevistas realizadas com essas personagens. Esse capítulo descreve com rigor as relações e experiências de práticas e como esses

saberes são usados na operação das curas.

Apresentam-se alguns exemplos de rituais e significados que dão credibilidade e validam os benzimentos, sua importância social, relacionado a compreensão de seus detentores acerca das doenças causas e curas, expondo técnicas e recursos que são usados nas práticas das curas, que se traduzem com o uma manifestação identitária da cultura amazônica.

CAPÍTULO I – CENÁRIOS E SUJEITOS: TECITURAS DAS TEIAS DOS BENZIMENTOS

1.1 O Solo das tecituras dos processos de benzimentos.

O lugar a que denominamos de “solo” onde a pesquisa se desenvolveu encontra-se situado no coração da Amazônia onde benzer é uma prática cultural de cura arraigada nas tradições e religiosidade do povo. A Região sempre foi descrita como portadora de características bem particulares, não só pela biodiversidade, mas também pela gênese da ocupação conforme descrito no texto “A Invenção da Amazônia” de Neide Gondin (2009), onde a autora apresenta as narrativas de viajantes e cronistas europeus, que embora de maneira fantasiosa, já davam conta da existência de diversos povos habitando a região. Povos com tradições, costumes e práticas alinhadas e harmonizadas com a natureza e seu potencial biótico e abiótico que potencializaram seus conhecimentos.

Nas narrativas comparativas da região, hora como “paraíso” hora como “inferno verde” também aparecem referências sobre a imensidão dos rios com suas águas, com tonalidades diferentes onde habitariam seres vivos de diversas espécies, o que acabou fertilizando o imaginário, principalmente dos povos ribeirinhos, conforme Holanda (2024). Enquanto cenário onde os processos socioculturais se caracterizam pela sabedoria dos povos ancestrais, Loureiro (1995) em sua tese de doutorado intitulada de “Cultura Amazônica: Uma poética do imaginário” se refere a região destacando a existência articulada entre duas Zonas: a Urbana e a Rural na composição do universo amazônico, o que nos permite a compreensão da presença dos saberes dos povos ancestrais no meio rural, mas também dentro dos espaços das cidades.

Outro aspecto característico da Amazônia que faz referência ao *locus* da pesquisa é a diversidade cultural que compõe a região onde se evidencia os modos de vida e a relação com a natureza, conforme afirma Castro (2012) ao conceber a Amazônia não como um mero

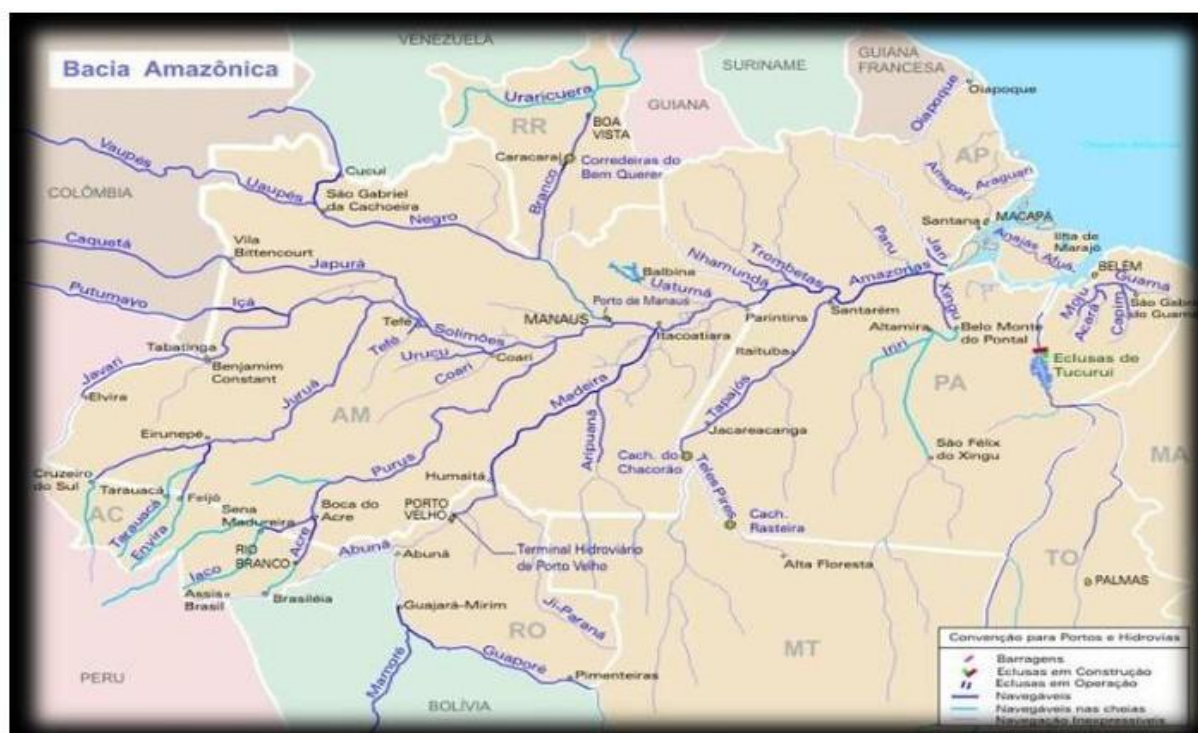
espaço geográfico, mas um lugar onde se entrelaçam diversas formas de vida e saberes. É nessa dinâmica existencial que ganha destaque o entendimento de Paiva e Soares (2018), ao afirmarem em artigo intitulado, “Identificação e cenários do protagonismo indígena na Amazônia: Lutas e direitos” publicado na obra “Amazônia Cultura e Sociedade”, organizada por Diogo Gonzaga Torres Neto quando afirmam que:

Para compreender e interpretar a Amazônia que se constitui em uma complexidade, é necessário o enriquecimento através da troca de conhecimentos e do entrelaçamento de experiências mútuas entre os saberes tradicionais e o saber científico, a partir de uma visão transdisciplinar unindo as diversas áreas das ciências, em que os valores e atitudes opostas possam ser pensados para ocorrer as mudanças de paradigmas, proporcionando intervenções na construção do tipo de sociedade que queremos (Torres Neto, 2028)

Nesse cenário de complexidade exuberante, o Amazonas desponta como estado da região onde as características e referências do modo de vida dos habitantes ancestrais são extremamente observadas, ao mesmo tempo como diverso e único, pelas especificidades que apresenta. Portador de uma Área Territorial de 1.559.256,365km², IBGE, (2022), o Estado, segundo o Censo de 2022 possui uma população de 3.941.613 pessoas residentes nas Zonas Rural e Urbana, o que torna a região extremamente diversificada e dinâmica demandando grande esforço para o atendimento das necessidades básicas da população, principalmente ribeirinhos e indígenas que habitam as localidades mais afastadas dos centros urbanos.

Banhado principalmente pelo rio Amazonas, uns dos maiores rios do mundo, que dita à dinâmica da vida dos moradores das inúmeras comunidades e município que os margeiam, além de outros de menores portes como Rio Jutai, Rio Juruá, Purus, Rio Negro, entre outros, o estado também é caracterizado pelo “manto verde” a floresta exuberante que inveja o mundo, e que é fonte de economia e sobrevivência para muitos moradores da região. Povos que de acordo com Erick Rubens (2024), são constituídos principalmente por indígenas e ribeirinhos, além de outras populações que têm uma experiência ímpar e secular de batalha pela vida e uma relação simbiótica com a natureza. As imagens a seguir nos ajudam a compreender um pouco esse cenário natural.

Figura 1: Mapa da Bacia Hidrográfica da Região Amazônica



Fonte: Secretaria Executiva do Ministério dos Transportes, 2011.

Como questão central os rios, muitas vezes referendados nesse texto, são fundamentais para a vida dos amazônidas, o que justifica a afirmação de que eles conduzem a própria vida de muitos homens e mulheres tanto habitantes das comunidades rurais que lhes margeiam quanto dos moradores da sede do município que diuturnamente veem seu progresso e sua gente chegando e partindo dos portos em canoas e barcos que seguem para diversos afluentes e povoados rurais e em barcos maiores os recreios² para outros municípios, principalmente cidades maiores e a capital do estado que funciona como um sustentáculo dos diversos municípios do interior. O poeta amazonense Tiago de Mello (1987, p. 26), na obra “Amazonas pátria da água” nos possibilita entender tanto a importâncias como a imensidão das águas bem como a dinâmica que nela se efetua ao afirmar que trafegam nessas águas.

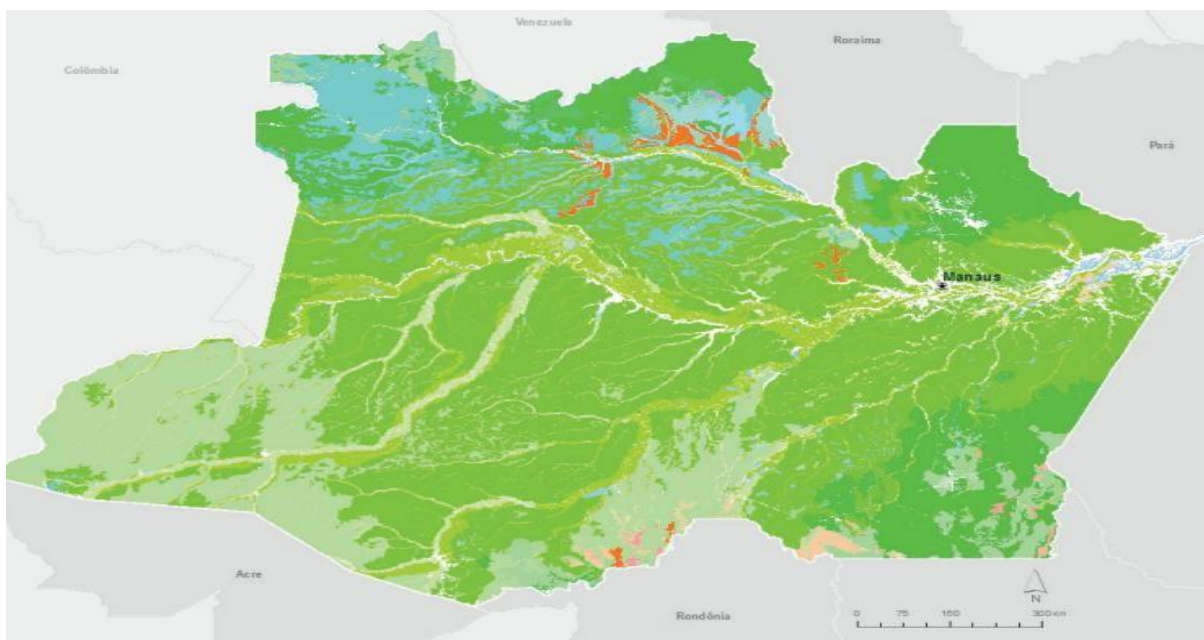
[...] embarcações dos mais diversos tipos e tamanhos que viajam para os incontáveis afluentes, paranás, igarapés e furos de quase toda a bacia amazônica “, bem como “Ao redor e para além dos barcos, estão as canoas, a remo de faia ou a motor de popa, dos mercadores fluviais (Mello, 1987, p. 26).

O poeta ao descrever tipicamente as embarcações, que constituem os principais

² Recreio é um tipo de barco utilizado para o transporte de pessoas e mercadorias entre os municípios e a capital do Amazonas

meios de transportes da maioria dos habitantes do Amazonas, também esclarece os nomes dados pelas populações aos afluentes que emergem dos rios principais, deixando claro que o Amazonas, não se resume a um rio, um estado, mas um universo de onde a própria vida emerge. Outra característica importante que identificar o Amazonas é sua rica e diversificada constituição vegetal.

Figura 2: Mapa da Cobertura Vegetal do Amazonas



Fonte: SEDECTI - Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação, 2020.

É possível observar pela imagem que, além a imensidão dos recursos hídricos, compostos por seus diversos rios que parecem serpentear todo o estado, o Amazonas também é caracterizado pelo verde das florestas cuja importância não se limita a questão das espécies vegetais, mais de sua função como potencial de equilíbrio na atmosfera brasileira e até mundial. Higuchi; Higuchi (2004), afirmam que:

A floresta tem papel importante, de forma intrínseca, na proteção de outras formas de vida e na manutenção dos processos biológicos que controlam a produção e produtividade dos ecossistemas. Da mesma forma, a floresta fornece importantes serviços ambientais (regulagem de secas e cheias, controle da erosão do solo e sedimentação dos rios, descarga de águas subterrâneas e outros), que, frequentemente, são subavaliados, primariamente porque eles não têm preço no mercado tradicional e porque os efeitos de sua destruição não são percebidos antes que os benefícios de curto prazo cessem (Higuchi; Higuchi, 2004, p. 09).

Higuchi, afirma ainda que “florestas precisam ser vistas como um capital natural fornecendo uma rede permanente de benefícios e serviços, que suporta, fortalece e protege o desenvolvimento econômico e a qualidade de vida” (Higuchi; Higuchi, 2004, p. 10).

Atualmente o Estado do Amazonas é constituído por 62 municípios, além da capital, Manaus sendo que a maioria foram originados por aldeias indígenas às margens dos rios e que sofreram a influências das evangelizações realizadas por missionários católicos ao longo dos séculos XVI e XVII, período que de acordo com Azzi (2008), a igreja exerceu forte influência sobre a ocupação do território brasileiro. A ocupação aparece demonstrada no mapa da divisão política, com os municípios situados, conforme afirmado, quase na totalidade nas margens dos rios, com destaque para o rio principal, o Amazonas, que dá nome ao próprio estado.

Figura 3: Mapa da Divisão Política Administrativa do Amazonas



Fonte: Amazonas em Mapas, 2016.

Fonte Boa, o solo da pesquisa, encontra-se nesse espaço. Localidade onde mulheres e homens são encontrados com muita frequência realizando benzimentos e efetivando curas, que se traduzem em uma prática de atenção e promoção à saúde. “A Cidade que o Barranco Levou” conforme Holanda (2014), assim caracterizada por conta de um processo erosivo que fez desaparecer parte do antigo município de Fonte Boa também é

evidenciada pelas palavras de Lisboa (1998), quando na Obra “Chão de Heróis e fanáticos” afirma que “cada geração que viveu neste torrão amazônico presenciou e temeu a terra caída que, rapidamente como um sonho, destruiu em tão pouco tempo, o que se levou séculos para construir”. Encontra-se a 680 km distante da capital do estado do Amazonas (Manaus), em linha reta e a 1.033 km por via fluvial. Neste município o acesso se faz principalmente por barcos (recreios) e lanchas velozes. Por via aérea, atualmente só aviões de pequeno porte e nos casos de urgência e emergências, pois o aeroporto encontra-se desabilitado por motivo de reforma, para pousos e decolagens de aviões comerciais de grande porte. Logo, as chegadas e saídas se efetuam principalmente pela dinâmica do porto. Os portos na região Amazônica se enchem de significados pelo que representam para as pessoas que habitam tanto os municípios como as comunidades às margens dos rios. De acordo com José Carlos de Araújo, professor da UFAM, “os portos são fundamentais para o desenvolvimento econômico da região, pois possibilitam a movimentação de mercadorias e a conexão com outros mercados” (Araújo, 2020). No caso de Fonte Boa, não só o desenvolvimento econômico, mas também todo o fluxo de pessoas, onde também se evidenciam as idas e vindas dos ribeirinhos para a cidade e de diversas pessoas para as comunidades ribeirinhas, especialmente nos períodos das festividades dos santos padroeiros que as comunidades realizam.

O município, cujas margens são beijadas pelas águas do rio Amazonas descritas por Holanda (2025), como águas mãe, útero e sepultura, água que dissimula e resguarda segredos, água que limpa, cura, lava, escorre, rompe, símbolo de purificação universal, encontra nelas um importante elemento que fomenta a vida tanto rural quanto urbana, além de possuir elementos que, segundo o autor, fertilizam o imaginário das pessoas.

Os rios são canais de acesso a praticamente todos os municípios do Amazonas, neles trafegam barcos que conduzem a vida e o desenvolvimento amazônico, concepção que se ancora nas palavras de Mello (1990) ao definir o estado como “Pátria da Água” onde dentre outros aspectos o autor destaca a relação que a região estabelece com as águas, não apenas como recurso hídrico, mas também pelo valor simbólico, tema de músicas, poesias, etc.

Nosso pedaço de chão se insere nesse espaço em que o real e o imaginário se confundem, onde as narrativas dão conta de uma realidade extremamente fundida aos conhecimentos da ancestralidade.

Figura 4: Mapa da Divisão Política Administrativa do Amazonas



Fonte: Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos, 2012.

A imagem mostra, em destaque, o município de Fonte Boa com seus limites dentro do estado do Amazonas.

Fundado, de acordo com Lima, (2021) no final do século XVII, pelo padre jesuíta Samuel Fritz em uma aldeia de povos indígenas Omáguas, o que é hoje o município de Fonte Boa foi instalado inicialmente, conforme assinala Lisboa (2013), com o nome de Nossa Senhora de Guadalupe nas cabeceiras do Paraná do Cajarai³. De acordo com Lisboa o nome teria sido dado por caçadores que encontraram uma imagem com semelhanças a de Nossa Senhora de Guadalupe encontrada no México, também no mato. Em 1710, sob a responsabilidade dos padres carmelitas a aldeia aparece descrita com o nome de Taracuatíua, que dá nome a um tipo de formiga bastante comum na região. Segundo registros históricos da época, em 1873, por meio da Lei nº 251 de 22 de abril, após ser transferida da Foz do Paraná do Cajarai para um lugar de terra firme, finalmente a localidade recebeu o nome de Barreira de Fonte Boa.

O transcorrer desses fatos encontram-se alinhados com os escritos de Eilan Lins (2004), ao afirmar que “Fonte Boa está situada em plena ‘Terra dos Omáguas’, grande nação indígena que povoou o alto Solimões e foram em síntese, os primeiros habitantes deste torrão”.

Os dois autores, embora apresentem, em suas obras, contribuições importantes para

³ Cajarai é um paraná, hoje rio, que banha parte das margens do município de Fonte Boa e desagua no rio Solimões

a compreensão do torrão e sujeitos constitutivos do que se transformou na atual cidade de Fonte Boa, no que se refere a gênese do município, apresentam distorções com as pesquisas de Holanda (2010) que ao escrever sobre “A Festa na Cidade que o Barranco Levou: Dinâmicas culturais e políticas do brincar de boi em Fonte Boa (AM)”, fazendo um resgate histórico do Diário de Samuel Fritz desvela informações que lhe permite concluir que:

[...] os Omágua nunca habitaram de modo permanente o território hoje fonteboense, muito menos devem ser considerados como as populações mais antigas do lugar (ancestrais dos atuais cidadãos fonteboenses), posto que esta condição se refere fundamentalmente aos Jurimáguas (dentre outras etnias, obviamente) que, por seu turno, de forma alguma devem ser tomados como subgrupo dos Omágua. (Holanda, 2010, p. 117).

Outra contribuição das pesquisas de Holanda que ajudam a desvelar a história de Fonte Boa, além da discussão sobre esses povos originários da região tem a ver com as narrativas de sua constituição, onde as descobertas do pesquisador afastam-se das narrativas de Lisboa e Lins. Holanda descobriu que em uma das páginas do diário de Samuel Fritz encontra-se uma indicação de ocupação do que seria mais tarde o município de Fonte Boa. Segundo a narrativa de Fritz, foi um convite feito pelos índios Jurimágua, liderados pelo Curaca Mativa, para que um padre fosse aldeá-los e batizá-los. Pouco tempo depois o religioso desce o rio para esta missão, informação que aparece nos registros de Samuel Fritz datado do ano de 1689.

Geograficamente o município encontra-se localizado na 2ª Sub-Região – Região do Triângulo Jutaí, Solimões, fazendo limites com os municípios de Uarini, Juruá, Jutaí, Tonantins, Japurá e Marã. IDAM – FONTE BOA (2025). Com uma população de 25.871 habitantes, de acordo com o censo do IBGE, 2022 e, uma área de 12.156,034 km², onde culturas diversas se fundem em manifestações e práticas que caracterizam o torrão fonteboense. Práticas como a da agricultura de subsistência e a pesca que caracteriza economicamente o município.

Cultiva-se principalmente mandioca, banana algumas hortaliças, além de árvores frutíferas como o açaí que atualmente representa uma rica fonte de alimento e geração de renda para os fonteboenses. Essa prática agrícola sofre grande influência da sazonalidade, quando o rio seca e o município é abastecido por produtos trazidos das comunidades ribeirinhas que abastecem as feiras existentes. No período de cheia há uma significativa escarces de produtos básicos como verduras e legumes, haja vista existir uma limitada produção nas terras firmes.

Quanto ao pescado, os principais peixes que a região produz é o pirarucu e o

tambaqui, pescados no período de liberação pelo IBAMA e de pequenos peixes como pacu, sardinha, etc., mais usados para o consumo local. Além dos pertencentes ao setor primário, Fonte Boa também possui um quadro de funcionários públicos, principalmente municipais e estaduais, uma rede de comércio de pequeno e médio porte e alguns profissionais autônomos, que compõem e caracterizam economicamente o município.

Como boa parte dos municípios do interior, Fonte Boa, embora agregue condições e população que demandaria uma atenção especial quanto a serviços e políticas públicas, dispõe apenas de um hospital mantido pelo estado e 4 postos mantidos com recursos do município, atendendo a população da sede e da Zona Rural. Na sede, Fonte Boa, possui também 5 escolas estaduais e 4 municipais, atendendo aos escolares, em sua maioria de estudantes de classe média baixa e baixa, para quem são ofertadas Educação Infantil, séries iniciais e finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, nas escolas estaduais. Atualmente, conta também com um Centro Educacional de Tempo Integral – CETI, que comporta a maioria dos Estudantes do Ensino Médio, oriundos de escolas estaduais e municipais que ofertam o ensino fundamental.

Na área da Educação Superior, nos últimos anos o município vem recebendo vários cursos de faculdades particulares que são ofertados principalmente pelo sistema EAD (Educação a Distância) e Cursos Técnicos como os oferecidos pelo CETAM, que vem contribuindo com a formação de profissionais para atender as demandas potenciais da região.

Outro serviço de atendimento as necessidades básicas do município dizem respeito a existência de um sistema de energia elétrica, oferecido pela empresa MANAUS ENERGIA e um sistema de abastecimento de águas municipal, SEMA, que atende aos bairros do centro e da periferia.

Merece destaque também a composição étnica dos habitantes de Fonte Boa, pois embora com predominância de descendentes de povos indígena, recebeu forte influência dos nordestinos que foram trazidos para a região no período áureo da borracha, influenciados por ofertas de riquezas representadas pelo látex. Se divulgava o transporte gratuito para que o nordestino viesse e era dado um adiantamento para ser deixado com as famílias que lá ficavam. Isso fez com que ocorresse uma grande migração de nordestinos para toda a região da Amazônia, em praticamente todos os municípios. Euclides da Cunha escreve com rigor de detalhes no texto “Judas-Asvero” publicado na obra *À Margem da História*, cuja primeira edição data de 1909, a realidade a que eram submetidos os nordestinos na região. Contudo suas contribuições foram muito importantes para a

constituição da sociedade que temos hoje em terras como Fonte Boa.

A influência desses povos, porém não são referências apenas no desenvolvimento econômico da região, eles cravaram também marcas de sua cultura, hábitos, etc., como são observadas nas características dos fonteboenses, principalmente na culinária e nas crenças religiosas, que se destacam na região, onde muitas servem como fortalecimento das práticas tradicionais, em especial as que possuem como missão a atenção ao bem estar das pessoas, características observadas nos africanos e principalmente no muitos povos indígenas da região.

Dentro desse cenário diversificado de relações tanto culturais quanto biológicas, Fonte Boa, como já foi dito guarda com superioridade as características e tradições dos povos originários indígenas, constituindo assim uma ancestralidade evidenciada nas práticas e conhecimentos. Afirmação que bebe nas fontes de Paes Loureiro (2021), que na introdução da obra “Cultura Amazônica” ao descrever sobre isolamento e identidade afirma que há necessidade de enfatizar dentro da cultura amazônica a predominância do elemento indígena sobre o negro o branco e o caboclo, fato que descreve com precisão a realidade do município de Fonte Boa.

Ao buscar caracterizar culturalmente o município é impossível não destacarmos a religiosidade e as diversas manifestações artísticas presentes tanto na zona urbana quanto na zona rural. Como nosso interesse incide sobre o contexto urbano nos limitaremos a abordar essas manifestações dentro da sede do município. Definidas, em sua maioria, como cultura popular, essas manifestações aparecem descritas por Arantes (1981, p.21), como formada a partir das condições de vida, de trabalho e das relações sociais que se estabeleceram dentro das comunidades. Relações que dão sentido e transformam o pacato cotidiano do “homem do interior”, integrando e colocando em diálogo as classes sociais em seus diversos contextos. Conforme afirma Carlo Ginzburg (1992) historiador italiano, que ao postular a ideia de circularidade da cultura refere-se as influências recíprocas entre a cultura dos seguimentos dominantes e subalternos – movendo se de baixo para cima – num processo de dialogia mútua, como se observa na dinâmica existencial das manifestações fonteboenses.

Fonte Boa sofreu também influências diretas do período das missões. Azzis (2008) destaca dois momentos de ação da igreja em território brasileiro. O primeiro iniciado ainda no século XVI, chegando em meados do século XVII a região Norte e o segundo, com a organização das prelazias. Esse segundo momento foi fundamental pra propagação da fé

católica na região, além de influenciar diversas outras áreas sociais, como na educação, onde o MEB (Movimento de Educação de Base) se tornou a grande referência. Tais influências podem ser observadas conforme o narrado anteriormente sobre o encontro da imagem da atual padroeira do município que fomenta a fé dos devotos com as diversas dádivas recebidas por meio das promessas que fazem.

Atualmente, embora parte da devoção tenha diminuído, especialmente pelo surgimento de outros seguimentos religiosos, o culto aos santos padroeiros continuam ativos como por exemplo, a fé em Nossa Senhora de Guadalupe, padroeira do município e nos muitos outros santos venerados nos diversos bairros do município onde os festejos chegam a se estender por, em média, uma semana de rezas e festas onde as relações sociais se harmonizam, conforme destaca Rita Amaral (2000), ao fazer referência a convivência, dentro da cidade de todas as possibilidades de cultural tanto nos aspectos práticos quanto simbólicos, características que também aparecem nas palavras de Braga (2006, p. 08) ao descrever a cidade “como um espaço de múltiplas manifestações da cultura popular. Lugar de trocas, encontros e desencontros de diferentes atores sociais”.

Esses atos apresentam grande influência na identidade cultural dos povos das cidades e se relaciona estreitamente com a afirmação de Da Mata no texto “carnavais, malandros e heróis” quando ao observar os diversos rituais que se estabelecem dentro das cidades afirma: “os rituais servem, sobretudo nas sociedades complexas para promover a identidade social e construir seu caráter”.

Outro aspecto característico da cultura que caracteriza Fonte Boa são as manifestações artísticas que seguem um ritmo marcado por influências indígenas, afro e europeias expressas nas danças folclóricas juninas e principalmente nas festas de boi que movimentam o município. As festas juninas, quase sempre se limitam a apresentações culturais promovidas por escolas e alguns segmentos sociais mais do contexto local, porém o brincar de boi, além dos brincantes e artistas locais, atrai pessoas de diversos municípios do Amazonas e de fora dele para assistirem a uma apresentação que nasceu como boi de terreiro⁴ sendo brincado e realizado por pulares, conforme escreve Honda (2019), em sua tese de doutorado intitulado “o artista andarilho da Amazônia” ao declarar:

Nossa meninice foi brincando de boi pelas ruas e quintais. O boi ente mágico das noites escuras de Fonte Boa se materializava numa estrutura de ripas de madeira preenchida com samambaia, nada de enfeites e nem muito brilho, tudo era improvisado. Essas lembranças de criança, às vezes turvas pelo tempo, ainda nos

⁴ Boi de Terreiro remete as raízes tradicionais históricas do brincar de boi. Brincadeira que acontece nos terreiros e quintais envolvendo familiares e vizinhos.

seguem e persistem: o tambor feito de lata de goiabada ou tinta, as fantasias de papelão velho, o Negro Chico, a roda de índios, o batuque, o boi brinquedo que bailava livre (Holanda, 2019).

Tal narrativa dá conta de muitos esclarecimentos de uma manifestação, ainda que vinda de outras regiões, mas que se materializou, como em outros, em solo fonteboense, contando e recontando, vivendo e revivendo lendas, mitos e contos amazônicos e fonteboenses, juntos a elementos característicos da ancestralidade e dos conhecimentos tradicionais locais.

Assim, embora havendo muito que contar sobre o solo, o chão da pesquisa o exposto nos apresenta um espaço geográfico marcado pelas crenças e a força da fé nos rituais e na religiosidade que emergem de povos locais e dos vindos de outras regiões e que se fundiram na produção de práticas culturais que se tornaram extremamente específicas em Fonte Boa.

1.2 As teias da vida de pesquisador e pesquisa

Praticamente todo amazônida tem cravado em suas memórias algumas relações com a natureza, com as águas dos rios, as florestas que cobrem o chão e, quase sempre, com a cultura tradicional que emerge desses rincões. Minha história e relação com meu interesse de pesquisa remetem a esse cenário. Legítimo amazonense nascido no interior⁵, minha consciência recorro de um lugar isolado, com duas residências próximas, onde se vivia do plantio e da pesca, onde os recursos da natureza eram (são) os remédios, os laboratórios e mulheres e homens idosos que se buscavam a remo⁶ em lugares distantes para socorrer os enfermos eram verdadeiros médicos. As palavras de Erick Rubens (2022) em sua dissertação de mestrado intitulada “O benzimento e os saberes tradicionais em saúde no município de Amaturá – AM” nos ajuda a entender essa realidade ao afirmar que em alguns lugares benzedeiras e benzedores são o único recuso no tratamento com a saúde.

Um lugar de vida abundante ao curso da natureza, mas limitada quanto ao progresso do conhecimento, que o ocidente, nos imputa como o verdadeiro, o que desenvolve e o que deve ser buscado. Lembro-me das palavras de minha mãe, descendente direta de avós e pais indígenas, como canção nos meus ouvidos, falando a meu agora saudoso pai: “esses meninos precisam estudar, precisam ser alguém na vida”. E na verdade já éramos, mas em uma perspectiva colonialista ocidental, não éramos ninguém até que tivéssemos um

⁵ Interior é uma expressão usada na Amazônia para designar comunidades ribeirinha.

⁶ Remo é um instrumento artesanal utilizado para auxiliar na locomoção de embarcações como canoas na Amazônia

documento identitário ou nosso nome escrito em uma “pele de papel” (Albert; Kopenawa, 2010).

Os autores, na obra “A queda do céu”, ao tratarem dos conhecimentos e realidades dos povos Yanomamis, que ao longo dos tempos sofrem agressões físicas e ideológicas impostas por uma realidade social e política que em muito ignora os conhecimentos desses povos, destacam que os “brancos” precisam registrar seus saberes em “pele de papel” para que não se percam, ao contrário dos Yanomamis, cujas memórias registram seus conhecimentos que são retransmitidos a gerações.

Essa forma de registros na memória é que me permite contar e recontar eventos importantes que compõem minha história inicial de alguém que sequer sabia decodificar as letras e sílabas do próprio nome, mas que possuíam uma aguçada crença nos conhecimentos que por meio da oralidade os mais velhos nos transmitiam. Lembro-me das vezes em que eu e meus irmãos nos ajoelhávamos juntos a um altar com imagens de alguns santos como São José, São Benedito, São Jorge e Nossa Senhora para rezar pagando promessas por alguma cura obtida. Não foram poucas as vezes em que por ordem de meus pais atendendo a uma senhora, que era benzedeira e parteira, ia ao terreiro de casa pagar ramos de vassourinha para benzer em meus irmãos e em mim. Por vezes recordo ter sido banhado e benzido pra resolver problemas de ferimento na cabeça.

Ainda que aqueles rituais nos fossem pouco inteligíveis, tínhamos a certeza de que eram ações que certamente resolveria o problema sem que houvesse a necessidade de enfrentar longas horas a remo até a sede do município onde, por sorte poderia encontrar um médico no hospital. A falta de acesso a serviços básicos como saúde e educação nos limitava das condições mínimas de cidadania, como também das possibilidades de progresso se não ousássemos a desafiar a própria realidade em busca de melhoria na qualidade de vida. Pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dá conta desse contexto ao afirmarem que as comunidades ribeirinhas e indígenas na região amazônica enfrentam dificuldades significativas em termos de acesso a serviços básicos, como saúde e educação. “A falta de infraestrutura e recursos é um dos principais obstáculos para o desenvolvimento das populações que vivem no interior do Amazonas” (IBGE, 2020).

Conheci a escola somente aos 11 anos de idade, após insistência de minha mãe em mudarmos para a cidade. Porém aquele me era um ambiente estranho, causava várias sensações: medo, angústia, entusiasmo, emoção. Novos amigos, novas vivências. A realidade da vida simples do interior, onde os saberes tradicionais serviam para solucionar

muitos de nossos limites na área da saúde, estava sendo substituída por uma nova dinâmica, ainda que esses saberes continuassem sendo nossa principal referência de conhecimento.

Lembro-me das acertadas palavras de Newton Mendonça (1960), ao afirmar que “todo processo novo assusta”, especialmente quando somos levados a abandonar nossa zona de conforto, mesmo que em busca de melhorias na qualidade de vida. Um novo contexto, novos desafios quase sempre nos causam apreensão. Porém em muitas realidades o afastamento da Zona de Conforto é a única condição de ascensão social, o que ocorre com muita frequência com os filhos de grupos comunitários que habitam as margens dos rios amazônicos, onde mesmo vivendo em harmonia com a natureza, existem poucas condições de desenvolvimento e progresso socioeconômico, levando muitas famílias a migrarem para os centros urbanos onde nem sempre a realidade é favorável a um progresso social. Essa migração, no entanto, promove o compartilhamento de características culturais significativas entre os grupos, ainda que pertencentes em um mesmo município as realidades rurais e urbanas das comunidades ribeirinhas e bairros acabam sendo portadores de caracteres que nem sempre se assemelham.

Num processo migratório entre o rural e urbano os caracteres específicos de cada realidade interagem e se complementam produzindo modificações naquilo que antes era característica particular. Esse fato aconteceu/acontece entre os membros de grupos tradicionais e os residentes nos centros urbanos, contudo, embora influencie e sejam influenciadas suas matrizes de conhecimentos sempre permaneces, como ocorre com as práticas de cura, entre elas os processos de benzimentos, que mesmo os detentores desses saberes passando a residir próximo aos hospitais e serviços médicos, continuam com suas práticas do bem fazer tradicional.

Enfrentei então um verdadeiro processo de desterritorialização, que Giles Deleuze e Felix Guattari (2007), definem inicialmente como o abandono do território. Território este que seguia o ritmo da natureza, onde os ciclos sazonais e os astros ditavam muitas de nossas atividades. As águas dos rios e as árvores, a canoa o remo, estavam sendo substituídos pela dinâmica da vida na cidade. A agitação das pessoas, as maneiras de ir e vir. Um novo modo de vida era agora minha nova realidade. Precisei então enfrentar um processo de territorialização, que dentro do entendimento dos próprios autores consiste em uma nova adaptação, tanto no modo de sobrevivência quanto de relações sociais.

Nesse momento, entrar na escola era meu principal objetivo, embora pouco ou quase nada soubesse de minha nova realidade. Minha primeira experiência foi muito frustrante, pois embora estivesse onde queria, meu total desconhecimento sobre o mundo

do conhecimento formal, me trouxe grande desconforto, senti-me fraco e com muita vontade de desistir. Lembro-me das palavras da professora que me alfabetizou, falando: não chora, se controla, você vai conseguir. As orientações daquela professora me serviram como motivação para continuar minha caminhada. Entre os muitos conselhos que recebi o que mais me recordo era de que através dos estudos se conseguia vencer na vida. Esse passou então a ser o meu sonho de futuro.

Das séries iniciais ao ensino médio, transitei entre o ensino regular e o supletivo, atual Educação de Jovens e adultos. Tive de me superar, para superar minhas deficiências de conhecimentos e financeiros. Recebi muitas palavras de desânimo, mas meu objetivo estava traçado. Como muitos filhos do “interior” estava decidido a continuar meus estudos, pois passei a ver neles a possibilidade de transformação de minha realidade social.

Conclui o ensino médio em 1997 e novamente me vi diante de um novo sonho – o ensino superior – sonho que se tornava mais distante para quem se quer tinha condição de pagar a passagem para chegar a Manaus onde haveria a possibilidade de acessar o ensino superior.

Agora entendo os escritos de Zango (2011), quando ao possibilitar reflexões sobre o estado de escarcas socioeconômico de muitas pessoas, mesmo ao reconhecer não ser essa determinante no processo de aprendizagem, vê interferências diretas, inclusive na satisfação das necessidades básicas. Como não poderia deixar de ser, a instabilidade e a precariedade nas condições de vida têm um peso importante sobre o percurso e as formas de investimento escolar.

Decidi que era ora de aprisionar meus desejos e começar a trabalhar. Minha primeira experiência ocorreu em uma comunidade indígena rural dentro do rio Menerua, onde tive a oportunidade de observar muitas das práticas tradicionais que hoje começo a pesquisar. Os benzimentos, o uso de plantas medicinais e orações faziam parte dos cuidados de saúde daquela comunidade. As palavras de Lima e Andrade, (2010), retratam com precisão essa realidade ao afirmarem:

É importante compreender, entretanto, que o ribeirinho é um homem imbuído dos saberes da tradição. Não necessariamente da instrução escolar e do saber científico, mas de um saber popular que lhe permite viver e sobreviver naquele grupo. Na verdade, cada grupo social é portador de conhecimentos e saberes específicos. Saberes que são construídos principalmente na ação (Lima e Andrade, 2010).

Palavras que posteriormente me viriam como reflexão sobre minhas origens e a importância que esses conhecimentos passariam a exercer em minha vida.

Durante alguns anos meu sonho de progredir nos estudos se manteve adormecido. Foi então que em 2001, por meio de um programa de formação interiorizado pela recém-criada Universidade do Estado do Amazonas – UEA, programa este denominado PROFORMAR, que ofertou o Curso Normal Superior para todos os municípios do interior do Amazonas, vi-me inserido na universidade. O Ensino Superior se tornava realidade, mesmo que novos desafios me trouxessem.

A graduação possibilitou-me vivenciar novas experiências e obter novos conhecimentos. As discussões da sociologia, da antropologia e da filosofia sempre me trouxeram grande motivação, pois apresentavam temáticas que se aproximavam de minhas experiências empíricas. Senti-me então totalmente imerso nas argumentações do grande mestre Paulo Freire, quando afirma que, sonhar é muito mais do que imaginar o impossível, é conjecturar sobre o amanhã Freire (1992). Tal afirmação, entendo, foi o que passou a mover-me rumo ao futuro, embora pouco consciente sobre a dimensão do papel da educação na vida das pessoas, também apropriei-me da celebre afirmação do mesmo autor ao conceber que a “Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”, (Freire, 1996)

Após a conclusão da graduação, senti-me novamente em um estado de sonho. As orientações e motivações passadas por parte dos professores se tornaram extremamente importantes para o pensamento de continuar me qualificando enquanto profissional e apontavam para a possibilidade de interiorização dos cursos de pós-graduação. Porém já com família adquirida minhas expectativas diminuía a cada ano. Resolvi investir nas possibilidades que apareciam. Cursei Ciências Biológicas e por conta de minha atuação profissional, resolvi graduar-me em Matemática, sendo aprovado em um vestibular oferecido também pela universidade do Amazonas no Município de Fonte Boa. Todas essas experiências e conhecimentos foram muito válidos, porém o sonho do mestrado ainda pulsava dentro de mim. O desejo de mais conhecimentos, de enveredar pelo caminho da produção de conhecimento sempre me tomou horas de reflexão, apesar de minhas limitadas possibilidades.

Após atuar por alguns anos na educação municipal e estadual, iniciei umas pesquisas em cursos de mestrado oferecidos pelas universidades públicas do Amazonas, embora atuando mais nas áreas exatas minha aptidão e apego as ciências humanas e sociais sempre me motivaram. Foi então que tomei conhecimento do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UEA, cuja proposta muito me motivou, pela forma de abordagem dos conhecimentos dentro das linhas de pesquisa oferecidas.

Em 2024, quase nos últimos dias de encerramento da inscrição impulsionado por minha esposa e por uma colega que já cursava o mesmo mestrado resolvi concorrer a uma das vagas, sendo aprovado nas três etapas de seleção. Novamente via-me diante da possibilidade de realização de um sonho. Já tinha em mente que os sonhos precisam ser perseguidos para que se tornem realidade, contudo, para minha realidade parecia muito distante. Novamente me encontrei diante do novo. Longe da universidade a mais de 10 anos, tudo era muito novo, tecnológico. Dinâmica diferente da qual estava habituado. Precisei novamente desfiar-me, abandonar minha zona de conforto na busca da realização de um sonho... “tornar-se mestre”, em um programa que muito dialogava com minhas aspirações de formação. Foi muito desafiador. As leituras, os debates, ... tive a oportunidade de conviver com pessoas que foram mais que colegas, foram amigos.

Das idas e vindas com meu primeiro orientador novamente me reencontrei com um tema que trouxe diversas lembranças de toda minha existência, agora com o compromisso de pesquisador, realidade que remontou o eu que sou e que pretendo como profissional. O que vivi, enfrentei, aprendi e estou aprendendo passou então a ser minha energia para o futuro, meu sonho e aspiração em novas trilhas, novos olhares em um processo de construção permanente no mundo do conhecimento.

1.3 Benzedeiras e benzidos: identidades entrelaçadas pelos benzimentos

Nossos colaboradores são sujeitos intimamente ligados pelos processos de benzimentos. Seja como benzedeadas⁷ ou benzedores, benzidos⁸ ou benzidas, essas pessoas têm sua crença e fé nas operações das curas efetuadas através de rituais o que acaba contribuindo para a caracterização de sua própria identidade dentro de um grupo social que é marcado por vivências e convivências bem comuns. Iniciaremos nossa discussão procurando entender e conceituar essas duas categorias de indivíduos (benzedeadas/benzedores X benzidas e benzidos) constitutivos de grupos para quem os saberes da tradição são basilares para a compreensão da realidade social e histórica e como forma de solução à diversos problemas humanos. Ao tratar das benzedeadas, encontramos dentro das literaturas essas personagens enquadradas em um grupo de senhoras mais idosas que têm o cuidado com a saúde como uma prática muito significativa em suas vidas, características que também aparecem presentes no grupo de colaboradores selecionados

⁷ Benzedeadas são mulheres que realizam rituais de benzimentos como práticas de curas de doenças naturais e espirituais

⁸ Benzidos são pessoas que acreditam e usam os processos de benzimentos como prática de atenção a saúde

nesta pesquisa. Mulheres e homens que por sua idade transparecem verdade e responsabilidade no que dizem e fazem.

Benzedeiras e benzedores também desempenham um importante papel social como guardiões de uma cultura ancestral. Esses atores, além dos conhecimentos dos rituais e de práticas tradicionais possuem também uma estreita relação com o sobrenatural e uma habilidade no uso de plantas medicinais para a realização dos rituais ou complementação de diversas curas. Elda Rizo de Oliveira em sua obra *O que é benzeção*, publicada em 1985, afirma que a benzeadeira “[...] é uma cientista popular e possui uma maneira muito peculiar de curar: combina os místicos da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular”. Isto porque ao possuírem conhecimentos no trato de diversas enfermidades, embora que fora dos crivos da ciência moderna, desempenham o papel de médicos/cientistas.

As características de “cientista popular” descrevem com rigor as (os) praticantes de benzimentos, pessoas que aprenderam e desenvolveram ou receberam um dom de curar e que desempenham sua função voluntariamente como missão sagrada. Praticantes de curas que tem sua identidade forjada a partir de ações que transcendem as palavras, conforme afirma Cunha (2018). Essa missão, pela forma como lhes foi outorgada, exige tanto a dedicação quanto a gratuidade, ainda que algumas pessoas de bom grado e como forma de agradecimento pela bênção (cura) recebida costumem presentear as benzeadeiras, porém, nunca essa atitude é aceita como forma de pagamento pela benzeção, pois conforme afirmou o benzedor Nemésio Magalhães de Castro, 69 anos (2025) há uma passagem na bíblia de que diz “de graça recebi e de graça dai”, fazendo menção de que o dom que possuem é uma dádiva gratuita de Deus a mulheres e homens que têm o coração voltado a fazer o bem,

Nesta pesquisa, os praticantes de curas, tratados como colaboradores, compõe-se de 3 benzeadeiras e 2 benzedores experientes, indicados por membros da comunidade que atuam há mais de 5 anos, que são reconhecidas como eficientes, responsáveis e com prática consolidada socialmente. o primeiro momento com essas pessoas que se deu em diferentes bairros da cidade serviu como estratégia para o estabelecimento de vínculos com esses colaboradores, cujos conhecimentos nos auxiliariam no desvelamento das práticas de benzimentos. O entendimento de Malinowski (1978), ao fazer referência à necessidade de um contato íntimo com os nativos, pôde ser aplicado com certa semelhança nessa etnografia urbana, ao conceber que é através desse contato que as práticas e significados podem ser entendidos através de suas próprias perspectivas socioculturais.

Quadro 1. Benzedeiras e benzedores colaboradores da pesquisa

Benzedeiras e benzedores	Idade	Religião	Escolaridade	Profissão	Local de Nascimento
Letícia Costa de Lima	67 Anos	Evangélica	Fundamental	Agricultora	Zona Rural
Raimundo Amancio Filho	77 Anos	Católico	Não Alfabetizado	Agricultor	Zona Rural
Elísia das Graças de Souza	69 Anos	Católica	Ensino. Médio	Agricultora	Zona Rural
Nemésio Magalhães de Castro	69 Anos	Evangélico	Não Alfabetizado	Aposentado	Zona Rural
Raimunda Lopes Magalhães	54 Anos	Evangélica	Não Alfabetizada	Agricultora	Zona Rural

Fonte: Quadro elaborado pelo autor, 2026

Ao buscar obter dados explicativos que permitisse desvelar elementos dos saberes desses homens e mulheres optamos pela utilização do método da etnografia urbana. Clifford Geertz (1973) nos ajuda a entender esse método de pesquisa, definindo-o como uma forma de descrever eventos, ações e experiências em um contexto específico. Atitude que se aplica ao estudo dentro dos grupos humanos urbanos, onde os pesquisadores imergem para captar as nuances das interações sociais, conforme Magnani (2014).

Vale esclarecer, que embora a pesquisa faça referência a personagens dentro do perímetro urbano de uma cidade na Amazônia, esses atores sociais, quase sempre se encontravam nas comunidades mais afastadas dos centros urbanos, locais onde além das práticas de curas por benzimentos as mulheres também exerciam a função de parteiras, auxiliando em diversas práticas de cuidado com a saúde, além do papel de domésticas. Tal afirmação bebe nas fontes de Torres (2012), ao enfatizar que nas comunidades ribeirinhas, as mulheres não apenas organizam a economia doméstica, mas também estruturam práticas sociais e culturais essenciais. Palharini (*et al.*, 2018) também oferece contribuições para essa reflexão ao esclarecer que o cuidado desempenhado pelas mulheres incluindo as práticas de benzer e partejar antecede a medicina moderna e reflete um saber-fazer que mesmo possuindo grande importância muitas vezes chega a ser marginalizado e enquadrado fora do espaço da ciência moderna. Essa afirmação explica muito do que se observa acerca dos saberes tradicionais tanto na antiguidade quanto nos dias atuais, momentos em que esses conhecimentos foram e tem sido alvo de questionamentos por alguns seguimentos sociais, dentre esses religiosos ortodoxos ou integrantes da medicina

moderna que vislumbra na “ciência positiva” a única forma de conhecimento verdadeiro.

Mesmo diante desses questionamentos, benzedeiras e benzedores mantêm seu ofício, como legítimos representantes de uma cultura de resistência. Oliveira (2019), ao abordar esses processos afirma que "a resistência dessas práticas tradicionais é uma forma de afirmar a identidade cultural amazônica, resguardando uma herança que passa de geração em geração". Essa herança tem grande influência social como prática de cura, mas também por ajudar a definir a identidade amazônica como sendo ligada ao tradicional, ao material e ao espiritual, ou seja, os saberes “naturais e sobrenaturais” que as gerações resguardaram e perpassaram às futuras. É nesse sentido que Silva (2015), afirma: “as benzedeiras e benzedores funcionam como pontes entre o mundo espiritual e o mundo material, atuando na cura de enfermidades físicas e espirituais, muitas vezes consideradas como causadas por forças invisíveis ou espirituais”.

É preciso destacar, porém que embora o foco das práticas de benzer estando muito direcionadas as ações de mulheres, ao citar homens benzedores, usamos como referência o que se encontrou durante o processo de recrutamento de colaboradores em Fonte Boa, onde se identificou-se um número significativos de homem benzedores que assim como as mulheres são também muito procurados para a realização de benzimentos. Esses, além dos benzimentos são também especialistas em benzer fazer banhos em utensílios de pesca e caça quando são acometidos da Panema⁹ conforme será abordado posteriormente. Mesmo que às mulheres se atribua adjetivos como cuidadoras, parteiras, mais carinhosas e a quem a confiança de pais e mães em levar seus filhos para serem tratados (benzidos) soa com mais naturalidade, em função do próprio histórico social atribuído ao sexo feminino, o município apresenta uma característica bem particular com a presença de muitos homens benzedores, que também atendem homens, mulheres e crianças, com conhecimentos que vão dos rituais ao uso de plantas medicinais.

Embora que aos homens se atribua mais o adjetivo de rezador os benzimentos também são práticas realizadas por estes. É certo que essa definição quase sempre é usada como sinônimo e de fato é bem próximo, pois ambos possuem a prática de cura como objetivo de seu fazer. O adjetivo rezador quase sempre é usado, como o próprio nome diz a figura da pessoa que reza, que foca sua prática, por exemplo, nas orações, ladainhas, etc., enquanto o adjetivo benzedor, como já foi abordado exaustivamente nesse texto, diz-se de quem benze realizando um ritual, um gestual, o sinal da cruz por exemplo.

⁹ Panema refere-se a um estado de falta de sorte, azar ou incapacidade. É uma espécie de "força negativa" que afeta a subsistência.

Em Fonte Boa, a figura do homem benzedor ou rezador está muito associada aqueles que possuem um profundo conhecimento no preparo e uso de garrafadas utilizando plantas medicinais, uma prática muito evidente e com bastante procura, pois tratam dentre muitos problemas, de inflamações internas que atingem homens e mulheres e até problemas de impotência sexual, utilizando garrafadas a base de guaraná, mururé e outras que, segundo benzedores e benzidos são muito eficientes.

Essa realidade se assemelha ao que Adriana Braga (2024) identificou em um estudo realizado na cidade de Tefé, intitulado *Benzedores (as) da Cidade de Tefé – AM: Conexões Entre Fé E Saberes Ancestrais na Amazônia* publicada na revista contemporânea, onde destaca a presença de homens na prática de benzimento, com orações e processos semelhantes ao que fazem as mulheres, inclusive tratando das mesmas doenças.

Em Fonte Boa, município que guarda estreita relação histórica e geográfica com o município de Tefé, os praticantes de benzimentos apresentam características bem próximas ao que ocorre em também em Tefé, o que além de confirmar muito do que as literaturas apresentam, principalmente relacionadas as origens, faixa etária de idade, práticas, etc., adicionam importantes elementos que lançam um novo olhar, uma nova compreensão e uma nova interpretação quanto aos praticantes de benzimentos, como é o caso de benzedoras pertencentes a religiões evangélicas, seguimento religioso que em geral costumam ser contrários a essas práticas.

Outra particularidade que caracteriza nossos colaboradores, além dos conhecimentos e práticas é o fato de que embora estejam residindo na Zona Urbana todos têm suas origens fincadas no chão das comunidades rurais, locais onde as relações se enchem de significados desde a convivência comum até suas formas de crenças ... cultura que os diferenciam e identificam, conforme aponta Manuela Carneiro da Cunha *apud* Dias e Silva (1986, p. 94-95) ao afirmar que “[...] para poder diferenciar grupos é preciso dispor de símbolos inteligíveis a todos os grupos que compõem o sistema de interação”, sendo que esse sistema de interação encontram se relacionados com o conjunto de práticas sociais como acontece com as práticas de curas realizadas principalmente por mulheres dentro dessas comunidades, destaque que se evidencia nos escritos de Palharini e Figueirôa (2018) que no texto *Gênero, história e medicalização do parto: a exposição “Mulheres e práticas de saúde”*. *História, Ciências, Saúde* afirmam que “Mulheres e práticas de saúde: medicina e fé no universo feminino” é analisada em relação ao discurso sobre a história das mulheres no cuidado com a saúde, sendo essas as principais representantes da medicina popular, com suas práticas quase sempre relacionadas com rituais que envolvem religiosidade e fé.

Destacamos ainda o fato de que as benzedeiras fonteboenses possuem uma estreita relação no trabalho com a terra, embora em sua quase totalidade sejam aposentadas, ainda assim se definem como agricultoras, experiências que lhes possibilitaram muitas aprendizagens inclusive sobre as plantas medicinais que são usadas em seus rituais de curas. O benzedor Raimundo Amancio Filho, 77 anos (2025) chegou a afirmar, durante o processo de entrevista que cultivava em sua roça várias plantas medicinais, incluindo jambu, pinhão roxo, mangarataia, dentre outras, que são costumeiramente utilizadas em alguns procedimentos de tratamentos de saúde como dores no corpo, gripe e outras doenças que afetam tanto adultos quanto crianças. Esses conhecimentos advindos de experiências com os mais experientes e do meio rural, encontram-se presente dentro do contexto urbano sendo usados com as mesmas funções e fazendo parte da busca de inúmeras pessoas para tratamento de saúde dentro ou fora dos rituais de benzimentos, sendo que dentro dos rituais muitas dessas ervas assumem também um papel simbólico, conforme presenciei em um ritual de benzimento realizado pela benzeadeira Letícia Costa de Lima, 67 anos (2025) com quem tive contato a partir de indicação de populares do bairro, mesmo que já tivesse ouvido falar sobre a mesma bem como sobre sua atuação e eficiência como praticante de benzimentos. Ao receber permissão para presenciar seus rituais de benzimentos, iniciei em uma tarde de sábado quando a mesma atendeu uma criança do bairro levada pela mãe com o que a benzeadeira diagnosticou como “quebranto”. A benzeadeira tomou a criança e utilizando ramos de vassourinha procedeu a jaculatória¹⁰ quase inaudíveis enquanto movimentava os ramos sobre a criança, lançando os em seguida na direção que o sol se põe e, ao término, pediu a mãe que se a mesma não melhorasse retornasse no dia seguinte para mais uma seção de benzimento.

Nesse sentido, além de se entender a importância das plantas em muitos rituais realizados pelas benzedeiras se desvelou um importante aspecto da relação benzedeiras e benzidos que é a confiança na prática dos benzimentos e nos poderes que emanam do dom que possuem uma característica que entrelaça as vidas e validam os saberes desses sujeitos.

Em diálogo com a informante benzeadeira sobre o diagnóstico dado a mãe da criança, afirmou a benzeadeira:

A maioria das doenças que eu conheço como quebrante, espante, mau olhado, doença do ar, izipa (branca, preta, izipelão) cobreiro, fogo selvagem, espinhela caída, tudo isso aí não é curado pelo médico. São doenças curadas pelas rezas. Se não tiver fé na reza você vai sofrer muito tomando remédio e não vai ficar bom.

¹⁰ Jaculatória consiste em uma oração breve, fervorosa e repetitiva, que assume uma forte roupagem sincretizada, misturando o catolicismo popular com a cosmovisão indígena

Essas doenças, só de olhar a pessoa eu já sei o que é. Quem me ensinou me fez conhecer direitinho cada uma delas. (Letícia Costa de Lima, 69 anos. Entrevista realizada em 2025).

Na fala da benzedeira bem como em seu diagnóstico, longe de se ater aos preceitos da medicina moderna sobressai um conhecimento advindo das experiências e aprendizagem obtidas nas gerações posteriores. Esse posicionamento afasta também precedentes de uma prova ou contraprova para comprovar o diagnóstico. Tudo para essas pessoas é uma questão de crença e fé. Tanto benzedeadas e benzedores quanto benzidos e benzidas tem arraigado em sua subjetividade uma firma crença nessas práticas. As benzedeadas e benzedores têm convicção do que são capazes, em cada reza, cada movimento, cada recurso que utilizam. Esse dom de benzer, força espiritual que emerge da religiosidade das benzedeadas tem origens diversas e em muitas são desenvolvidas a partir de experiências com antepassados e em outras conforme já foi afirmado compõe-se de uma experiência sobrenatural e passam a se desenvolver com a prática constante de anos, conforme se constata nas palavras de Letícia Costa de Lima, 67 anos (2025), que ao ser solicitada a cerda de como aprendeu a benzer afirmou:

Eu comecei a ter visões quando eu tinha 38 anos, meu pai era um bom rezador, só que meu pai aprendeu com o pai dele. Já eu, foi diferente por causa desse caso aí. Uma vez eu fui deitar e ainda não estava dormindo, deitei na rede aí eu vi benzinho quando chega aquela mulher com uma criança de uns oito anos mais ou menos. Só que essa mulher ela nunca falou comigo. A criança vinha pro lado da minha cabeça e pegava nela e me ensinava todas as orações. Todas que eu sei ela me ensinava e no próprio instante que ela saía dali minha cabeça ficava como um gravador, gravando tudo que ela tinha dito pra mim. Eu não esquecia. Só que eu não rezava, eu sabia eu conhecia as doenças que as crianças tinham mais eu não rezava. Aí eu testei em uma criança que veio aqui entre a vida e a morte, com essa doença da vermelha. A mãe trouxe num desespero dizendo que ia morrer, aí eu disse calma aí, não é assim não. O menino vinha espumando com aquelas manchas desse tamanho vermelha chega parte do couro já estava ficando preto aí eu disse vou tentar fazer o que esse menino me ensinou, aí eu rezei nessa criança e quando eu terminei de rezar ela estava boa (Letícia Costa de Lima., 67 anos. Entrevista realizada em outubro de 2025).

O depoimento comprova a afirmação de que o desenvolvimento do dom de benzer pode ser adquirido através de uma experiência sobrenatural. No caso em particular desta benzedeira se destaca ainda o fato de que as orações que conhece e reza em suas práticas também foram ensinadas e fixadas em sua memória através de experiência com entidades¹¹ sobrenaturais. A benzedeira afirmou que teve um contato direto com um anjo que além de ensinar o que precisava também lhe outorgou um dom para ajudar as pessoas, passando a

¹¹ Entidades refere-se aos encantados ou caruanas. São espíritos, guardiões e divindades que habitam as águas, as matas e o subsolo, detendo o poder de proteger a natureza, curar os enfermos ou causar fenômenos.

ser esta sua principal função aqui na terra e que deve ser exercida sempre de acordo com a vontade de Deus. Nesse

sentido, Trindade (2014) afirma que “A descoberta do dom que origina o conhecimento da benção, privilégio dessas mulheres, tem geralmente relação com algum acontecimento ocorrido na vida da benzedeira como: revelação, necessidade, promessa e retribuição” o autor, fazendo referência a Quintana (1999, p.86) afirma ainda que:

O dom obriga. Manda. É um compromisso assumido. Ele representa certo privilégio ao dotar o escolhido de um poder especial, mas também é vivenciada no seu caráter obrigatório de atribuir uma responsabilidade à qual o escolhido não pode fugir. Desta forma, o ofício da benzedeira, semelhante ao do médico, mais do que uma profissão, é visto como um sacerdócio, uma missão.

A afirmação de um “compromisso assumido” que aparece na afirmação surge por vezes nas falas das benzedeadas, pois assim concebem sua missão como um “sacerdócio, uma missão” atrelada a vontade da divindade que lhe outorgou. Sendo que em grande maioria o outorgador dos dons e dos poderes de cura é diretamente Deus que atende as súplicas feitas por meio de um santo ou do próprio Cristo, seu filho.

Essa experiência de desenvolvimento do dom de benzer aparece na afirmação de muitas benzedeadas, porém não constitui uma unanimidade, em muitos casos o dom é descoberto ou desenvolvidos a partir das práticas dos processos aprendidos, como é o caso dos colaboradores de Fonte Boa, que das 5 entrevistada apenas uma afirmou ter tido uma experiência em um evento sobrenatural, os demais desenvolveram a partir de uma aprendizagem, com outras pessoas, em sua maioria com um familiar que também benzia. Os colaboradores Raimundo Amancio Filho, 77 anos; Elizia das Graças de Souza, 69 anos; Nemésio Magalhães de Castro, 69 anos e Raimunda Lopes Magalhães, 54 anos, confirmaram a propositura, pois tiveram seus dons desenvolvidos por meio da prática de benzimento. Seus conhecimentos e práticas estão então atrelados ao dom, mas a partir do que aqui tratamos como prática aprendida, conforme aparece nos depoimentos:

Eu aprendi com um homem que veio do Juruá. Ele estava morando em casa, um dia ele chegou perto de mim e disse rapaz tu quer aprender a rezar eu vou te ensinar. Eu gosto muito de ti e vou te ensinar, quando eu morrer tu vai ficar fazendo o trabalho que eu faço. Eu disse não eu não tenho memória boa, então eu vou te ensinar uma reza bem pequena que tem muita força que a reza pra *isipa*. Ele rezou três vezes aí eu aprendi, mas ele disse você pode falar a reza em voz alta, mas quando for rezar em alguém não pode rezar pra ninguém ouvir. (Nemésio Magalhães de Castro, 69 anos. Entrevista realizada em 2025)

Foi meu pai quem me ensinou, ele perguntou se eu queria aprender a rezar e eu disse como que eu ia eu não sabia ler. Aí ele me disse não minha filha, se for pra tu aprender tu vai aprender porque tu vai decorar só na tua mente. Aí tinha noite que ele tirava só pra me ensinar e toda a reza que ele me ensinava eu aprendia. Eu era boa de memória e foi aí que eu comecei a rezar nas pessoas. (Raimunda Lopes Magalhães, 54 anos. Entrevista realizada em 2025)

Minha mãe era benzedeira. Ela benzia e eu tinha vontade com 16 anos. Eu benzi usando agulha linha e um pedaço de pano. Benzia nos meus irmãos e com um pedaço de pano casos de carne rasgada. (Elísia das Graças de Souza, 69 anos. Entrevista realizada em 2025)

Comecei quando nos morava lá no interior minha mulher vivia doente e meu pai e meu tio eles rezavam aí ela estava doente e já tinham rezada e ela não ficava boa, aí eu fui na casa do papai e conversei com ele. Pedi pra ele o senhor tira uma cópia dessa reza pra mim aí ele copiou tudinho e eu voltei pra casa. Aí disse mulher, eu vou rezar em ti. Aí ela deitou, aí eu rezei nela e com a primeira porrada ela sentiu melhor, aí pronto ela ficou boazinha. (Raimundo Amancio Filho, 77 anos. Entrevista realizada em 2025)

Os depoimentos elencados além de demonstrarem formas de aprendizagem ou desenvolvimento do dom de benzer destacam a importância da transmissão oral desses saberes, em função principalmente do baixo grau de escolaridade que possuem. Com exceção de nossa primeira colaboradora (benzedeira), que desenvolveu o dom a partir de uma experiência sobrenatural os demais afirmam ter aprendido e a partir daí desenvolvido o dom de benzer. Esse entendimento esclarece também que o dom por si só não é suficiente para a realização das curas. Benzedeiras e benzedores precisam também de um aprendizado tanto sobre as práticas mais naturais quanto sobre os aspectos espirituais que envolvem esses conhecimentos e seu exercício prático. O entendimento de Trindade (2014) nos ajuda a iluminar essa questão quando afirma:

Percebemos que ter o dom, portanto, não é o bastante, embora este seja um requisito necessário para se tornar uma benzedeira. É necessário haver um aprendizado com a pessoa que reconhecidamente apresente esse carisma. Há ainda alguns casos de doenças graves com iminência de morte da benzedeira, momento em que muitas delas repassam seus conhecimentos para alguém que ela acredita possuir o dom divino.

Ao destacar a questão de aprendizagem e transmissão desses saberes, o autor enfatiza a preocupação das benzedeiras em perpetuar seus conhecimentos ao transmitir para gerações futuras, preocupação que foi observada durante a entrevista com o senhor Nemésio Magalhães de Castro, 69 anos (2025), quando o mesmo afirmou que a pessoa que lhe ensinou falava - “quando eu morrer tu vai ficar fazendo o trabalho que eu faço”, demonstrando uma preocupação em que esses saberes e fazeres não desapareçam, fato que é

observado na fala de muitas benzedadeiras, quando questionadas sobre sua percepção a respeito do futuro desses saberes.

O colaborador Raimundo Amancio Filho, 77anos (2025) em entrevista chega a afirmar que “esse conhecimento pode desaparecer por falta de interesse dos mais jovens” embora que a afirmação do benzedor não encontre base teórica nem de prática, mesmo assim demonstra uma preocupação com o futuro desses saberes ou processos que ao longo dos tempos tem cumprido uma importante função social e que tem sua continuação, de acordo com Trindade (2014) “legitimada pela sociedade que acredita na benzição apesar dos avanços da medicina moderna” estes que denominamos de benzidos, compõem um grupo de pessoas que além de acreditarem tem os benzimentos como forma de tratar diversos problemas de saúde e que por acreditar e fazer uso legitimam os conhecimentos e as práticas das benzedadeiras no trato com a saúde.

Quadro 2. Benzidos colaboradores da pesquisa

Benzidos e benzidas	Idade	Religião	Escolaridade	Profissão	Local de Nascimento
Maria Aldenora das Graças Crispim	38 Anos	Católico	Ensino Superior	Professora	Z. Rural
Leila dos Anjos de Lima	39 Anos	Católico	Ensino Superior	Professora	Z. Urbana
Antônio Marinho de Souza	80 Anos	Católico	Ensino Fundamental	Aposentado	Z. Rural
Francisco de Souza	77 Anos	Católico	Ensino Médio	Aposentado	Z. Rural
Helena Firmino Arruda	66 Anos	Evangélica	Ens. Funda Incompleto	Aposentada	Z. Rural

Fonte: Quadro elaborado pelo autor, 2026

O grupo de benzidos selecionados para a pesquisa, como testemunhas que evidenciam o resultado efetivo das curas por benzimentos e dos conhecimentos e práticas realizadas pelas benzedadeiras e benzedores em Fonte Boa, foi constituído por 3 mulheres e 2 homens com realidades extremamente diferentes, mas que são indivíduos que além de crê e fazer dos benzimentos como prática de atenção a saúde também tiveram alguma experiência marcante em suas vidas, independente de terem nascido em famílias ou comunidades onde esses saberes são externados cotidianamente.

Ao denominarmos de benzidos, caracterizamos essas pessoas e grupos de acordo

com Trindade (2014), que ao apresentar como legitimadores das práticas de benzimentos as define como pessoas que procuram pelos serviços das benzedeiras, que acreditam que elas sejam detentoras de um poder e conhecimento muitas vezes inexplicável, mas com a eficácia necessária para deter o mal que lhes afligem.

Os benzidos ao procurarem uma benzedeira tem a convicção de que seu problema será resolvido. Sua confiança emerge da fé que fortalece a crença dessas pessoas de que as benzedeiras são detentoras de conhecimentos práticos e de uma estreita relação com o sobrenatural que possibilitam e promovem as curas. Essa confiança aparece nas pessoas, principalmente nas que tem raízes em povos tradicionais ou onde o acesso a serviços públicos de saúde é escasso levando-as a busca de serviços alternativos para tratar de problemas de saúde.

De acordo com Gomes (2015), esses povos ou comunidades costumam incorporar práticas tradicionais de cura (...), além de valorizarem saberes ancestrais que conectam saúde, espiritualidade e natureza. Destaca-se na afirmação a importância, dos conhecimentos tradicionais ligados a aspectos de uma espiritualidade que leva a compreensão de que os benzidos fortalecem suas buscas e confiança em aspectos ligados a valores subjetivos como a religião.

Também se evidencia a relação com a natureza onde são encontrados diversos recursos medicinais usados pelas benzedeiras, mas onde também se estabelecem contato com forças sobrenaturais como os espíritos que influenciam muitas das ações humanas e fortalecem a confiança das pessoas, conforme se vê nas palavras de uma das integrantes do grupo de benzidos pesquisados aqui nomeada Maria Aldenora das Graças Crispim, 38 anos (2025), durante a entrevista:

Eu procuro e confio nas benzedeiras porque sempre consigo resolver meus problemas de saúde. Meus e de meus filhos, que diversas vezes foram levados para ser benzidos. Quando eram bem pequenos levei poucas vezes ao hospital, mas a uma benzedeira aqui do bairro quase toda semana eu ia. Levava pra ela porque ela sabe de uns remédios e de umas rezas que conseguem curar até doenças que os médicos não sabem (Maria Aldenora das Graças Crispim, 38 anos. Entrevista realizada em, 2025).

A entrevistada, além de confirmar o que as literaturas apresentam sobre a confiança dos benzidos nos processos de benzimentos, também revelou importantes elementos das práticas das benzedeiras. Os remédios a que a benzida se refere compõe uma diversidade de garrafadas e chás preparados a partir de plantas medicinais encontradas com abundância

na Amazônia. Essas plantas, além das propriedades terapêuticas, muitas vezes são usadas como aliadas aos rituais de benção efetuadas pelas benzedeiras, conforme afirma Quintana (1999, p.55) ao declarar que “tanto as rezas como os chás somente adquirem um sentido, e, portanto, se tornam eficazes, quando inseridos no contexto do ritual”, sendo esses rituais que, na maioria dos casos são fundamentais para o aumento da fé e realização das curas, haja vista, possuírem um valor simbólico no fortalecimento das crenças.

A informante também valida a importância das benzedeiras ao afirmar que estas tratam de doenças que os médicos não conseguem curar. Essa compreensão emerge do fato de que sob a ótica das benzedeiras diversas doenças não são pra médico, especialmente as de origens espirituais como quebrando, vento caído, etc. Essa afirmação passa a ser certeza para os benzidos que acreditam realmente que exista essa categoria de doença que não se trata com os recursos da medicina moderna. Trindade (2010) em trabalho realizado com as benzedeiras de Parintins oferece contribuições a essa discussão ao afirmar que “as enfermidades que não são identificadas pela medicina tradicional justificam a necessidade de se saber quais são as doenças de médicos e quais são as de benzedeira”. A crença dos benzidos na existência dessas doenças quase sempre está associada a uma tradição de tempos. É comum que filhos e netos também acreditem no que seus antepassados, pais e avós lhes ensinaram, aliás, os benzidos, em sua maioria, têm suas crenças fincadas nas origens ancestrais de familiares. Embora que alguns a pertencerem a determinado grupo social com crenças e religiosidade bem particular como os católicos praticantes, os espíritas, além de outros seguimentos religiosos como é o caso dos praticantes de uma religiosidade popular e até mesmo os declarados sem religião, a superioridade das influências dos familiares são as que mais se destacam, especialmente ao se tratar das práticas como os benzimentos onde o crê é uma condição fundamental para a cura.

Lévi-Strauss (1975, p.194) citado por Trindade (2010) fortalece o entendimento dos benzidos ao expressar: “não há, pois, razão de duvidar da eficácia de certas práticas mágicas”. “Mas, vê-se, ao mesmo tempo, que a eficácia da magia implica na crença da magia”. A crença é por excelência o combustível para a cura. Os benzidos depositam sua confiança de maneira incondicional nos poderes mágicos das benzedeiras e benzedores, pois veem em seus conhecimentos e práticas a expressão da concretização da vontade divina de promoção do bem-estar humano.

Ao propagarem os feitos, os benzidos também servem como via de validação social das atividades de benzimentos. Quando procuram e recebem a benção e a cura, essas

pessoas costumam informar que foram benzidas e ficaram curadas. Atitude que tanto torna a benzedeira ou benzedor conhecidos quanto validam suas práticas como eficientes e verdadeiras. Os conhecimentos sobre tais personagens produzidos pelos testemunhos dos benzidos sempre exerceram uma grande influência sobre a atitude de muitas pessoas para buscarem seus serviços. Muitas são totalmente induzidas pelas palavras de um benzido outras pela informação de que alguém foi curado por determinada benzedeira, conforme nos informa a benzida Leila dos Anjos de Lima, 39 anos (2025) quando declara:

Comecei a acreditar nas benzedoras, primeiro por ouvir as histórias de curas contadas por minha mãe sobre o que uma tia dela fazia, inclusive sobre as vezes que me levou para ser benzida. Depois minha mãe tornou-se benzedora e hoje vou a ela constantemente pra benzer dor de cabeça, mal-estar e até febre. A partir daí muitas pessoas passaram a procurar minha mãe através de minhas informações de que ela reza pra muitas doenças (Leila dos Anjos de Lima, 39 anos, 39 anos. Entrevista realizada em, 2025).

O testemunho de quem foi benzido (a) é então a principal via de legalidade das práticas de benzimentos. Através deles tanto pessoas próximas como familiares como também distantes passam a acreditar e procurar as benzedoras e benzedores. Ao anunciarem suas experiências de cura pessoal ou de alguém próximo ou conhecidos, os benzidos contribuem para a disseminação desses saberes e práticas e em muito fortalecem a cultura tradicional. Escritos de Deilson Trindade (2010) nos ajudam a iluminar esse entendimento ao afirmar que:

A legalidade é dada as benzedoras por aqueles que procuram por seus serviços, que acreditam que elas sejam detentoras de um poder e conhecimento muitas vezes inexplicável, mas com a eficácia necessária para deter o mal que lhes afligem. (Trindade 2010, p. 72)

A eficácia necessária a que o autor se refere é exatamente o que, na grande maioria promove a busca por essas mulheres e homens. É bem comum que diante de determinados problemas de saúde as pessoas que fazem uso de benzimentos como práticas de curas costumem procurar benzedoras e benzedores cujas informações sejam bastante divulgadas na comunidade ou por alguém que foi benzido e curado o que aumenta significativamente a fé de quem procura. Logo existe uma relação de muita confiança na pessoa da benzedora ou benzedor bem como em sua eficiência por parte de quem os procura a ponto de, mesmo em tempos em que os serviços de saúde pública são bastante acessíveis, pessoas ainda procurarem esses serviços.

Outro aspecto que remete a crença das pessoas nas práticas de benzimentos é observado quando convidam benzedoras e benzedores para irem aos hospitais benzer/rezar

em seus doentes. Uma prática que mesmo sendo questionada pela medicina moderna e muitos de seus representantes ainda encontra respaldo nas crenças de muitas pessoas. Indivíduos que trazem consigo a crença na tradição, nos poderes místicos e na fé produzida por uma religiosidade que está para além de um conjunto de dogmas¹² de determinada corrente, mas que congrega uma diversidade de crenças em sua constituição, conforme afirma Bastos (*et al.*, 2025), “a fé, portanto, é a força motriz dessa prática, influenciando tanto o benzedor quanto o paciente”, como também afirma a Benzida Maria Aldenora das Graças Crispim, 38 anos (2025): ao enfatizar que “Existe uma relação entre a cura e a fé porque todo o processo na questão das benzedeiras, se você não tiver fé naquele processo que elas estão fazendo de reza, não terá significado nenhum, então é preciso ter bastante fé pra você poder ser curado”.

No caso particular dos benzidos, muitos desses indivíduos tiveram sua crença aguçada a partir de experiências e influências de alguém de seu convívio, outros por terem, em algum momento da vida encontrado nesses processos a solução para algum problema de saúde. Pessoas de diversas crenças e classes sócias unidas pela crença no poder do sobrenatural expressas nas práticas de benzimentos, conforme afirmou Maria Aldenora das Graças Crispim, 38 anos (2025), quando ao ser perguntada sobre o que teria levado a acreditar em benzimentos respondeu:

Tudo começou quando apareceu em mim um nódulo e uma dor de cabeça tão forte que não tinha remédio que fizesse passar. Passei vários dias sofrendo com essa dor, até que minha mãe me levou a uma tia que morava em uma comunidade um pouco distante e que rezava em crianças e adultos para diversos tipos de doenças. Após três sessões de benzimentos, defumação e banhos com umas folhas que colhia próximo a casa, fiquei totalmente curada (Maria Aldenora das Graças Crispim, 38 anos. Entrevista realizada em, 2025).

A experiência particular da informante (benzida) foi o necessário para o fortalecimento de sua crença nos poderes dos benzimentos e para a compreensão da importância desses saberes para as pessoas e comunidades, principalmente em lugares onde o serviço de saúde não consegue atender satisfatoriamente em função das distâncias da sede do município e da falta de estrutura para a implantação de postos de atendimento constantes a população. Nesse sentido se destacam as palavras de Erick Rubens (2022) ao afirmar que em muitas localidades do Amazonas, os detentores dos conhecimentos de benzimentos são a única solução disponível para a cura de inúmeras enfermidades. Esse entendimento é muito presente quando se avalia geograficamente a Amazônia e volta-se o olhar para o Rural,

¹² Dogmas são verdades absolutas, definitivas e inquestionáveis dentro de uma doutrina ou sistema

sendo, porém, que na atualidade essas práticas estão bem presentes nos centros urbanos e a procura por tal serviço continua constante em meios aos hospitais e serviços modernos de atenção a saúde, por parte de pessoas de diversas classes sociais e nível intelectual.

No grupo de benzidos pesquisados isso fica evidente, pois embora, exista uma informante a benzida Helena Firmino Arruda, 66 ano, que possui apenas o Ensino Fundamental Incompleto, outras como Maria Aldenora das Graças Crispim, 38 anos e Leila dos Anjos de Lima, 39 anos, possuem nível superior e mesmo assim acreditam e fazem uso dos conhecimentos das benzedadeiras como forma de tratamento de saúde, logo independente do grau de formação e classe social, esses saberes acabam por unir as pessoas em uma crença que a razão não consegue explicar, conforme aparecem nas palavras de Souza Neto (2020) e Moura (2011) ao afirmarem que “mesmo diante de todo avanço médico científico a crença em orações, benzimentos, chás, garrafadas, uso de objetos [patuás, amuletos e talismãs], entre outros, faz-se muito presente” (p.55).

No município de Fonte Boa essas crenças estão arraigadas na cultura popular e presente em todas as classes sociais dentro inclusive do centro urbano o que desmonta algumas afirmações de que os saberes tradicionais são evidenciados e característicos de membros exclusivos das comunidades e meio rural. É certo que nesses espaços estes se evidenciam por questões geográficas e até pela falta de alguns serviços públicos básicos de atenção a saúde, porém pelo observado inclusive na caracterização de nossos benzidos, apesar de suas origens ligadas ao meio rural, residem na cidade e continuam com suas crenças firmadas nos poderes místicos e mágicos dos saberes de benzedadeiras e benzedores que em sua maioria não possuem nenhum grau de escolaridade elevado.

Ao abordar a procura das benzedadeiras e benzedores por parte dos benzidos bem como a crença em seus saberes e práticas, os benzidos pesquisados afirmaram que se tornaram mais crentes em função de problemas de saúde enfrentados por eles ou parente próximo e que foram resolvidos. Como já afirmado no depoimento da benzida Maria Aldenora das Graças Crispim, 39 anos, que disse ter sido curada de um nódulo, Leila dos Anjos de Lima, 39 anos, que seu filho foi curado de quebranto, Antônio Marinho de Souza, 80 anos, que foi curado de dores lombares, Francisco de Souza, 77 anos, curado de dor no dente e, a benzida Helena Firmino de Arruda, 66 anos que foi, através de benzimentos curada de izipa. Essas doenças com exceção do quebrando, definida como doença de benzedeira pelas próprias benzedadeiras, de acordo com Silva (2019), são facilmente tratadas pela medicina moderna, porém a influência das crenças no tradicional e nos poderes de cura que benzedadeiras e benzedores historicamente exercem sobre tais pessoas as levaram a

procura não de um hospital, mas de uma residência humilde onde uma senhora, usando palavras amorosas e umas ações pouco compreendidas, benzeram e repreenderam o mal.

Essa atitude revela uma importante questão envolvendo os saberes da medicina moderna e os saberes tradicionais, que é o fato de que os benzidos e as próprias benzedadeiras acreditam que com os poderes mágicos que possuem são capazes de curar qualquer doença e de qualquer origem (física ou espiritual), diferente da medicina moderna que se limita aos problemas de cunho biológico ou causado por algum trauma. Fabiano Araújo (2011, p. 83) ao tratar da busca por benzedadeiras pelos benzidos traz uma importante contribuição afirmando que estes procuram as benzedadeiras primeiro pela necessidade de uma cura e segundo pela busca de um sentido para a situação a qual se encontra, justamente porque essa prática oferece “um patamar de significações para as feridas simbólicas desencadeadas pela doença”, sentido este que é uma das formas de explicação ou justificação das crenças que constituem parte da subjetivada dos benzidos.

Acreditar e procurar uma benzedeira ou um benzedor são então atitudes que não dependem apenas da ausência de atendimento médico. Os benzidos são pessoas que, para além do uso da medicina moderna acreditam nos benzimentos como legítimas práticas de curas capazes de tratar doenças que não se descobre pelo viés dos exames, mas se desvelam a partir dos saberes de mulheres e homens, que também possuem os conhecimentos sobre o remédio, o ritual, a oração certa para sua expulsão. Dentro desse contexto é que se desvela o entrelaçamento envolvendo as benzedadeiras os benzedores, as benzidas e os benzidos por meio dos processos de benzimentos, observado a seguir.

Figura 5: Fluxograma da relação “Benzedadeiras, Benzimentos e Benzidos”



Fonte: Fluxograma elaborado pelo autor, 2025

O fluxograma apresenta como ocorre a relação entre benzedadeiras e benzidos por meio dos processos de cura. O conhecimento ou o saber das benzedadeiras e benzedores que se expressa através das práticas de benzimentos incide sobre os benzidos que por sua vez, além de sofrer uma ação direta, também influenciam essas práticas, validando as ações de quem benze por meio do testemunho da operação do milagre (cura). Ao realizar o

benzimento as benzedeiras confirmam saber o que estão fazendo para solucionar o problema, o benzido por sua vez se submete aos benzimentos na certeza de que serão curados, ainda que precise retornar outras vezes. Nesse sentido Araújo (2011, p. 83), afirma que

A identificação da população, com os agentes da cura informais, revela, antes de tudo, um compartilhamento de linguagem ou identificação de classe social, fazendo com que tais práticas, persistam até hoje, arraigadas culturalmente, minando a base de qualquer argumento elitista e hierarquizante que delega às funções curativas populares um papel menor e relacionado à ignorância (Araújo, 2011, p. 83).

A relação estabelecida entre a “população e os agentes de cura” conforme destaca o autor, além do compartilhamento de uma linguagem é onde também reside a confiança e crença dos mesmos, tornando as partes de uma identidade comum entrelaçada, pois uma não sobrevive sem a outra, ou seja, benzedeiras/benzedores e benzidos/benzidas, embora possuindo papéis diferentes em seus espaços de relações, são personagens que fortalecem as práticas de benzimentos. As benzedeiras e benzedores por serem detentores de um conhecimento ancestral do bem fazer e seus clientes os benzidos por serem indivíduos que, em sua maioria tiveram sua subjetividade forjada a partir das crenças e da religiosidade que fomenta os benzimentos e que os entrelaçam como sujeitos.

Vale destacar, no entanto, que no entrelaçamento das identidades de grupos ou sociais, os papéis muitas vezes se confundem pelo fato de alguns benzidos serem também benzedores, com significativo conhecimento na área, como ocorre com Dona Helena, 66 anos, uma integrante desse grupo que constantemente atende pessoas com problemas de carne rasgada ou “desmentidura”, sobre os quais a benzida que também benze realiza os procedimentos e os rituais de cura. Segundo a informante, muitos procedimentos se limitam a aplicação de algum emplasto utilizando alguma erva, mas em outros chega a efetuar orações, procedimentos mais presentes nas ações de benzedeiras e benzedores, porém para os que creem no poder dos benzimentos essa é uma questão secundária. Outro membro do grupo de benzido que possui conhecimentos na área é o senhor Antônio Marinho de Souza, 80 anos, segundo o colaborador que oriundo de uma comunidade rural, foi por vezes benzido de diversos problemas, essa relação com as benzedeiras, além de lhe despertar o interesse, fez com que aprendesse a rezar pra uma doença identificada por ele como cobreiro. O benzido afirmou que “talvez se tivesse se dedicado mais na prática de benzimentos poderia ter desenvolvido o dom e se tornado um benzedor com conhecimento de diversos rituais de curas”.

Figura 6: Reza para cabreiro

Fonte: Arquivo particular do autor, 2025

Utilizando fibras de folha de bananeira em cruz e uma tesoura o benzido reza perguntando a pessoa doente: – o que eu corto ao passo que a pessoa responde: cabreiro-cabeça, braço e perna, enquanto vai cortando as pontas das fibras. Essa é uma oração e prática que possui um valor estritamente simbólico, pois de maneira concreta é impossível visualizar alguma relação direta dos atos e palavras com a resolução do problema, porém é um procedimento que, segundo o benzido/benzedor possui uma influência na fé das pessoas levando a cura. Esse benzido também possui uma particularidade, pois o mesmo é agente de saúde e ao ser perguntado sobre seus conhecimentos da medicina moderna e sua crença nos saberes tradicionais, afirmou que embora na sua área de atuação esses saberes sejam contestados por algumas pessoas ele não vê nenhum problema, aliás sempre que solicitado em suas visitas costuma ensinar algum remédio caseiro as pessoas. Essa relação de crença, fé e prática que envolve benzedeadas e benzidos se efetivam pelos benzimentos, prática presente na vida de diversas pessoas como manifestação de um conhecimento que embora não possua aprovação por alguns seguimentos religiosos e por parte de integrantes da medicina, não foi inviabilizado, nem tampouco teve seus poderes minimizados dentro da modernidade.

CAPÍTULO II - RELIGIOSIDADE POPULAR E AS PRÁTICAS TRADICIONAIS DE BENZIMENTOS

*Tão forte é a tradição que as gerações futuras sonharão com aquilo
que elas nunca viram.*
G. K. Chesterton

Após nos atermos sobre os cenários e sujeitos da pesquisa, além da conceituação

dos dois principais grupos de colaboradores da pesquisa, neste capítulo abordaremos a questão da religiosidade popular que ensejam os processos de benzimentos, destacando a relação dos mesmos com as crenças e a fé que promovem as curas. Apresentaremos uma reflexão sobre os aspectos de tradição e modernidade nas práticas de benzimento como características da sociedade atual, além de fazer uma abordagem a luz das literaturas e das falas dos sujeitos a cerca dos aspectos práticos e simbólicos existentes tanto em rituais quanto nos objetos usados para estes.

2.1 Benzimentos como expressão da religiosidade

Benzer é uma prática diretamente relacionada a fé, as crenças e principalmente a religiosidade das pessoas. Essa religiosidade no Brasil se expressa por um sincretismo onde se evidencia o catolicismo, o candomblé o espiritismo, além de alguns seguimentos evangélicas, outros de matriz afro e principalmente indígenas com seus conjuntos de rituais e práticas usados na promoção do bem-estar humano. Essa hibridação de crenças originou uma diversidade de saberes e fazeres atrelados a natureza e às forças de divindades que para muitos é o próprio Deus. As formas de crenças em divindades detentoras dos poderes sobrenaturais e que os concede a pessoas privilegiadas fazem parte da vida de muitas pessoas ao longo da própria história da humanidade o que levou essas práticas a serem definidas como uma forma de cuidado e atenção à saúde, operadas pelas orações e rituais, onde acreditar, ter fé no poder que emana dos praticantes é fundamental para a realização das curas.

Esses saberes de benzedeiras e benzedores são então conhecimentos intimamente ancorados no que conhecemos como religiosidade popular da qual emergem muitas das crenças que fundamentam essas práticas. Essa religiosidade que aparece com destaque nas crenças dos povos amazônicos, possui diversas características, conforme dito, primeiro do catolicismo tradicional, mesmo que durante a Idade Média este tenha realizado fortes ataques a essas práticas. Essas características aparecem com evidência na aceitação do culto e promessas feitas aos santos protetores de pessoas e comunidades, como pode ser lido na afirmação de Eduardo Galvão (2007, p.6) “Os santos protegem a comunidade e asseguram o bem-estar geral. Seus favores e sua proteção obtém-se através de promessas e orações que propiciam sua boa vontade”. Os santos para as crenças católicas funcionam como mediadores entre os humanos e o Deus supremo. São entidades que intervêm e também operam milagres ao serem invocados através das orações e promessas que se faz para resolver um problema físico, mas também espiritual e até emocionais. É comum ainda

buscar a força dos santos para solucionar casos que extrapolam o racional e natural, enquadradas dentro de instâncias do sobrenatural.

Por esse entendimento, as práticas como benzimentos dentro do catolicismo tradicional e de muitas religiões evangélicas estiveram sempre relacionados à bruxaria sendo então reprovadas pela igreja primitiva, que inclusive perseguiu e condenou muitas das praticantes a morte, em um evento que ficou conhecido como “caça às bruxas” ocorrido principalmente entre os séculos XV e XVIII, e com bastante veemência no final do século XV e início do século XVI. Daniel Luciano Gevehre e Vera Lúcia de Souza (2014), em um artigo intitulado *As mulheres e a Igreja na Idade Média: misoginia, demonização e caça às bruxas*, fazem referência a esse período esclarecendo que:

O papa Inocêncio VIII, em 5 de outubro de 1484, publicou uma bula chamada de *Summis desiderantes affectibus*, que aumentava o poder de dois inquisidores que hereges, ao trair a religião de Deus pela do Diabo, eram também considerados apóstatas. Conheciam os ensinamentos da Igreja e, conscientemente, cometiam esse crime imperdoável. Baseado nisso, o tribunal não podia ser brando e condescendente, reintroduzindo-os no seio da Igreja. Sem piedade, eles eram merecedores da morte. Sobre as mulheres, evidentemente, recaíam os castigos mais “exemplares” e “pedagógicos”.

Embora se dê destaque a quem destoava dos ensinamentos da igreja como hereges¹³, as punições mais evidentes (exemplares) eram aplicadas as mulheres, que no contexto histórico da época eram caracterizadas com termos extremamente pejorativos e a quem ao se comportar e ter atitudes que não estivessem de acordo com o que preconizava os ensinamentos da igreja, eram consideradas como portadoras de entidades malignas, sendo então alvos das sanções da igreja, que não se limitava a punições apenas de exclusão da comunhão, mas se estendiam a submissão a punições físicas, inclusive com a condenação a exposição pública e a morte. Mesmo que muitas de suas práticas fossem extremamente benéficas a sociedade da época, o controle das ações sociais exercida pela igreja e o seguir aos dogmas como condição do bem viver para os cidadãos medievais, levavam essas mulheres a situações desumanas, como por exemplo a acusação de bruxaria. Gevehre e Souza (2014) afirmam ainda que:

As acusações de bruxaria, na maioria das vezes, não eram feitas por acaso. Frequentemente, as acusadas conheciam as propriedades curativas das plantas e desempenhavam algum tipo de atividade na comunidade [...]. Possuidoras dessa sabedoria oral da medicina empírica, as mulheres, sobretudo as mais velhas e mais pobres, além de saber os segredos da cura, também eram suspeitas de conhecer as receitas para enfeitiçar (Gevehre e Souza, 2014).

¹³ Herege são pessoas que defendem ou seguem ideias e doutrinas contrárias aos dogmas e crenças oficiais de uma religião

Tais acusações, no entanto, eram mais utilizadas para justificar as ações punitivas da igreja contra quem se contrapunha a seus ditames do que contra “a prática de fazer o mau”, como feiticeiras. Isso porque, mesmo sendo acusadas de feitiçaria essas mulheres possuíam, na verdade, um vasto conhecimento sobrenatural e habilidade no uso das plantas medicinais, como se tem também nos dias atuais, mesmo assim foram perseguidas e agredidas pelo sistema sócio religioso da época.

Atualmente essa realidade encontra-se um pouco diferente do período do medievo, mesmo assim ainda existem muitos estigmas acerca das práticas tradicionais como os benzimentos. Silvia Federici na obra *Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais* publicada em 2019 em São Paulo, afirma:

Hoje, na maioria dos países onde as mulheres são agredidas e assassinadas como bruxas, o governo não reconhece esse crime. Ainda assim, encontramos nas raízes dessa nova perseguição muitos dos fatores que instigaram as caças às bruxas dos séculos XVI e XVII, tendo como justificativas ideológicas a religião e a regurgitação de predisposições das mais misóginas (Federici, 2019, p. 23).

Essas atitudes podem ser entendidas como uma tentativa de apagamento de uma prática que sempre esteve atrelada em fazer o bem. Embora sujeitas a descréditos e acusações arbitrárias por autoridades e entidades sociais, as práticas tradicionais aqui representadas pelos benzimentos resistiram e se reinventaram ganhando novas configurações com um processo de hibridização¹⁴ que os ajudou tanto a redefinir quanto manter sua existência.

No Brasil colônia, período marcado pela presença influente da igreja católica tradicional que contribuiu na forma de dominação e controle das populações principalmente indígenas que habitavam a região amazônica os saberes tradicionais ligados às crenças e religiosidade sofreram severos ataques, especialmente com a implantação da catequese e demais ações de “domesticação” das populações tradicionais. Joel Pacheco de Carvalho e Marcos Vinícius de Freitas (2018), escrevendo sobre a presença da Igreja Católica na Amazônia, ao contextualizarem o cenário colonial, afirmam que as ordens religiosas se tornaram grandes aliadas para o sucesso da colonização portuguesa na Amazônia, sobretudo na figura da Ordem dos Jesuítas que foram os principais responsáveis pelo grande crescimento das missões e seu próprio fortalecimento dentro da região. No entanto, as práticas católicas da época desconsideravam muitos dos saberes e crenças dos povos da

¹⁴ Hibridização cultural é o processo de encontro, mistura e fusão entre diferentes elementos culturais, como tradições indígenas, práticas de matriz africana, heranças europeias

região. Indígenas eram tratados como “desalmados”, seus conhecimentos e crenças ignorados e precisavam, a partir dos preceitos da religião oficial, se aproximar de Deus. Os autores, apresentando informações de Arenz e Vasconcelos (2014), afirmam que essa estratégia de evangelização que se configurava mesmo como um meio para dominação desses povos, buscava conformar os indígenas com um discurso falso de proteção, através do qual exploravam e até escravizavam os nativos. Esse sistema na Amazônia se destacou por meio do argumento da catequização realizada principalmente pela Companhia de Jesus.

Embora que durante o Período Colonial essas ações da igreja tenham promovido diversos avanços para a região, dentro do entendimento ocidental, eles não foram capazes de extinguir os valores e crenças dos povos originários que se fortaleceram com o entrelaçamento com a cultura e saberes de outros povos que acessaram a região, como os escravos afrodescendentes. Esses povos trazidos para o Brasil contribuíram para a (re)configuração de diversas práticas que se conhecem hoje no Brasil, como tradicionais. As crenças e saberes indígenas fundidas às crenças e saberes dos escravos foram, assim, determinantes para desenvolvimento de uma religiosidade um pouco diferente das primitivas práticas e crenças católicas da idade média.

O novo cenário que se instaurou em parte do território brasileiro como a Amazônia, deu então origem a religiosidade popular, onde não se presta reverência apenas as divindades católicas tradicionais, como os santos, mas também a figuras oriundas das crenças indígenas dos deuses e orixás, além de outras divindades que são veneradas pelas diversas religiões com as quais nossa região fez contato.

Assim, “diferenciando-se das outras regiões do país, a Amazônia passou por certas transformações e comporta até os dias atuais características próprias de formas, vivências e relações com o sagrado” (Carvalho e Freitas, 2018, p. 71). A presença mais veemente da igreja na região Amazônica inicia-se no período das missões religiosas, especialmente com a companhia de Jesus, que após o Concílio de Trento (1554-1563), que buscou reorganizar as ações da igreja, período pós-Reforma protestante quando também as religiões evangélicas estavam em ascensão com uma prática de evangelização que questionava as práticas do catolicismo e seus dogmas.

Muitas ações da igreja principalmente com os povos indígenas acabaram sendo extremamente danosa, pois ao passo em que propunha uma “integração” aos preceitos da religião oficial, sob o discurso de cristianizar os indivíduos, em muitos dos casos exploravam e alienavam os povos ao desconsiderar sua cultura materna, porém, essa não

foi a máxima em todos os espaços amazônicos, em muitos as ações organizativas de catequização e mesmo de educação realizadas pela igreja serviu para organizar comunidades que se tornaram municípios amazônicos como ocorreu em Fonte Boa, cuja fundação é atribuída ao padre alemão Samuel Fritz, um jesuíta que contribuiu significativamente para a fundação da cidade.

Essas influências do catolicismo constituem, então, a primeira base religiosa institucionalizada do povo fonteboense, ainda que como tradicional, sua população já fosse portadora de uma religiosidade que embasava sua fé e práticas de curas as quais as pessoas recorriam como forma de resolver seus problemas de saúde.

Nas palavras dos colaboradores, tanto benzedeiros quanto benzidos, há muito presente alguma relação com o catolicismo, mesmo algumas se considerando, atualmente evangélicas, nos depoimentos fazem referências as vivências em família com pais, avós ou outros integrantes da genealogia dessas pessoas. Conforme aparece com destaque na fala da benzida

Maria Aldenora, 38 anos (2025) ao afirmar:

Minha família é praticamente toda católica, faziam promessas e participavam das missas rezadas em uma pequena capela da comunidade. Era comum se fazer promessas com o santo padroeiro e pagar, principalmente, durante as festividades em homenagem ao santo. Acreditávamos nos santos e recebíamos a dádiva pedida nas promessas. Minha mãe, que é benzedeira, benze pedindo a Deus através dos santos e fazendo orações que aprendeu com seus antepassados, mas a base da sua confiança é Deus” (Maria Aldenora, 38 anos. Entrevista, 2025).

Nas palavras da colaboradora, benzida, devota de Nossa Senhora de Guadalupe, padroeira do Município de Fonte Boa, observa-se uma forte ligação com a religião católica, mesmo que faça uso dos benzimentos, cujas bases se fundamentam em um sincretismo e em especial numa religiosidade popular que não se limita na crença nas divindades católicas, sua fé emerge dos santos e de Deus a quem atribui as curas operadas mediante as promessas. Destaca-se, então a influência muito marcante do catolicismo na vida dessas pessoas e com as práticas tradicionais, como os processos de benzimentos, onde os santos aparecem como divindades portadoras de poder de cura, mesmo em muitos casos sendo usados para acessar a Deus, conforme informa a benzida. Ao destacar que “a base da confiança das orações de sua mãe encontra-se em Deus” ela também fortalece a compreensão de que Deus é quem outorga o Dom através do qual a Cura se efetiva.

Embora o catolicismo com seu conjunto de dogmas e crenças tenha exercido forte influência nesses cenários históricos não se consolidou com exclusividade como religião

oficial na região. De acordo com Joel Pacheco de Carvalho e Marcos Vinícius de Freitas Reis (2018) afirmam que:

Com a expulsão dos Jesuítas da Amazônia, a passagem efêmera das ordens religiosas pelo vasto território, uma descontinua atuação de padres para implantar o catolicismo oficial fez com que surgisse uma rica diversidade religiosa popular que será alvo de combate, sobretudo a partir do século XIX com os chamados Romanizadores ou Ultramontanos. Com a carência da atividade missionária, a escassez de sacerdotes para um acompanhamento mais intenso foi um dos motivos que permitiu as populações amazônicas criar formas de religiosidade própria. (Carvalho e Reis, 2018).

A abertura para a presença de outras ordens religiosas e denominações, além das crenças já vividas na região pelos nativos, possibilitou que diversas formas de práticas religiosas se desenvolvessem e passassem a fazer parte do conjunto de crenças populares vivida na Amazônia bem como em seus 62 municípios. Como exemplos das formas de crenças presentes nesse sincretismo, os autores destacam a pajelança, as festas de santo, o apego às imagens e objetos considerados sagrados que passaram a fortalecer muitas das práticas vividas por muitos grupos sociais tradicionais. Mesmo assim os rituais e práticas católicas tradicionais não se perderam totalmente, permanecendo presente nas vivências dos seguidores do catolicismo, religião que exerce significativo protagonismo cultural nos municípios do interior do Amazonas, mesmo que muitos de seus seguidores, mais que católicos sejam praticantes de uma religiosidade popular, haja vista que suas crenças não se limitam às divindades oriundas do catolicismo.

Outro elemento importante e talvez o mais significativo nesse sincretismo religioso amazônico, que fundamenta os processos e prática de cura é a religiosidade praticada pelos inúmeros grupos indígenas que habitavam e habitam a região. Além dos saberes acerca dos recursos da natureza, especialmente das plantas medicinais, esses grupos possuíam e possuem conhecimentos de rituais, invocação dos espíritos protetores e formas de lidar com o sobrenatural, expressos, por exemplo, pelas pajelanças e xamanismo que consistem em rituais com o objetivo de expulsar problemas físicos e espirituais que afetam as pessoas. Esses rituais, após um rico processo de hibridação, além dos elementos culturais indígenas, também incorporaram características afro e do catolicismo popular praticado na região.

Carvalho e Reis (2018), explicam esse processo afirmando que:

A pajelança cabocla pode ser comparada as várias formas de xamanismo clássico, em que o xamã realiza a viagem ao mundo dos espíritos e lá combate os seres malignos causadores das doenças em seus pacientes, esse modelo de xamanismo onde a incorporação de entidades no xamã tem pouca importância também se faz presente em diversos povos indígenas. Porém, na pajelança cabocla percebemos diferenças, apesar de sua origem ser indígena (Tupi), no ritual a incorporação de

entidades no corpo do xamã, que vem para curar os enfermos, tem grande importância, não é necessariamente o xamã que cura, mas sim os “encantados” ou caruanas que agem através de seu corpo (Carvalho e Reis, 2018).

A comparação apontada pelos autores reside principalmente na viagem ao mundo dos espíritos para combater os causadores dos males que causam as doenças além de outros problemas que interferem no bem viver das pessoas. Nesse particular o pajé¹⁵ semelhante ao xamã¹⁶ entra em uma espécie de transe quando invocam e incorporam as entidades. Nesses rituais quase sempre há a presença de músicas e danças, que são elementos importantes para que essas forças tenham liberdade de agir. Os autores fazem uma distinção sobre as pajelanças e os xamanismos praticados exclusivamente nas tradições indígenas e as práticas de diversos outros grupos humanos hibridizados. Enquanto nos grupos indígenas essas práticas se atrelem principalmente aos conhecimentos da natureza e o mundo dos espíritos, para os grupos mestiços tratados pelos autores como “caboclos”, além desses elementos muitos evocam entidades católicas expressas pelos santos, pelos rituais dos cultos e missas e pelas promessas que se fazem aos santos.

Essas atitudes reforçam o entendimento da importância das crenças nas divindades ou entidades detentoras de poderes sobrenaturais na operação das curas, seja por pajelança, xamanismo tradicional ou pelos processos hibridizados pelos conhecimentos a partir de outras matrizes que não a indígena. Sobre esse contexto, Heraldo Maués lança luz ao informar no texto *A Ilha Encantada* (1990), que a pajelança amazônica consiste em um conjunto de práticas e crenças xamanísticas que tem em suas expressões culturais diversos elementos da religiosidade indígena, africana e católica, mesclados em graus variáveis. Esse conjunto de práticas e elementos de diversas matrizes religiosas ganhou destaque em Fonte Boa, onde se observou também a presença de benzedeadas evangélicas dentro do grupo de informantes. Esses colaboradores ao serem questionados sobre sua orientação religiosa atual afirmaram que, embora sejam criticados por alguns, mantêm suas práticas de atenção a saúde por meio dos rituais que aprenderam antes de passarem a pertencer a religião evangélica. Nemésio Magalhães de Castro, 69 anos (2025), um dos colaboradores benzedores que atualmente se define como evangélico, ao ser indagado sobre essa condição, afirmou:

O que eu faço é ajudar as pessoas que me procuram quando estão doentes. Quando entrei para a religião evangélica muitos irmãos da igreja me falaram que eu ia precisar deixar de rezar, mas eu já faço isso há muito tempo e as pessoas

¹⁵ Pajé é o líder espiritual, curandeiro e guardião dos saberes ancestrais

¹⁶ Xamã é uma figura central de liderança espiritual, medicina e sabedoria dentro das comunidades indígenas

continuam me procurando. O pastor falou que não era bom continuar com essas práticas, mas Jesus fez isso quando estava na terra, curando muitas pessoas. (Nemésio Magalhães de Castro, 69 anos. Entrevista, 2025).

Tal questionamento surgiu durante o processo de observação e identificação dos colaboradores especialmente pelo conhecimento de que dentro da maioria das igrejas evangélicas, práticas xamânicas assim como os benzimentos são reprovadas por, de acordo com o entendimento, fazerem parte de rituais que invocam forças “diabólicas”, entendimento que não é aceito com naturalidade pelos benzedores evangélicos, que chegam afirmar serem representantes da vontade de Deus na terra como fizeram os discípulos nos tempos de Jesus.

Essa realidade revela uma complexa relação ao se tratar das crenças que fomentam as práticas de cura, ao mesmo tempo fortalece a riqueza do sincretismo que envolve esses processos, em que, independentemente da religião que professam, o próximo é o que realmente impera na vida de muitas pessoas, quando a assunto é a prática do bem fazer. Nesse sentido, contrariando aos ensinamentos de determinadas igrejas cristãs evangélicas, benzedoras continuam a realizar os benzimentos e as curas que aprenderam ou desenvolveram ao longo dos tempos, mesmo de forma “clandestina” a orientação religiosa que professam.

O entendimento de “realidade complexa” expressa no universo do “saber fazer” nos processos de benzimentos aparece então muito semelhante ao que Edgar Morim trata como “complexidade” por não se tratar de uma realidade onde as crenças se diferenciam tornando impeditivos para as práticas de curas dessas pessoas, mas sim comungam com um ideal comum que é fazer o bem, ou seja, um verdadeiro “tecido junto”, expressão que define o conceito abordado pelo autor.

Além dessas influências na relação de configuração dos benzimentos como conhecemos não se pode negar também a influência dos saberes, práticas e crenças trazidas ao Brasil e a própria região amazônica pelos escravos no período da colonização, onde se destaca o Candomblé e a Umbanda, que agrega elementos do catolicismo com práticas das religiões tradicionais da África, além de outras que são observadas em regiões e estados específicos do Brasil como o Xangô no Nordeste, o Tambor de Minas, o Batuque e outras que passaram a constituir com o sincretismo religioso brasileiro.

Reginaldo Conceição da Silva (*et al.*, 2020) em um texto que tem por título *Religiosidade afro-amazônica: Condição do bem-viver na Amazônia*, destaca que:

O legado deixado pela escravidão africana no Brasil é marcado pela diversidade afro-religiosa. De modo genérico, os africanos da Nigéria são representados pelos Iorubás (Candomblé Ketu), os do Daomé e do Benin com os Nagôs (Tambor de Mina), os de Angola com o (Candomblé de Angola), acrescido ainda de outros povos como Jeje, Fon – todos com liturgias próprias e forte presença nas religiosidades afro-brasileiras difundidas nas cinco grandes regiões do Brasil (Silva, *et al.* 2020, p. 42).

Vale destacar, pela citação que o legado da religiosidade Africana, representada pelas crenças dos escravos trazidos para o Brasil, está presente em todas as regiões do país. Em alguns lugares se destacam mais isoladamente como é o caso do Xangô no Nordeste e em outros, mais fundida ao cultural dos povos primitivos da região, como ocorre na Amazônia, onde a Umbanda e o Candomblé são observados fundidos a elementos do catolicismo e das crenças indígenas da região. O autor destaca ainda que “o legado de expressões do sagrado, representa forte elemento de resistência aos processos de consolidação política, econômica e social de imposição de subalterna da identidade étnica impostas, muitas vezes, pela violência física e segregação espacial” (Silva, *et al.*, 2020), o que justifica a afirmação das práticas tradicionais como os benzimentos e outros processos de cura, como práticas de resistência. O saber fazer desses povos ou o conhecimento e as práticas além de características de suas identidades eram sim verdadeiros elementos de consolidação cultural, ainda que miscigenados os afrodescendentes estabeleceram suas raízes culturais religiosas contribuindo para a introdução de diversos elementos das crenças e rituais na constituição da religiosidade popular.

As matrizes que originaram esses saberes foram em muitos movimentos oriundos da Europa e da África que influenciaram a consolidação de uma população miscigenada, mas não apenas de características físicas e sim dos valores crenças, etc., que constituem parte do capital imaterial da população amazônica. Esse movimento também ocorreu entre os estados brasileiros, onde as características culturais das 5 regiões ajudaram a definir certa pluralidade cultural nos estados.

Na Amazônia, que compõe com supremacia o norte do país, essa mistura tanto com influências dos exploradores estrangeiros como de grupos pertencentes ao Brasil, junto com os povos originários da região acabou, por definir, como já fora citado, uma caracterização sociocultural bem particular. Inicialmente de indivíduos vindos para explorar a região em busca de riquezas e posteriormente das grandes missões religiosas que se atrelavam aos interesses

econômicos de outros países, buscavam disseminar a fé católica e “domesticar¹⁷” os nativos. Nesse movimento diásporo entre as regiões muitos nordestinos migraram para a Amazônia, essa migração foi outro fato que influenciou na religiosidade popular amazônica, haja vista que traziam consigo não apenas a força de trabalho e o sonho de melhores condições de vida, mas suas crenças, seus valores, sua cultura., conforme escreve Euclides da Cunha sobre os nordestinos que vieram para a Amazônia durante o período áureo da borracha.

Maria Liége Freitas Ferreira (2008) em um artigo que versa sobre “Representações da cultura e da sacralidade desenvolvidas pelos nordestinos nos seringais da Amazônia” afirma que “o nordestino que foi para a Amazônia levava consigo, também, suas crenças e superstições”. Embora que passando a viver isolados de seu povo e de suas práticas culturais e religiosas, interagindo em alguns casos com indígenas e ribeirinhos, que por certo influenciaram e remodelaram suas crenças, também contribuíram na constituição da religiosidade popular amazônica. Muitos destes, inclusive, com práticas já herdadas da cultura Africana como o Candomblé, cujo contato se deu anteriormente na Região.

Essas heranças resumidas no quadro, abaixo são elementos que tornam a Amazônia um espaço geográfico bem plural quando se tratar de características religiosas. Essas características aparecem principalmente dentro dos saberes tradicionais, conhecimentos que melhor se destacam nas práticas de curas, como os processos de benzimentos que encontram na religiosidade popular híbrida o combustível para a realização desses rituais.

Quadro 3. Matrizes religiosas que hibridizaram os benzimentos na Amazônia.

Matriz religiosa	Características
Religiões de Matrizes Indígenas	Cosmovisão Animista: Acreditam na presença de espíritos em elementos da natureza, como árvores, rios, animais e objetos. Rituais e Celebrações: Praticam cerimônias que envolvem cantos, danças, cânticos e oferendas para homenagear os espíritos e pedir proteção. Ligações com a Natureza: A relação com o meio ambiente é central, considerando-o sagrado e essencial para a sobrevivência. Transmissão Oral: Seus conhecimentos e tradições são passados oralmente de geração em geração. Politeísmo: Geralmente acreditam em múltiplos espíritos e divindades menores, com uma relação de respeito e reciprocidade com eles.

¹⁷ Domesticação foi um processo histórico de catequese, aculturação e controle social ocorrido durante a colonização do Brasil.

Religião Católica Europeia	Monoteísmo: Acredita em um Deus único, criador do universo. Textos Sagrados: Utiliza a Bíblia como principal fonte de doutrina e ensinamentos. Estrutura Hierárquica: Possui uma organização clerical com sacerdotes, bispos, cardeais e o Papa. Rituais e Sacramentos: Missas, batismos, casamentos, confissões, entre outros sacramentos. Doutrina Dogmática: Segue princípios e dogmas estabelecidos pela Igreja, com ênfase na fé, na moral e na salvação. Histórico de Evangelização: Contribuiu para a colonização de várias regiões e integração cultural através da evangelização.
Religiões de Matrizes Africanas	Politeísmo e Ancestralidade: Acreditam em múltiplos deuses (orixás, voduns) associados a elementos da natureza e aspectos da vida humana. Rituais e Festas: Realizam cerimônias com danças, cânticos, oferendas e uso de objetos sagrados para homenagear os orixás e solicitar proteção ou bênçãos. Conexão com os Antepassados: Os ancestrais têm papel importante na vida espiritual e nas práticas religiosas. Sincretismo: Muitas dessas religiões incorporaram elementos do catolicismo devido ao processo de colonização, formando religiões sincréticas. Transmissão Oral: Seus conhecimentos e rituais são passados oralmente, muitas vezes de mestre para discípulo. Relação com a Natureza: Os orixás representam forças da natureza e aspectos da vida cotidiana, reforçando o vínculo com o meio ambiente.

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com auxílio de fontes bibliográficas, 2025.

O quadro resume as principais características das matrizes religiosas que se hibridizaram na constituição da religiosidade popular na Amazônia. Essas características apresentam uma multiplicidade de elementos ritualísticos, crenças e divindades que operam as curas, conforme nos afirma a benzedeira Elísia das Graças de Souza, 69 anos (2025), que nos rituais da cultura popular as curas não dependem de uma única força superior, mas sim da fé em uma divindade que pode ser Deus, mas em alguns casos um santo, um orixá, ou um espírito, como procedem os indígenas quando em seus rituais incorporam forças sobrenaturais. Essa afirmação dá conta de esclarecer a importância da religiosidade popular não limitada a apenas a uma matriz de crença, mas de um sincretismo no exercício do saber e do fazer que consolida os processos de benzimentos.

Em Fonte Boa, o que mais se observa são esses saberes atrelados às crenças nos

santos católicos, entidades (espíritos) indígenas e também elementos de matrizes africanos que na atualidade se observa em alguns representantes do espiritismo. Outra característica que se observou dessa religiosidade durante a pesquisa foi a autodeclaração de benzedeiras como evangélicas, denominações que são contrárias as práticas de benzimentos, por considerá-las como uma representação do mal, conforme fora dito. Ao ser perguntada sobre a que religião pertencem os benzedores Leticia, 67 anos, Nemésio, 69 anos e Raimunda Magalhães, 54 anos (2025) declaram frequentar a igreja evangélica embora tenham frequentado o catolicismo. Esse posicionamento demonstra que no campo da religiosidade que fomenta os benzimentos o próprio sincretismo vem sofrendo alterações, pois denominações totalmente contrárias a essas práticas possuem integrantes que realizam benzimentos, junto também as curas por meio das orações como pregam essas denominações.

2.2 Tradição e modernidade nas práticas de benzimentos

Como prática social, os processos de benzimentos apresentam características de um saber fazer tradicional, mas também de sua existência e permanência nos considerados tempos modernos e pós-modernos. Ao pleitearmos um entendimento desses conhecimentos inscritos ao longo da história vislumbramos momentos portadores de certa dicotomia, haja vista tratar-se de conceitos que, embora reclame para si uma relação harmônica de completude, se observa fissuras em suas relações e práticas aos olhos da sociedade moderna. Nesse sentido os processos de benzimentos como um saber representativo da cultura dos povos tradicionais é um dos exemplos de práticas onde o “ontem e o hoje” se entrelaçam. Aprofundaremos aqui nossa análise sobre esses processos como práticas tradicionais de resistência, mas que não se limita a um conhecimento ultrapassado ou que ficou no esquecimento. Pois não só fazem referência a um saber antigo, mas principalmente a uma prática que mesmo com raízes ficadas na antiguidade surge na modernidade como manifestação muito viva, que remonta muitas memórias, experiências, aprendizagens e vivências.

Esse entendimento guarda estreita relação com os depoimentos das(os) colaboradoras(as) que quase em sua totalidade, afirmam ter seus saberes adquiridos de seus ancestrais, parentes ou não que detinham tais conhecimentos e ao longo dos tempos realizavam tais práticas. O que aparece também ao afirmarem que seus saberes remetem a origens ancestrais existentes bem antes da medicina como ciência ter sido concebida, conforme já afirmado nesse texto. A benzedeira Raimunda L. Magalhães, 54 anos (2025),

ênfatiza as características dos benzimentos como prática tradicional quando afirma:

Aprendi a benzer com meu pai que era rezador e benzia pra várias doenças. Ele me ensinou as orações que sabia e que havia aprendido com seus pais. Outra pessoa que me ensinou várias orações foi meu tio, que também era muito conhecido e as pessoas procuravam bastante (Raimunda Lopes Magalhães, 54 anos. Entrevista realizada em 2025).

O depoimento nos mostra que esse conhecimento, ainda que presente na modernidade é uma prática que tem sim raízes tradicionais em saberes que nem sempre encontra explicações, mesmo porque essa não é uma questão central quando se busca analisar os processos de benzimentos e suas curas.

Adalberto Silva Santos (2002), doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília e professor da mesma universidade, em artigo intitulado *Resistências culturais como estratégias de defesa da identidade* afirma que:

Tradição pode ser entendida como sendo aquilo que persiste do passado no presente, presente em que ela continua agindo e sendo aceita pelos que a recebem e que, por sua vez, continuarão a transmiti-la ao longo das gerações. Não há tradição cultural que não esteja ligada a um dado grupo social, que não seja histórica e geograficamente situada. Por outro lado, embora, não haja nenhuma sociedade que não possua sua própria cultura, não se pode pensar que a cultura seja a reprodução idêntica de um conjunto de hábitos imutáveis. As culturas mudam, pois estão imersas nas turbulências históricas e integram os processos de mudança.

O fragmento de texto dialoga com as práticas dos povos ancestrais amazônicos. Porém merece destaque na citação a inserção desses conhecimentos como elemento de identidade de um povo, dando conta de que são essas práticas que definem e caracterizam determinados grupos em dado momento histórico. Contudo a tradição continua viva sendo transmitida e retransmitida. As palavras de Rückert, Cunha e Modena (2018), ganham destaque, por essa ótica, ao enfatizarem que as práticas e saberes tradicionais concebidas por meio da apreensão e visão de mundo das camadas populares da sociedade, evidenciando suas heranças culturais, vivências e relações ambientais, econômicas, sociais, que os constituem. Logo, enquanto tradição, os conhecimentos dos povos ancestrais, não apenas os identifica como um grupo em particular, mas também os inserem dentro de um contexto sociocultural mais amplo, como é o caso das relações econômicas e ambientais. Embora em Foucault (1972), a definição de Tradicional apareça se referindo a “repetição”, “costume” e a características a serem transmitidas de “geração a geração” e, mesmo a definição caracterizando satisfatoriamente a propositura, é importante destacar seu caráter de presença nos tempos modernos, ainda que constituída por processos de hibridação de diversas outras culturas com as quais se relacionou.

Outra definição que nos ajuda a compreender o caráter de tradição presente nos processos de benzimentos consta da definição proposta pelo Dicionário online de Língua Portuguesa, quando define tradição como sendo “Costume transmitido de geração a geração ou aquilo que se faz por hábito; costume. Herança cultural, legado passado de uma geração para outra. Transmissão oral de doutrinas, de lendas, de costumes etc., durante longo espaço de tempo, de geração para geração”. É possível destacar que, embora os elementos da definição foquem com veemência a caracteres históricos transmitidos de uma geração a outra, esses elementos quase sempre se apresentam como um conjunto de práticas de resistência. De acordo com Santos (2002) Os processos de resistências culturais engendrados pelas entidades da cultura popular são construídos por meio da articulação com seu entorno, são preservados pela memória coletiva e constituem fontes específicas de identificação. Logo se caracterizam como mecanismos de defesa contra processos de apagamento que quase sempre submetem os saberes tradicionais a uma categoria de inferioridade. Embora esses processos engendrados dentro da cultura popular sejam vistos como importantes para a preservação e até constituição das identidades, nossos colaboradores veem com preocupação o futuro das práticas benzimentos. Mesmo conscientes de sua importância benzedoras e benzedores, questionam tanto a desvalorização quanto a falta de interesse das gerações atuais em aprender e preservar a cultura dos benzimentos. O Benzedor Raimundo Amancio Filho, 77 anos (2025) chega a afirmar que as práticas de benzimentos vêm perdendo forças, principalmente pelo descredito de muitos seguimentos religiosos e pelos adeptos da ciência moderna, além das imposições por questões sociais e econômicas que inferioriza esses saberes. Mesmo diante desse cenário, os representantes desses saberes, são unânimes na defesa do legado que lhes foi imputado como dádiva divina.

Nesse sentido, o ato de resistir, de acordo com Ferreira (1975), pode ser entendido como a capacidade que têm esses seres de lutar em defesa de algo, o que concorda com a definição dicionarizada quando apresenta o conceito de tradição como relacionada a capacidade que têm os seres animados e inanimados de opor-se frente a um outro sistema de forças. Logo se apresenta como formas de reagir contrária a sistemas ou doutrinas impostas como forças dentro dos seguimentos sociais que tentam homogeneizar as práticas, manifestações e conhecimentos em uma sociedade.

Esses processos socioculturais e também de resistência conforme abordados, não se apresentam apenas como parte da conjuntura cultural dos povos tradicionais, mas se manifestam como componentes constitutivos da identidade desses grupos. Identidade

forjada ao longo dos tempos a partir dos conhecimentos que a ciência e a modernidade líquida, de acordo com o filósofo Zygmunt Bauman (2001) não conseguiu suplantam. Nessa obra (modernidade líquida) ao tratar da fluidez nas relações sociais, institucionais e identidade, Bauman descreve aspectos singulares da modernidade atual, como volátil e flexível que tem definido tanto os grupos quanto os indivíduos em particular. Esse entendimento, embora que consiga definir o modelo

social da atualidade, não se aplica na totalidade aos conhecimentos dos povos tradicionais, que ao se sustentarem no chão da tradição, tem suas características muito sólidas, mesmo quando agregam elementos de outras práticas, como é o caso dos conhecimentos dos povos tradicionais amazônicos. As identidades tradicionais têm uma solidez. Embora enxergando, nas palavras do próprio autor, uma assertiva quanto da definição dentro da sociedade atual, mais uma vez encontramos ressonâncias quando se trata dos povos ancestrais que se definem principalmente pelo seu saber e fazer.

Ao observar certa solidez quando se refere da identidade dos povos tradicionais amazônicos, não significa afirma que esses vivem um isolamento dos demais povos, mas sim que suas práticas preservam os principais elementos herdados como a essência de seu saber e características de suas vidas. Enquanto grupos sociais esses povos interagem com diversos outros povos e culturas, tornando a miscigenação um processo extremamente híbrido, mesmo que seja possível identificar a prevalência das características culturais dos povos locais na formação de sua identidade.

É nesse sentido que ganham destaque, as palavras de Tzvetan Todorov (2009), filósofo e linguista búlgaro, quando ao fazer uma afirmação sobre o papel da literatura, ainda que não guarde semelhança mais direta com os elementos e categorias aqui trabalhadas, destaca:

Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano (Todorov, 2009, p. 23-24).

O entendimento apresenta a rigor a formação da identidade dos povos tradicionais amazônicos, que se constitui pelo herdado, o repassado por gerações anteriores. Embora acene para um esclarecimento a partir de estudos da área da linguística, o autor ao afirmar que “ela permite que cada um responda melhor a sua vocação de ser humano” também

contribui para a compreensão destes enquanto grupos constituídos de pessoas com ações e práticas bem particulares que tanto os define pessoalmente quanto social e culturalmente. Essa reflexão encontra respaldo na afirmação do teórico dos estudos culturais Stuart Hall (2020), quando ao fazer referência a construção da identidade, conclui:

... A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre sendo “formada” (Hall, 2020, p. 24)

Nas palavras de Hall, se encontram, conforme já afirmado, as características constitutivas identitárias dos povos tradicionais amazônicos, que assim se definem por terem suas características culturais, como a soma das vivências e saberes das gerações anteriores. Ainda que o autor apresente o entendimento de incompletude dessa constituição, haja vista, que são processos dinâmicos, não podemos nos furtar ao entendimento de que o sujeito amazônida tradicional encontra imerso e identificado pelo que sabe e faz herdado de gerações, mais do que por uma característica física.

A partir do exposto, os processos de benzimento como práticas tradicionais de curas são também práticas de resistência e de identidade individual e coletiva, pois além de seus efeitos serem observados ao longo da história, esses saberes serviram e servem como características identitárias desses grupos humanos. Grupos esses que, mesmos considerados por alguns como portadores de um conhecimento ultrapassado ou sem valor científico, encontram-se bem presentes e ativos na modernidade. O conceito de modernidade, que nos parece mais adequado nessa discussão e o que engloba e não desconsidera as práticas sociais tradicionais, conforme aparece em Anthony Giddens (2002) quando afirma: “A modernidade é uma ordem pós-tradicional, mas não uma ordem em que as certezas da tradição e do hábito tenham sido substituídas pela certeza do conhecimento racional” (Giddens, 2002, p. 10). Tal afirmação que está na obra *Modernidade e Identidade*, e explica como práticas tradicionais se inserem no contexto da sociedade moderna ao enfatizar “não uma ordem em que as certezas da tradição e do hábito tenham sido substituídas”, ou seja, embora as mudanças sociais e de identidades influenciem muitas das práticas, ao se tratar dos saberes tradicionais, ainda que imponha a necessidade das mesmas se reinventarem e se hibridizarem, não conseguem extingui-las.

Os benzimentos encontram-se inserido dentro desse contexto e com as mesmas características, pois mesmo sendo alvo de críticas por alguns seguimentos sociais modernos continuam no cumprimento de sua missão, que é promover o bem, conforme afirma uma das

colaboradoras pertencente ao grupo das benzidas, identificada como Leila dos Anjos de Lima, 39 anos (2025) parte desse entendimento, quando afirma:

Pra muita gente isso é um conhecimento do passado, mas até agora ainda não acabou e as pessoas continuam procurando as benzedeiras, pra benzer seus filhos e até elas mesmas. Na casa da minha mãe quase todo dia aparece gente pra ela benzer. Tem dias que ela quase não para. (Leila dos Anjos de Lima, 39 anos. Entrevista realizada em 2025)

As informações apresentam tanto a importância do saber fazer dos benzimentos quanto sua sobrevivência como prática tradicional. Como importante fica evidente o fato de muitas pessoas procurarem o tratamento pelos benzimentos, mesmo em tempos em que a medicina se modernizou e tornou-se mais acessível, juto a observação de que os que procuram tais serviços são também membros de diversas classes sociais e níveis econômicos, validando a prática como socialmente importante. Como tradicional destaca-se ainda o fato de ser um saber que, embora afirme a informante que “para muita gente é um conhecimento do passado” se verificou sua presença e com muita evidência nos tempos pós-modernos. Essa atenção ou atendimento é realizado tanto com pessoas adultas quanto com crianças que são levadas pelos pais para ser benzidas. Assim, há também, mesmo que de forma inconsciente, a transmissão da crença nessas práticas de curas às gerações que constituirão o futuro, pois é bem comum quem foi benzido na infância repetir tais práticas com seus descendentes.

É nessa perspectiva que ao analisar de maneira teórica e prática os processos de benzimentos como práticas de cura e cultura tradicional frente a modernidade e a pós-modernidade, se pode afirmar que são processos que para além de forças antagônicas possuem na verdade mais e maiores pontos de coesão e complementos, que precisam ser vistos, entendidos e respeitados na manutenção de uma cultura tradicional que se funde à ciência moderna na promoção ao bem-estar humano.

2.3 O prático e o simbólico nos processos tradicionais de curas.

As operações de curas realizadas pelas práticas de benzimentos são processos que aparecem entrelaçadas ao exercício do ritual, a fé e a crença de quem procura além de, em muitos casos, se utilizar de plantas medicinais que são aliadas aos gestuais no tratamento de doenças. Os rituais constituem um grupo sequencial ou não de movimentos e orações como forma de motivar a fé e estimulando as energias necessárias para que as curas ocorram. Esses gestuais assim como as orações e os conhecimentos das ervas medicinais são aprendidos e se desenvolveram ao longo dos tempos de prática. Silva (2003), em um artigo

intitulado O significado cultural das benzeções em uma comunidade remanescente de quilombo (MG), afirma que:

Os ritos utilizados na hora das benzeduras consistem também em uma forma de representação que, de certa forma, vão dando legitimidade à prática. Eles são necessários, é como se fosse o elo, a presentificação do sobrenatural e do invisível. O fortalecimento da crença está na energia do ritual e, consequentemente, naquele que o dirige. Os rituais são sumamente importantes nesta prática justamente por se tratar de um costume principalmente da classe popular. É possível perceber que, quanto mais simples e iletrada for a localidade, maior a necessidade de ritos. Os ritos são parte integrante das relações sociais e da vivência humana.

Nesse fragmento se destaca a importância dos gestuais como estratégia de motivação da fé de quem é benzido. É uma forma de evocação ou súplica ao sobrenatural para que a cura aconteça. Segundo o autor essas energias são motivadas nas pessoas em particular ou grupos, principalmente os que possuem menor conhecimento ou desenvolvimento intelectual. Contudo essa informação não pode ser generalizada, pois muitos dos benzidos possuem sim um significativo conhecimento intelectual, mas, mesmo assim acreditam nos processos de benzimentos. Essa contradição que aparece na citação se verificou dentro do grupo de benzidos pesquisados em Fonte Boa, onde as colaboradoras Maria Aldenora, 38 anos e Leila, 39 anos, afirmaram possuir nível superior completo com especialização, demonstrando que as questões de fé e crença que fomentam as curas estão mais fincadas dentro das raízes culturais e da religiosidade popular, vivida por muitos amazônidas.

Embora não se possa negar e concorde em parte com a afirmação a cerca de uma maior influência e crença nesses saberes dentro dos grupos “mais simples e iletrados” na atualidade esse entendimento tem se modificado, principalmente dentro dos contextos urbanos como o desse estudo, pois mesmo com acesso a informação e conhecimento um número significativo de pessoas inclusive de classes sociais elevadas usam e indicam os benzimentos como prática alternativa de saúde, reforçando inclusive seus efeitos.

Alberto Quintana (1999), na obra *A Ciência da Benzedura: Mau Olhado, Simpatias e uma Pitada de Psicanálise*, ao abordar crenças populares e a maneira como esses saberes exercem influência na vida das pessoas, afirma que as rezas, os chás, os movimentos corporais, possuem um sentido e assim, tornam-se eficazes, se estiverem inseridos dentro das práticas do ritual do benzimento, pois fora dele perde seu poder, perdem sua significância, não podendo operar mudanças no estado do paciente. Nas palavras do autor o ritual é um momento extremamente importante dentro dos processos de benzimentos, por ser motivador das curas. Destaca-se ainda a falta de eficácia de outros elementos ou ações

como as rezas se estiverem isoladas fora dos rituais.

Compreendemos então que o ritual tem uma função simbólica, ou seja, é uma condição que motiva o efeito e as crenças nas práticas ou processos de benzimentos. É nesse sentido que vale a afirmação de que “não é exagero dizer que o ritual é mais para a sociedade do que as palavras são para o pensamento. Pois é bem possível conhecer alguma coisa e então, encontrar

palavras para ela; mas é impossível ter relações sociais sem atos simbólicos” (Douglas *apud* Rocha, 2005, p. 6). Por “atos simbólicos” neste contexto, entendam-se as crenças, a fé e a religiosidade presente nas pessoas e práticas.

Nessa perspectiva, afirma Maria Clara Machado, (1997) que:

O ritual é uma forma de representação visual e exterior dos poderes mágicos legitimando a prática. Sem a encenação há perda do brilho e o contato entre o espiritual e o terreno, o mágico e o concreto não se realiza. O fortalecimento da crença está na força do ritual e, conseqüentemente, naquele que o dirige. Os fenômenos naturais pertencem, nesta ótica, ao mundo mágico. Doença, morte, alegria e tristeza, nascimento e crescimento são produtos de um mesmo poder. Ilusão e realidade se confundem. Basta que se tenha fé nas palavras e ações empreendidas pelo portador do dom para que os resultados possam ser obtidos (Machado, *op cit*, p. 237).

O que ocorre no ritual é extremamente importante, seja no processo de validação da prática, seja como na motivação da fé para o resultado almejado. Muito mais que ouvir o que se diz, vale entender para que serve, a autora destaca que “o fortalecimento da fé está na força do ritual” e, enfatiza a importância da fé nessas práticas. Outro aspecto de destaque na citação é que, segundo a autora, sem estes “contatos entre o espiritual e o terreno, o mágico e o concreto não se realizam”, ou seja, funciona como uma forma de prece que evoca forças sobrenaturais que é o que promove as curas. Esta afirmação permite nos entendermos o porquê? da utilização de ramos e alguns objetos nos rituais de benzeção, pois o mesmo embora seja parte concreta dos rituais, exercem uma influência simbólica sobre quem é benzido, conforme afirma uma das benzidas que entrevistei ao esclarecer: “os galinhos de pinhão, vassourinha e até o carvão parecem que tem um poder, um tipo de energia”, (Leila dos Anjos de Lima, 39 anos. Entrevista realizada em 2025).

As benzedeadas e benzedores ao realizarem esses rituais externam tanto a detenção do conhecimento quanto que sabem como exercê-lo na prática. O uso de determinados ramos nos gestuais fazem parte dos saberes que as benzedeadas possuem e exercitam, como parte do simbolismo que envolvem os benzimentos.

A relação entre o que é prático e o que é simbólico ou os significados podem ser

observada com muita evidência dentro das atividades ritualísticas, onde se destacam as palavras e gestos passando a uma ampla relação com a natureza e seus elementos, onde aparecem as plantas medicinais, que enquanto para alguns grupos se limitam a portadoras de substâncias terapêuticas para algumas comunidades indígenas possuem um valor simbólico bem maior, como sendo espíritos portadores de poderes sobrenaturais ou casa destes.

Com portadoras de propriedades terapêuticas Carneiro apud Maria Tereza Lemos (2014), em um texto cujo tema versa sobre *As plantas medicinais e o sagrado: a etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil* afirma que:

A história das plantas teve seu início quando o ser humano, nas sociedades primitivas, deu início à busca do conhecimento sobre os vegetais, relacionando-os com alimento, doença, remédio e veneno. No anseio de correlacionar esses conceitos, estes foram logo incorporados ao mundo mágico de magos e xamãs. Estas pessoas, capazes de influenciar no pensar e agir dos demais membros do grupo, atraíram para si o papel de desvendar os mistérios das plantas, principalmente aquelas capazes de proporcionar estados alterados de consciência, como foi documentado nas cavernas por pintores paleolíticos (Carneiro, 1997: 167)

A citação além de apresentar característica dos primeiros tipos de relação do homem com as plantas, uma atividade estritamente prática, já apresentava elementos que as relacionava ao mundo simbólico, ao mencionar a incorporação destas ao mundo mágico de magos e xamãs acenando para o que se constituiu como crenças em muitos grupos humanos em que algumas plantas possuem poderes sobrenaturais.

Os indígenas amazônicos, por exemplo, fazem parte de um grupo que possuem um significativo conhecimento das plantas medicinais como o óleo de buriti ou miriti (*Mauritia fle-xuosa*) ou óleo de copaíba (*Copaifera langsdorfii*), com propriedades cicatrizantes, que também são utilizadas no preparo de bebidas e até como alimentos. Contudo, nem sempre as plantas se limitam a uma utilidade prática, muitas possuem um valor simbólico, outras são espíritos de ancestrais ou guardiões destes, expressando uma forma de crença que muitas vezes aparecem nos rituais da religiosidade popular.

Essa relação simbólica com os objetos, as plantas etc., é muito comum dentro dos saberes tradicionais, o que fortalece a afirmação de que as práticas de curas têm uma relação direta com a religiosidade vivida por esses povos, como se observa na evocação de entidades consideradas portadoras de poderes sobrenaturais como os orixás, dentro das religiões de matriz africanas e aos santos dentro do cristianismo.

No caso nas religiões de matrizes africanas, que são integrantes da religiosidade popular brasileira, Prandi (2007), afirma que:

Compõem um diversificado conjunto de credos que podem ser encontrados em todo o Brasil. Se trata de um grupo minoritário dentro do universo das religiões no Brasil, o maior país católico e cujo declínio vem sendo observado. Com poucos adeptos, o candomblé e a umbanda têm grande visibilidade e muitos símbolos da identidade.

Os muitos símbolos que integram essa matriz incidem diretamente na constituição dos processos ritualísticos religiosos presentes em nossa região. Como promotores de crenças esses elementos não apenas se apresentam como concreto que se pode ver e tatear, mas também como algo que detém uma influência no subjetivo onde reside as emoções que fortalecem as crenças, a fé dos que acreditam e assimilam como forma de vida, tanto individualmente como em grupo. Os rituais que emanam dessas crenças e seus símbolos são práticas que possuem um misticismo e que por isso constituem uma força importante na construção da própria identidade desses sujeitos, com características, práticas e convicções próprias.

Nessa cultura os detentores dos poderes de cura, além de lidar com os objetos e elementos no mundo real, conseguem através destes e de seus rituais estabelecer uma conexão com o sobrenatural, possibilitando que os milagres aconteçam, conforme acontece em muitas outras religiões que buscam na força de elementos simbólicos e sagrados a energia para realização de seus processos de curas. É importante destacar que estes não são apenas pessoa que detém um conhecimento, mas também a prática numa fusão de elementos prático e simbólico sob a mediação de um pai de santo, um pajé, uma benzedeira, além dos afetados por essas matrizes nas quais solidificam sua crença e fé.

Nesses cenários, o ser humano pode ser entendido como alguém que tem suas ações e crenças mediadas por um conjunto simbólico, seja advindo de suas crenças ancestrais ou seus objetos ele está sendo afetado por estes. É nesse sentido que Quintana (1999), afirma:

O homem não consegue sobreviver sem os sistemas simbólicos. Por isso, qualquer coisa que coloca esses sistemas em xeque, que ameaça sua unidade e sua coerência se torna por demais angustiante, intolerável. Nos momentos em que a coerência desses códigos culturais fica enfraquecida, o ser humano se depara com sua verdadeira condição de fragilidade diante do mundo (Quintana, 1999, p. 29).

O sistema simbólico, sob a ótica do autor, acaba se constitui em um conjunto de elementos que dá sentido a própria existência humana. Suas manifestações culturais, características sociais, estão atreladas a este conjunto de valores abstratos e subjetivos aos

indivíduos e seus grupos. Quintana expõe que o homem “consegue sobreviver” socialmente ao integrar um grupo ou sociedade com valores, crenças e práticas que dão sentido a sua existência e permanência, haja vista, que esses valores advindos desses conhecimentos contribuem para a definição de seu próprio ser.

Além das matrizes religiosas indígenas e africanas, de onde herdamos muitos dos nossos códigos de condutas que nos ajudaram a caracterizar principalmente dentro de nossa religiosidade, uma outra rica contribuição recheada de simbolismo vem do catolicismo, especialmente o catolicismo popular que é constituído de um sincretismo com crenças em diversas divindades além de Deus, onde se destacam os santos por serem seres a que os devotos recorrem constantemente fazendo promessas e orações na busca de milagres. Essas atitudes são muito presentes nas práticas de benzimentos, é comum muitas benzedeadas e benzedores fazerem preces aos santos nos momentos em que estão realizando seus benzimentos, além de promessas, que consistem na evocação por algum milagre ou resolução de problemas.

Muitas outras pessoas fora inclusive dos grupos aqui descritos como benzedores e benzidos costumam realizar pedidos aos santos por meio de promessas, porém é dentro dos grupos considerados mais religiosos, mesmo que sua fé se fundamente em uma religiosidade popular que essas práticas são mais evidenciadas. Por exemplo, dentro do grupo de benzidos o senhor Francisco de Souza, 77 anos (2025). Durante sua entrevista, afirmou que por vezes já fez promessas aos santos para resolver diversos problemas e que quase em sua totalidade foi atendido. Entende ainda que muitas das curas operadas pelos benzimentos estão diretamente atreladas aos poderes e pedidos feitos a estes.

Galvão e Maués dão destaque em seus estudos realizados no baixo amazonas e na região do Pará sobre como as pessoas costumam evocar os milagres a Jesus Cristo ou Deus valendo-se de um santo. Por isso, muitas possuem altares com um ou muitos santos em casa aos quais se fazem promessas e buscam forças espirituais. Letícia Costa de Lima, 67 anos (2025), uma das colaboradoras informou-me em entrevista realizada em sua residência que possui um altar com alguns santos em seu quarto aos quais recorre constantemente em suas preces.

Figura 7: Altar com santos católicos



Fonte: Benzedeira dona Elísia, 2025.

Os santos possuem um valor simbólico muito grande afetando as crenças e a fé de quem benze assim como de quem é benzido, além de outras pessoas onde muitos, mesmo não sendo adeptos ou praticantes de rituais de benzimentos, conforme fora dito, carregam uma forte crença nos santos protetores, como se pode extrair das palavras de Quintana, apresentadas anteriormente. São entidades por meio das quais se clama a Deus ou Jesus com súplicas diversas. Esses mediadores entre Deus e o homem, canonizados pela igreja católica, embora representados por uma imagem estão profundamente entronizados nas crenças do povo católico.

Durante a entrevista a colaboradora, Letícia Costa de Lima, 67 anos, assegurou, ao ser perguntada sobre as imagens existentes em seu pequeno oratório:

Esses santos são minhas principais forças, clamo a eles sempre que estou diante de uma dificuldade e eles sempre me atendem. Costumo rezar a eles também quando estou doente ou enfrentando alguma dificuldade com alguma pessoa em quem eu esteja rezando. Eles também são meus protetores para que nada de mal me aconteça (Letícia Costa de Lima, 69 anos. Entrevista, 2025).

Os devotos têm convicção de que os santos padroeiros sempre estarão ao seu lado, como força protetora e ajudadora. Independentemente de sua ação miraculosa ter comprovação ou não o que importa nesses casos é a fé devotada nos mesmos. Esse valor simbólico atribuído às imagens faz com que muitas pessoas façam promessas, votos, além de vários tipos de rezas e orações, que são súplicas às divindades portadoras de poder sobrenatural principalmente nos casos de curas. Um caso de destaque revelado pela benzedeira é de que a ação dos santos é suplicada tanto em favor dos enfermos quanto das próprias benzedadeiras, agindo tanto nos casos das pessoas que estão sendo tratadas quanto das benzedadeiras, explicado ao afirmar “costumo rezar a eles diante de uma dificuldade”. No

entendimento da benzedeira os santos funcionariam também como uma espécie de anjo da guarda¹⁸ evitando que o devoto seja atingido por algum mal e, quando o são através das promessas se alcança a cura. Raquel dos Santos Souza Lima (2015), com base em um estudo feito por Betim (1994) ao entrevistar devotos de santos afirma que:

No que tange aos santos católicos, argumenta-se que eles os representariam, na medida em que seriam construídas a partir de momentos derivados das narrativas de suas vidas, que são incorporados em sua iconografia. Ao longo da história cristã, por conta de seu uso prático, as imagens teriam se metamorfoseado em presença, ultrapassando a função simbólica de representar e ser símbolo da história do santo.

A relação da vida e história dos santos, onde se destacam as referências ao que foram e o que viveram acabam produzindo uma diversidade de devotos em santos também diversos, com poderes para determinadas questões, como para uma cura, um livramento ou outras formas de milagres. Outro destaque aparece no uso das imagens não como amuleto, mas como objeto que se vivifica nas crenças dos devotos. É comum, pela devoção pessoas usarem diversos crucifixos em diversas partes do corpo, principalmente no pescoço como forma de proteção. Nesse sentido é que a autora enfatiza a questão do uso prático que acabou “metamorfoseando” as imagens, ou seja, transformando em algo para além da imagem, como defendem as benzedeiros e benzidos entrevistados que conseguem vê nessas imagens não só a representação, mas algo portador de forças sobrenaturais a disposição dos devotos, prontos para agir a partir de seu clamor.

A partir dessa diversidade de santos e ações, onde se costuma buscar um santo adequado para cada pedido, se explica o fato de a igreja católica ter elaborado na Comissão Episcopal para a Liturgia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) no último período da tradução, o novo calendário dos santos do Brasil

Calendário dos Santos do Brasil

- São José de Anchieta (9 de junho)
- Santa Paulina do Coração Agonizante de Jesus (9 de julho)
- Bem-aventurado Inácio de Azevedo e companheiros mártires (17 de julho)
- Santa Dulce Lopes Pontes (13 de agosto)
- Santos André de Soveral, Ambrósio Francisco Ferro, presbíteros, Mateus Moreira, leigo, e companheiros mártires (3 de outubro)
- São Benedito, o Negro (5 de outubro)
- Nossa Senhora da Conceição Aparecida (12 de outubro)
- São Pedro de Alcântara (19 de outubro)
- Santo Antônio de Sant’Ana Galvão (25 de outubro)

¹⁸ Anjo da Guarda é um ser espiritual e celestial, presente em várias tradições religiosas e espirituais, cuja missão principal é proteger, guiar e amparar cada indivíduo ao longo de sua vida

- São Roque González, Santo Afonso Rodríguez e São João del Castillo (19 de novembro)

Próprio dos Santos – Ciclo Eclesiológico: novos santos incluídos no Calendário Universal

- Santíssimo Nome de Jesus (3 de janeiro)
- Santa Josefina Bakhita (8 de fevereiro)
- São Gregório de Narek (27 de fevereiro)
- São João de Ávila (10 de maio)
- Bem-aventurada Virgem Maria de Fátima (13 de maio)
- São Cristóvão Magalhães Mártires (México, 21 de maio)
- Santa Rita de Cássia (22 de maio)
- São Paulo VI (29 de maio)
- Santo Agostinho Zhao Rong Mártires (China, 8 de julho)
- Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo – atualização: festa
- Santa Maria Madalena – atualização: festa
- São Charbel Makhluf (Líbano, 24 de julho)
- Santos Irmãos marta, Maria e Lázaro (29 de julho)
- Santa Teresa Benedita da Cruz (9 de agosto)
- São Ponciano e Santo Hipólito (12 de agosto)
- Santíssimo Nome da Bem-aventurada Virgem Maria (12 de setembro)
- Santa Hildegarda de Bingen (17 de setembro)
- São Pio de Pietrelcina (23 de setembro)
- Santa Faustina Kowalska (6 de outubro)
- São João XXIII (11 de outubro)
- São João Paulo II (22 de outubro)
- Santa Catarina de Alexandria (25 de novembro)
- São João Diego (9 de dezembro)
- Bem-aventurada Virgem Maria de Loreto (10 de dezembro) Festividade móvel
- Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe da Igreja – memória a ser celebrada na segunda-feira após Pentecostes (CNBB, 2023).

A relação apresentada, com nomes e datas de festividades, traz uma composição bem plural dos santos venerados no Brasil, logo é comum que para cada situação de dificuldade se apresente determinado santo. No entendimento das benzedadeiras em Fonte Boa, funciona assim: Se busca a graça em santos específicos para resolver problemas específicos. Por isso algumas benzedadeiras chegam a buscar nos santos, forças para que seus benzimentos sejam eficazes. Galvão (1955) na obra “Santos e Visagens”, ao realizar pesquisa na comunidade de Itá, baixo Amazonas, faz referência a essa questão afirmando que “Acredita-se que determinadas imagens tenham poderes especiais, capacidade de milagres e de maravilhas que outras idênticas não possuem”. Tal afirmação corrobora com o entendimento de nossos colaboradores e justifica a diversidade de santos que a igreja

canonizou¹⁹, reconhecendo seus poderes em situações particulares e distintas. Outra informação importante contida na citação é o fato da especificidade, atuação e poderes que os santos possuem uma espécie de hierarquia quando afirma-se que alguns santos possuem poderes para curar ou resolver determinados problemas enquanto outros não.

No caso das saberes e fazeres das benzedadeiras estudadas, os santos que simbolicamente representam forças sobrenaturais, são também mediadores das preces, independente de se ter uma imagem física em um altar ou não a crença, a fé devotada por parte de quem faz a suplica assim como da pessoa para quem se faz a suplica é o que realmente importa, logo é bem comum benzedadeiras devotas de determinados santos usarem os mesmo apenas citando seus nomes nas orações, conforme aparece nas orações da benzedeira Letícia Costa de Lima, 67 anos, citando o nome de nossa senhora independente de possuir uma imagem física da mesma em seu altar.

Essa atitude evidencia o valor simbólico impregnado nas imagens dos santos. A força que seus devotos lhe dedicam é bem superior a de uma simples imagem ou objeto prático, embora estes em alguns casos sejam necessários. A ideia de um altar, nesses casos, funciona mais como um espaço decorativo onde as imagens são guardadas, embora visto como um lugar sagrado. O mesmo entendimento se aplica ao local onde se realizam os benzimentos. Salvador apud Cardoso (2024), em estudo realizado sobre “Altars, imagens do sagrado: a representação simbólica na prática da benzeção” afirma: “O espaço onde funcionam, as casas, a organização dos rituais num espaço que se centra no local onde estes ritos acontecem, leva a uma identificação e ligação com o sagrado porque existe um local onde está energia é gerada” embora esse entendimento, em linhas gerais represente e apresente uma ideia de organização do lugar de benzição como sagrado, nossos colaboradores afirmaram que independente do lugar pode e deve-se se realizar a benzição, pois não é o local quem irá definir o resultado e sim a fé. Ainda que um lugar especifique com os objetos representativos da fé para a realização dos processos sejam bem significativos é possível sim realizar benzimentos e curas em diversos lugares, contanto como essencial o conhecimento, a prática e a capacidade de atuar no universo do sobrenatural.

Além dos santos, representados nas imagens sobre as quais se atribuem poderes e que possuem uma significativa carga simbólica como energia positiva nos rituais de cura,

¹⁹ Canonizar declarar solenemente e de forma definitiva que uma pessoa falecida é santa, incluindo seu nome no cânon (lista oficial) da Igreja

outros elementos são também bastante usados como parte desses rituais como os terços, velas, pano virgem e agulha, além do próprio sinal da cruz.

Figura 8: Terço



Fonte: Arquivo pessoal da benzida Maria Aldenora, 39, 2025.

O terço é mais utilizado por benzedeiras e benzedores de religião católica. Composto por parte do Rosário ele possui mais de 50 orações entre as “Ave – Maria e o Pai Nosso”, sua reza além da parte prática e recheado de simbolismo, focado na conexão de Nossa Senhora com Jesus. Rogar ao pai através de nossa senhora é bem comum entre os católicos, que muitas vezes o fazem com a utilização de uma reza. No caso específico das benzedeiras e benzedores, em muitos atos se utiliza como parte do ritual de cura como uma forma de aproximação a Santa Maria mãe de Jesus a quem se atribuem poderes para interceder junto a Cristo.

Figura 9: A vela



Fonte: Benzedeiras e Rezadeiras: Axé News, 2025.

Mesmo não sendo um dos objetos mais usados, a vela sempre aparece nos rituais de benzimentos. Como forma de representar, de simbolizar luz esta agrega um significado como elo entre forças espirituais e a fé, consideradas elementos fundamentais para a efetivação dos milagres. Muitas vezes com elas acesas as benzedadeiras efetuam movimentos de um lado para outro na frente de quem estar sendo benzido falando expressões quase inaudíveis mesmo para quem encontra-se próximo, como forme de estimular a fé e crença.

Dentro do catolicismo a luz representa a própria figura de Cristo definido na Bíblia como “Luz do Mundo”, o que transcende o plano material para o espiritual, dimensão onde também as respostas dos benzimentos, das orações se efetuam.

Alguns atos também aparecem sendo usados nesses rituais envoltos pela religiosidade, com um significativo valor simbólico, como sinal da cruz, ato que representa a Cruz de Cristo, a Santíssima Trindade Pai, Filho e Espírito Santo. Este ato é realizado com muita frequência após um benzimento.

Um de nossos colaboradores pertencente ao grupo dos benzidos com o qual mantivemos contato ainda durante o período de observação, afirmou:

O sinal da cruz que a gente faz quando termina uma reza ou quando vai dormir é um sinal que serve para pedir a proteção do pai, do filho e do Espírito Santo pra guardar o corpo da gente. Eu costumo fazer o sinal da cruz sempre quando acordo, quando vou dormir e até quando vou comer. (Antônio de Souza, 80 anos. Entrevista realizada em 2025)

A fala do colaborador demonstra muito do seu entendimento com base no senso comum e sua própria compreensão sobre a função do sinal da cruz. Embora que as literaturas consigam explicar a luz da definição presente nos ensinamentos religiosos, para o benzido o importante nesse ato é a maneira de como eles crê, ainda que extrapole o que conhecemos como racionalidade. Como uma das pessoas pertencentes à religião Católica, para quem a cruz se relaciona também ao sacrifício de Cristo ao morrer para salvar a humanidade, nosso colaborador vê no sinal representativo simbólico, um pedido de proteção a trindade divina

De acordo com matéria publicada pela CNBB (2010):

O cristão, ao fazer o sinal da Cruz sobre si mesmo, está dizendo: No poder de Deus Pai, Filho e Espírito Santo abraço a Cruz da minha salvação. Sim, com este gesto, ao levar a mão da testa ao peito, em linha vertical, e do ombro esquerdo ao direito, em linha horizontal, o cristão se sente abraçando a Cruz da sua salvação e sendo abraçado por ela. Está professando sua fé no mistério da Cruz: Jesus Cristo, o enviado do Pai, nascido da Virgem Maria por obra do Espírito Santo, oferece na Cruz sua vida pela vida do mundo. (CNBB, 2010)

Antes de buscar compreender os elementos presentes e a simbologia envolvendo o

ato de se benzer, vale ressaltar que este representa um sinal da profissão de fé de quem crê na Santíssima Trindade divina, que envolve o Deus Pai, Jesus Cristo e o Espírito Santo, onde os três nas crenças cristãs representam “um”. O benzido que mencionamos anteriormente professa sua fé nesse entendimento e enxerga o sinal da cruz também como um ato de proteção pedindo exatamente, como consta neste fragmento ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. O gestual envolvendo a movimentação da mão frente ao corpo em linhas vertical e horizontal é recheado de simbolismo, e não só funciona como forma de fechar o corpo²⁰ no entendimento do benzido, mas significa simbolicamente o abraço a cruz de Cristo, que para os que acreditam representa um abraço também a salvação conquistada por Cristo para a humanidade com este ato.

O sinal da cruz, ou o ato de benzer-se representa uma manifestação pública da crença no Cristo crucificado na cruz, muitos ainda atribuem um sentido de atuação imediata no livramento e proteção de diversos males, logo assume um significado muito rico a ponto de significar a própria salvação. Em rituais como benzimentos, após concluir um ato prático muitas benzedeiros se benzem não só para atribuir a benção sobre si, mas também, assim como informou o benzido, rogar proteção à Trindade Divina para que as doenças expulsas não recaiam em si mesmas.

É possível, diante do exposto, entender a força do simbólico representado pela religiosidade e seus objetos, crenças e rituais, sagrados ou não, dentro dos processos de curas e do bem estar das pessoas. Essa força simbólica observada e que emerge da devoção aos santos, objetos e ações, muito se compara com os poderes atribuídos a determinadas plantas que chegam a ser representativas de forças do bem como é o caso da “arruda” a quem se atribuem poderes de proteção e para expulsão de energias negativas comumente utilizadas, segundo as benzedeiros, nos benzimentos contra mau-olhado. Um outro exemplo de planta que simbolicamente é portadora de certos poderes é a planta conhecida como Espada-de-São-Jorge, que é colocada próxima a entrada das casas para combater as energias negativas que possam ser lançadas ao vir tentar atingir os moradores da mesma.

É nesse sentido que dentro desses saberes, os objetos, as plantas ou uma imagem representativa de um santo ou santa se enchem de significados, se energizam na realização dos milagres. O prático e o simbólico aparecem como dimensões fundidas dentro dessas práticas, que não se limitam ao mundo físico, conforme concebem as portadoras do dom de benzer, mas extrapolam para o espiritual, o sobrenatural onde os milagres acontecem.

²⁰ Fechar o corpo é uma prática de proteção espiritual e energética que funciona como um escudo contra energias densas, inveja, feitiços, doenças e ataques de entidades ou animais peçonhentos.

Dentro dessa perspectiva Salvador Nascimento Filho (2024), escreve:

Os símbolos fazem parte da história humana, não há como contestar que, como tal, representam uma forma de expressão, de comunicação, poder místico e de conceitual interpretação. O símbolo causa impacto à mente humana, traz um intercâmbio externo quando se apresenta em sua forma original e provoca o interno quando o indivíduo é incitado a interpretá-lo, entendê-lo conduzido pela razão ou pela emoção. Em assertiva, o indivíduo que o contempla como forma de identificá-lo, interpretá-lo e se tornar conhecedor de suas mensagens internas e externas, contempla-o fora e dentro de si.

O autor destaca dentre as muitas afirmativas importantes para essa discussão contidas na citação a importância das representações que ultrapassa as formas de comunicação, chegando a atingir o que há de mais sensível dentro do ser humano que são suas crenças e valores objetivos e subjetivos, ao tratar de aspectos místicos sobre o qual o simbolismo influencia. O entendimento ou interpretação desses elementos sejam de forma racional ou puramente emocional ao longo da história caracterizam a vida em sociedade e em determinados grupos onde os valores, os objetos e as crenças são partes integrantes da identidade de uma comunidade ou grupo social onde os conhecimentos, as práticas também se definem a partir desses conjuntos culturais, como ocorrem com as praticantes de curas via processos de saberes e fazeres tradicionais, para quem o mundo prático e suas representações estão envolvidos por energias a disposição do homem, especialmente para o seu bem estar.

Essas formas de crê e interpretar o mundo, a realidade e todo seu conjunto de elementos biológicos ou não fazem dos indivíduos sujeitos crentes não apenas em uma realidade concreta, onde se é possível, vê, tatear ou impregnar de significados literais, mas também alguém que a partir do concreto consegue representar e do imaginário encher de significados a ponto de tornar seres inanimados em viventes e palavras e gestos como ação prática dentro dos inúmeros rituais que realizam. Essa conjuntura aparece com riqueza de definição nas palavras de Giselda Shirley da Silva (2013), que no texto “O significado cultural e religioso das benzeções: Prática e representações de benzedores de João Pinheiro” ao conceituar o ritual afirma que “O ritual está ligado ao saber fazer, a compreensão de mundo, fé e crença na interligação entre o mundo dos homens e o sobrenatural. Estes significados muitas vezes são incompreendidos por quem não partilha do mesmo entendimento ou valor” sendo que é nesse saber fazer relacionados aos rituais que se descortina um universo simbólico ligado a fé, crença e possibilidade de conexão com o mundo do sobrenatural.

O ritual aparece então com um dos principais momentos onde os aspectos

simbólicos ganham destaque nas práticas de curas, embora sejam recheados de elementos de caráter prático, ou seja, de objetos que se pode ver materialmente, em sua maioria são envoltos de determinados significados tornando os objetos místicos e até mesmo mediadores de incorporação de entidades espirituais ou como fomentadores da fé e crenças de praticantes e seus respectivos pacientes.

Essa forma de crer ou representar são atitudes que pertencem a grupos específicos de pessoas ou comunidades que desenvolveram (desenvolvem), ao longo dos tempos e a partir de gerações posteriores formas de crê e praticar os conhecimentos com todo seu conjunto de símbolos que lhes dão sentido, compreensão que tem muito a ver com o que afirma Turner (2005, p. 49) ao esboçar a definição de símbolo como sendo uma coisa encarada pelo consenso geral como tipificando ou representando ou relembrando algo através da posse de qualidades análogas ou por meio de associações, em fatos ou pensamentos. Em outras palavras é o que dá sentido e define determinados grupos sociais e seus modos de vida que se constituem tanto de aspectos práticos quanto simbólicos, instâncias que se apresentam de formas indissociáveis, articuladas entre si, onde se destacam as crenças, os objetos considerados sagrados ou não, os gestos e palavras observadas nos rituais e todo um sincretismo envolvidos nesses saberes, onde as ações práticas organizam ou dão sentido aos significados observados na carga simbólica oferecida por esses elementos.

CAPÍTULO III – O SABER-FAZER: CONHECIMENTOS, PRÁTICAS E SIGNIFICADOS DOS PROCESSOS DE BENZIMENTOS EM FONTE BOA

Neste capítulo, apresentamos os conhecimentos práticas e significados que os processos de benzimentos assumem no contexto da pesquisa, enfatizando seu caráter de ciência tradicional e seus encontros e desencontros com os conhecimentos e produção de conhecimentos na modernidade. Destacamos sua presença e formas dentro do cenário amazônico, presente nas características socioculturais do povo, bem como em suas buscas pelo bem-estar físico e espiritual que fomentam os saberes tradicionais.

O capítulo aprofunda ainda os saberes e práticas dos sujeitos (benzedeiras e benzedores, benzidos e benzidas) junto a suas crenças, alinhadas à discussão teórica e a partir das observações e entrevistas realizadas com essas personagens. Descrevemos tipos de conhecimentos, as relações e experiências de práticas e como esses saberes são usados na operação das curas, além de apresentarmos uma reflexão sobre os elementos que compõem

esses processos e os significados que dão credibilidade e validam os benzimentos e sua importância na vida das pessoas que fazem uso dos mesmos individualmente ou em grupos.

Dentro desse contexto o “saber fazer” aparece significando os conhecimentos e práticas de curas que as benzedadeiras e benzedores desenvolvem como integrantes da cultura e fundamentados na religiosidade popular, dentro do cenário Amazônico e, nesse particular no município de Fonte Boa, onde a presença desses saberes fazem parte do cotidiano de homens e mulheres, primeiro dos praticantes, pessoas que possuem o dom de benzer e o conhecimento das plantas medicinais que compõem muitos dos rituais de curas e segundo dos que creem, homens e mulheres que fazem uso desses conhecimentos no tratamento de diversas doenças físicas e espirituais, além de outras que chegam até mesmo a afetar e comprometer suas habilidades no uso de utensílios de caça e pesca.

3.1 Ciência tradicional e moderna: encontros e desencontros nos benzimentos

As formas de conhecimentos oriundos das crenças, do senso comum, do empírico²¹, da religiosidade e da fé, durante muito tempo gozaram de uma significativa credibilidade, pois eram as principais vias de explicação das realidades do mundo. Na Idade Média, por exemplo, período em que as verdades foram em muito, produto das informações obtidas junto a religião, em especial o catolicismo que atribuía a Deus a maneira de explicar o desconhecido, além das experiências e vivências do cotidiano que também foram utilizados como verdades a respeito dos fenômenos naturais e das ações e práticas humanas, essa compreensão esteve muito presente. Com o desenvolvimento da ciência moderna a visão sobre conhecimento gerado nesse período durante o iluminismo pôs em questão muitas dessas “verdades” que se tinham como absolutas. Esse movimento se inicia na Grécia antiga, principalmente com o nascimento da filosofia e posteriormente com o Renascimento e a evolução da ciência moderna que passou a produzir novas formas de saberes a base de experimentos e métodos de provas e contraprovas.

Mesmo diante desse cenário, muitos sabres fincados na fé, na religião sobreviveram, não apenas por fazerem parte de uma tradição ou constituir a base das crenças de muitas pessoas e grupos sociais, mas principalmente pelo efeito prático, onde também se encontravam respostas para inúmeras questões que permeava a vida humana, mesmo que estes não encontrassem base nos debates e conhecimento gerados no seio da ciência

²¹ Empírico é o conhecimento adquirido através da experiência prática, da observação do dia a dia e da interação com o ambiente, sem a necessidade de métodos científicos ou comprovações teóricas

moderna. De acordo com Batista e Matos (2019), em um artigo intitulado *Saberes Tradicionais e a Ciência Moderna*, apresentado no VI Congresso Nacional de Educação,

A dicotomia entre os saberes científicos e os saberes populares e tradicionais, gerou um distanciamento cada vez maior entre academia e os diversos grupos sociais. Os conhecimentos produzidos pela ciência foram sendo cada vez mais valorizados, enquanto os demais tipos de conhecimentos foram silenciados e deixados de lado pelos grandes centros acadêmicos. (Batista; Paula; Matos, 2019)

Esse distanciamento se evidenciou também por meio de diversos ataques e discriminação feitos às práticas tradicionais, não só por defensores de concepções arraigadas dentro da ciência moderna, mas também por defensores de algumas correntes religiosas que passaram a atribuir a práticas como os benzimentos, o agir de uma força do “mau” o que já havia acontecido na Idade Média quando praticantes de rituais tradicionais, especialmente os de curas foram perseguidas e mortas, como já se fez referencia nesse texto. Muitas interrogações e críticas produziram descrenças no saber fazer desses agentes da tradição, principalmente por sua forma de ciência não está enquadrada no rigor metódico defendido por uma visão eurocêntrica do conhecimento científico, que desvalorizava os conhecimentos populares em detrimento aos saberes que se produziam nas academias, conforme as regras do cartesianismo²², segundo o qual, o conhecimento deve ser produzido a partir da minuciosa investigação do objeto que está sendo estudado, (Abdias Rodrigues, 2022).

O conceito de investigação abordado, não se alinha a uma observação ou as respostas dadas por alguém oralmente a partir de suas experiências, mas ao produto de um conjunto de testes, com respostas objetivas sobre o que se pretende descobrir, excluindo assim qualquer espaço para a subjetividade ou para as respostas a base das crenças religiosas, como ocorre nos conhecimentos tradicionais que não têm seus fundamentos firmados na experimentação metódica. Suas características são como rizomáticas o que faz destes algo particular desalinhado do convencional, do modelo arborescente moderno.

Ao se assemelhar a concepção de rizoma as práticas tradicionais como os benzimentos se caracterizam conforme Deleuze; Guattari (2011) com formas muito diversas, com suas extensões superficiais ramificadas em todos os sentidos, o que se diferencia do conhecimento produzido pela ciência moderna que se consolida no método na objetividade e, que foi por tempos vista como o principal caminho para produção do

²² Cartesianismo é uma corrente filosófica e científica baseada no pensamento do filósofo e matemático francês René Descartes

saber, como a forma mais verdadeira de ciência.

A discussão sobre “método científico” ou de produção de conhecimento aparece com destaque durante o Renascimento, período em que os ideais positivistas oriundos do iluminismo propunham uma ciência racionalista, ou seja, onde a produção do saber possuía base exclusivamente nos preceitos da razão. Nesse período muitas das explicações sobre o universo também foram negadas, até chegar em Descartes. Santos (*et al.*, 2011), afirmar que nesse contexto, século XVI, Copérnico negou o geocentrismo, e em 1610, Galileu confirmou, a Teoria Heliocêntrica, 1610 e em 1620, Bacon propõe o caráter utilitarista do conhecimento científico, apresentando um método de características práticas, o método indutivo.

Em Rene Descartes e, com base no que propunha a ciência moderna, a razão seria o principal caminho ou mais seguro para alcançar o conhecimento verdadeiro. Em sua propositura Descartes enfatiza como sendo verdadeiro apenas o que passe pelo crivo da razão. Ele parte do princípio de que os problemas precisam ser divididos para ser compreendidos e que por meio de ordenamento e revisão do raciocínio, da razão se chega a verdade ou ao conhecimento. Nesse sentido é que Emanuel Angelo da Rocha Fragozo (2011) define o método como sendo um “modo de proceder, uma maneira de agir, um meio ou um caminho para se atingir um fim. Num sentido mais restrito, ele é definido como um programa, um roteiro ou um conjunto de ações em vista de um determinado fim”. A ideia de um caminho, de um programa preestabelecido para produção do saber embora encontre respaldo dentro das ciências exatas, exclui muitas das verdades que se ancoram na subjetividade. Pensar um caminho restrito para produzir conhecimento é aceitar o próprio ser humano que o produz como alguém estático, cujos ser e estar pode ser mensurado por meio da razão pura.

Outra definição do que passou a ser chamado de “método”, encontram-se nas palavras escritas pelo próprio Descartes (1989) ao afirmar:

Ora, por método entendo regras certas e fáceis que permitem a todos aqueles que exatamente as observar nunca tomar por verdadeiro algo de falso e, sem desperdiçar inutilmente nenhum esforço da mente, mas aumentando progressivamente o saber, atingir o conhecimento verdadeiro de tudo que será capaz de saber.

Descartes propõe o conhecimento como obtido a partir de regras certas e fáceis acessíveis a todos que as observar exatamente. O método possibilitaria a fuga de falsas verdades e de desperdício de esforços inúteis da mente. Daria então à razão e os caminhos

(métodos) a exclusiva forma de aquisição do conhecimento verdadeiro. Porém, embora se aplique, como fora dito, as diversas áreas do saber, o conhecimento não se limita a aplicação de uma fórmula pronta, não se encontra desalinhado da carga de subjetividade que compõe os seres humanos, não possui uma matriz estática ou procedimentos unidimensionais de acesso, tanto numa conjuntura que envolve rigor científico, mas também uma significativa carga relacionada as vivências e crenças.

Não se pretende, no entanto, aqui tentar desqualificar ou negar a importância dos métodos e dos procedimentos adotados pela ciência moderna, como está fez com os saberes tradicionais, o que se busca é mostrar que embora está possua sua importância, necessita englobar também atitudes que inclua os saberes que ao longo dos tempos permitiram a sobrevivência de gerações, também como uma forma de ciência.

A ciência moderna e seus métodos conseguem, sim dá muitas respostas as necessidades humanas, principalmente na área da saúde onde avançou nos sofisticados processos de tratamento de doenças, realização de cirurgia com procedimentos, inclusive a distância, além de muitos outros procedimentos que cooperam para o bem-estar humano, porém em si mesma não consegue envolver todos os mecanismos que sintetizam o conhecimento, enquanto condição para a sobrevivência humana. Santos (*et al.*, 2011) afirmam:

Nesse sentido, apesar de se reconhecer que o desenvolvimento científico trouxe inúmeros benefícios para a vida humana, percebe-se que sua prática desmedida e sem controle contribuiu para o agravamento de problemas ambientais e desigualdades sociais, surgindo um modelo de sociedade individualista e desequilibrado. É premente a necessidade de novos princípios norteadores da prática científica, os quais vêm emergindo na ética, na sustentabilidade ambiental, na interdisciplinaridade, na valorização da complexidade, no respeito à subjetividade, à cultura e aos saberes alternativos, culminando na busca de relações mais saudáveis entre o homem e a natureza.

A discussão e defesa de processos fechados apenas em um método de produção de conhecimento vai de encontro ao que a ciência tradicional possui como saber, pois embora se consiga provar sua validade e importância, está não necessita de um conjunto de processos com provas e contraprovas para sua validação. Essa discussão ganhou corpo no século XX, quando a ciência e o conhecimento passaram a ser olhados, não mais fechados em um método, mas como algo dinâmico, complexo que além de métodos envolve também a subjetividade dos indivíduos.

O autor abre precedentes que nos oferecem condições para entender a ciência e o próprio conhecimento como algo mais dinâmico e complexo, que não se limita aos saberes

da técnica, mas que envolvem o homem dentro do ambiente que vive com seu conjunto de saberes e fazeres. Santos enxerga que essa nova concepção de ciência que emergem da interdisciplinaridade e de uma nova visão dentro do entendimento da relação homem e sociedade, valoriza a cultura e relações mais saudáveis também com a natureza, que segundo ele compõe uma visão diferente de ciência dentro da Pós-modernidade²³.

Dentro desse contexto é que Ramos e Ramos (2019) escrevem em um artigo que tem por título *Diálogos entre o conhecimento popular e científico*. Para esses autores,

A ciência moderna nos formou de maneira insuficiente em relação a nossa existência no mundo, visto que, tradicionalmente, se limitava, apenas, em classificar o conhecimento em “científico” e “não científico”. Porém com o surgimento da ciência pós-moderna as inquietações dos pesquisadores contemporâneos não se restringem à mera classificação de conhecimentos, mas sim em incluir e valorizar essa multiplicidade de saberes.

Ao classificar o conhecimento como científico e não científico, a ciência moderna estabeleceu uma grande lacuna que por tempos permitiu a desvalorização dos saberes tradicionais, haja vista, que estes não se enquadravam dentro das entrelinhas que a ciência propunha para a produção do saber, ou seja, não se enquadravam dentro dos caminhos que a modernidade propunha. As práticas tradicionais, ainda que por tempos sendo usadas como meio de socorrer diversas necessidades dos seres humanos não poderiam ser considerados como ciência, embora que na prática a fossem. Para ser ciência, no contexto da modernidade, além de seguir a rigor um conjunto de métodos deveriam estar suscetíveis a ser vencida como verdade ou conhecimento o que não condiz com os saberes oriundos da tradição cujos fundamentos lhes caracterizam como verdades absolutas tanto para os que praticam como também para os que usam.

A nova concepção de ciência, proposta pelos autores na pós-modernidade inaugura um novo tempo e uma nova forma de entender e conceber a ciência. Nesse novo cenário o subjetivo, a relação com a natureza, as crenças e o senso comum passam a ser elementos importantes não apenas como conceito de pós-moderno, mas parte do conjunto de elementos que dão sentido e ajudam a manter a vida humana, ao longo da história da própria existência.

Boaventura, considerado por Ramos e Ramos como o introdutor da ecologia dos saberes nas universidades ao defender que “não é levar o conhecimento da universidade para fora, mas identificar, valorizar e agregar conhecimentos que já circulam fora dos

²³ Pós-modernidade consiste no período histórico, social e cultural que sucede a modernidade

limites acadêmicos”, (Santos, 2008, p. 89). Entendimento que aparece com destaque ao apresentar reflexões sobre a importância dos saberes da tradição como nova concepção de ciência, passando a considerar toda a carga subjetiva que compõe os seres humanos, onde reside o que se concebe como senso comum, que está para além da produção de conhecimento proposto pelo cartesianismo. Boaventura (2008), propõe que:

O senso comum é superficial porque desdenha das estruturas que estão para além da consciência, mas, por isso mesmo, é exímio em captar a profundidade horizontal das relações conscientes entre pessoas e entre pessoas e coisas. O senso comum é indisciplinar e imetódico; não resulta de uma prática especificamente orientada para o produzir; reproduz-se espontaneamente no suceder quotidiano da vida. O senso comum aceita o que existe tal como existe; privilegia a ação que não produza rupturas significativas no real. Por último, o senso comum é retórico e metafórico; não ensina, persuade. (Santos, 2008, p. 89-90)

Ao analisar a afirmativa entendemos os motivos pelos quais a ciência moderna questiona essas categorias de conhecimento. Ao ir de encontro com os princípios do método e da produção do saber, conforme visto dentro das academias e, principalmente por englobar dentro do campo de produção do saber a relação dos humanos com os não humanos, o senso comum, aspectos que ao romper com os preceitos da modernidade também apontavam para uma nova forma de entender a realidade que aparecem imbricadas dentro dos saberes tradicionais, culturas onde se “produz e reproduz no quotidiano da vida” levando os indivíduos a crença, a valorização e o reconhecimento, independente de provas ou contraprovas”. Essa realidade que caracteriza a pós-modernidade está presente nas diversas falas defendidas por defensores e práticas dos saberes tradicionais, como práticas de curas.

Em entrevista realizada com uma de nossas colaboradoras, ao perguntá-la sobre sua visão sobre a relação entre esses saberes e a ciência moderna a mesma afirmou que “muitas pessoas da área da saúde descredita o tratamento realizado por meio dos benzimentos outros são totalmente a favor inclusive aceitam que benzedeiras sejam convidadas para benzer dentro dos hospitais (Leila Lima, 39 anos, 2025). Esses posicionamentos refletem os momentos apresentados na relação dos saberes da tradição com a ciência. Primeiro a visão da modernidade que refutava totalmente e via como falsos os saberes oriundos da tradição, do senso comum, das crenças, etc. Outro apresenta com precisão o que postula a pós-modernidade que concebe o conhecimento a ciência, não limitada ao produto de métodos estáticos, mas como algo mais dinâmico que envolve tanto aspectos dos próprios métodos quando o que se encontra fora dele onde reside a subjetividade. Santos (2008) “(...)

reconhece nesta forma de conhecimento algumas virtualidades para enriquecer a nossa relação com o mundo” (Santos, 2008, p. 89). Relação essa forjada a partir da tradição, mesmo que reconhecendo a importância da ciência moderna e seus métodos.

É preciso destacar, nesse contexto que o posicionamento de negação a uma das vertentes de saberes não partiu com maior ênfase dos detentores dos saberes tradicionais, mesmo que possuidores de um conhecimento e práticas que são capazes de curar diversas doenças e até mesmo de terem ciências de que algumas doenças, segundo as próprias benzedadeiras, não podem ser tratadas pela medicina moderna, benzedadeiras e benzedores são unânimes em concordar com o encaminhamento de diversos pacientes aos médicos como forma de resolver seus problemas de saúde, mesmo que, em geral possuam alguma forma alternativa de buscar solucionar os mais diversos problemas.

Essa é uma fala recorrente dos colaboradores em Fonte Boa de que os conhecimentos modernos advindos das academias não podem ser negados em detrimento dos oriundos da tradição. Embora estes tenham surgidos bem antes, o que a modernidade desenvolveu são sim formas eficazes no trato com a saúde aos quais as próprias benzedadeiras chegam a recorrer. Esse aspecto na realidade do município de Fone Boa, onde a pesquisa se desenvolveu ganham notoriedade, pois assim como os portadores dos conhecimentos tradicionais procuram os hospitais, os postos, médicos e outras pessoas com formação acadêmica na área da saúde, muitos destes também buscam constantemente os serviços ofertados pelas benzedadeiras, principalmente para benzer seus filhos pequenos quando acometidos de quebranto²⁴, vento caído²⁵ mau olhado²⁶, etc., que são segundo a tradição das benzedadeiras locais, doenças que só os benzimentos podem curar.

A verdade desses fatos aparece na fala da benzedeira Letícia Costa de Lima, 67 anos (2025), quando afirma: “muitas vezes, enfermeiras e os agentes de saúde me procuram pra benzer seus filhos. Já aconteceu de ser chamada por eles pra ir no hospital benzer crianças”. Esse depoimento reforça a compreensão de que mesmo costumeiramente se busque vislumbrar as dicotomias entre as duas formas de conhecimentos (tradicional e moderno) existem de forma muito clara, na atualidade um entrelaçamento quando se foca nos resultados que estes produzem. O saber e o fazer desses sujeitos são imbricados na

²⁴ Quebranto é uma condição física e espiritual de prostração, fraqueza e mal-estar.

²⁵ Vento caído consiste em um mal-estar físico e espiritual que acomete principalmente bebês e crianças após um grande susto, queda ou trauma emocional

²⁶ Mau olhado é uma "doença espiritual" causada pela inveja ou por sentimentos de cobiça transmitidos através do olhar de alguém. Acredita-se que essa energia negativa é capaz de "secar" a vitalidade de uma pessoa, animal, planta ou até de um objeto.

busca de promover o bem, mesmo que na prática haja questionamentos de alguns defensores principalmente da ciência moderna, não se pode negar uma certa simbiose em suas relações.

Outra informação que merece atenção na fala da benzedeira é a afirmação de que muitos agentes de saúde e enfermeiras, além de levar seus filhos às benzedadeiras chegam a convidá-las a irem ao hospital realizar benzimentos. Essa prática foi explorada durante o processo de observação onde se verificou que muitos dos agentes de saúde acreditam e outros são oriundos de comunidades tradicionais, sendo uns inclusive benzedores. Tivemos a oportunidade de conversar informalmente com um dos integrantes do grupo dos benzidos que é agente de saúde, onde o mesmo afirmou saber benzer para izipa. Em suas palavras afirmou que durante suas visitas pelas casas nas comunidades que acompanha encontra muitas pessoas com izipa e ele reza nelas, afirmação que demonstra uma fusão entre os conhecimentos modernos e os tradicionais, refletindo a valorização e reconhecimento desses saberes, que de acordo com Boaventura, a Pós-Modernidade busca conjugar.

Nessa perspectiva, Santos (2008) *apud* Ramos e Ramos (2019) faz referência a essa relação, afirmando que:

(...) “a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico”. Em contrapartida, na ciência pós-moderna é o reverso, pois o “(...) conhecimento científico pós-moderno só se realiza enquanto tal na medida em que se converte em senso comum” (Santos, 2008, p. 90-91).

A ideia de aproximação do conhecimento científico ao senso comum remonta exatamente os posicionamentos defendidos pelas benzedadeiras de que mesmo seus saberes se encontrando fora do que se postulava como conhecimento verdadeiro sua validação social o torna uma verdadeira ciência. Nisso reside a questão de que não se é possível na atualidade conceber um conhecimento desalinhado do contexto socioambiental do indivíduo nem tampouco que desconsidere sua subjetividade onde encontra-se os fundamentos do acreditar.

Os conhecimentos ou o saber fazer como práticas de curas das benzedadeiras em Fonte Boa encontram-se dentro desse contexto, pois embora que ainda esbarre em algumas atitudes de desvalorização a comparação frente a ciências moderna, na pós-modernidade ganhou e vem atualmente ganhando maior valorização, pois mesmo alguns críticos religiosos e cientistas

modernos desmerecendo sua valia, socialmente já é possível validá-lo e reconhecê-lo como

extremamente importante para o bem-estar humano. Esse posicionamento apresenta duas questões fundamentais para nossa reflexão. Primeiro é o fato de que, por mais que se busque como fora visto na antiguidade, refutar os saberes das benzedeadas sua validação como promotoras de práticas do bem estar é uma verdade incontestável, mesmo havendo pessoas e grupos que tentem desmerecer esses fatos é impossível desconsiderar os discursos e as afirmações de um significativo grupo que creem e procuram tais serviços com tais pessoas.

Estas, benzedeadas são verdadeiros cientistas e os benzimentos constituem uma forma de ciência absoluta, pois não dependem de outros processos diferentes da fé nas práticas que realizam. Essa afirmação bebe nas fontes de Fonseca et al (2024), quando ao tratar dos saberes do povo Tukano sobre plantas e iniciação nas práticas de benzimento usa o termo “Ciência do povo Tukano”, para expressar tais saberes, afirmação que é corroborada quando analisamos a etimologia da palavra que tem origem no latim *scientia*, que significa "saber" ou "conhecimento", tornando a rigor aceitável quando tratarmos dos processos de curas uma forma de ciência tradicional que assim como a moderna e a pós moderna tem grande importância social.

3.2 Os processos de benzimentos no cenário amazônico

*Não despreze a tradição que vem de anos longínquos; talvez as
velhas avós guardem na memória relatos sobre coisas que
algumas vezes foram
úteis para os conhecimentos dos sábios.*

J. R. R. Tolkien

Na Amazônia, os processos de benzimentos fazem parte dos conhecimentos tradicionais como práticas de curas realizadas por mulheres e homens, representantes de uma cultura ancestral e um saber usado por gerações. Essas formas de conhecimentos (tradicionais) aparecem como estando relacionados tanto ao saber quanto ao saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, gerados no âmbito da sociedade não urbana/industrial e transmitidos oralmente de geração em geração, conforme afirma Antônio Carlos Diegues (2000). Quanto ao mundo natural, entende-se que esses processos se valem dos recursos disponíveis principalmente na natureza, como as plantas, a água, etc., para realização dos rituais. Na dimensão do sobrenatural, os conhecimentos tradicionais se relacionam com a religiosidade, as crenças e as forças invocadas pelos

gestuais, orações e a fé que fomentam essas práticas.

O significado de tradicional a que o texto se refere surge como uma referência direta a “repetição”, “costume” e à característica de ser “transmitido” de “geração a geração” de acordo com Foucault (1972). Ao caracterizar tradição inicialmente como um processo repetitivo ou “repetição”, Foucault relaciona a algo que possui constância, não ficando restrita ao tempo nem como evento único, mas passando a fazer parte do cotidiano de vida das pessoas. Como característica de ou simplesmente “costume” as práticas tradicionais podem ser entendidas como um hábito compartilhado e aceito dentro de um grupo social e que acaba por orientar muitas das ações e procedimentos dentro do grupo. Ao ser transmitido por geração, uma das principais características dos saberes tradicionais faz referência a um processo, conhecimento ou prática de resistência preservada por gerações dentro da convivência familiar ou de outro grupo social. Essa caracterização acaba por definir com precisão os processos de benzimentos como prática do bem fazer às pessoas preservada por gerações.

Dentro desse contexto e a partir desse entendimento é possível relacionar os benzimentos com o ato de conceder benção ou abençoar alguém ou ainda dá a benção, exatamente o que fazem as benzedadeiras quando por meio de rituais distintos e diversos operam curas nas pessoas, prática que remonta a própria definição do ser benzedeira ou benzedor, na região.

Dentro da Amazônia, a grande maioria desses saberes tem direta relação com a cultura dos muitos grupos indígenas e ribeirinhos que habitam e habitaram a região, com suas formas diversas de organização social e conhecimentos que lhes garantiram e garantem uma sobrevivência alinhada a natureza e todo o seu potencial medicinal. Essas comunidades, ao longo de sua existência, fizeram uso desses saberes e recursos da floresta e repassaram a gerações posteriores se mantendo vivas até os dias atuais.

Lévi-Strauss, ao escrever a obra *O Pensamento selvagem* destaca a importância dos conhecimentos tradicionais dos diversos grupos indígenas, afirmando que esses grupos possuem uma apurada elaboração de técnicas capazes de transformar grãos ou raízes tóxicas em alimentos. Essa relação guarda estreita semelhança com os processos de benzimentos, saberes que estão além das explicações racionais.

É preciso destacar, no entanto, que embora esses conhecimentos estejam hoje arraigados dentro das tradições Amazônicas, os mesmos estão entrelaçados à própria cosmogonia da humanidade. Escritos antropológicos chegam a apontar o uso de tais práticas na Europa da Idade Média como forma de tratamento de várias doenças. Di Stasi

(1996), afirma que essas atividades, nesse período, eram descritas como estando associadas à magia, ao ocultismo e às práticas espirituais, originadas diretamente em magos, bruxos e feiticeiros, o que fez com que as doutrinas e dogmas religiosos da época relacionassem com atividades de espíritos do “mau”, o que levou a perseguição, condenação e morte de muito de seus praticantes pela Santa Inquisição.

Em terras brasileiras, o exercício dos benzimentos ganharam evidências a partir do período pré-colonial e maior visibilidade no século XVII, com as primeiras navegações que, também contribuíram para povoar boa parte do Amazonas. Em artigo intitulado *Benzedores (as) da cidade de Tefé-AM: Conexões entre fé e saberes ancestrais na Amazônia*, Adriana Braga (2024) afirma que

As influências principalmente dos portugueses, africanos e indígenas se entrelaçaram, resultando em uma forma única de benzer que incorpora elementos de cada cultura. Desde a colonização até a atualidade as tradições religiosas e rituais se entrelaçaram com as crenças e práticas dos povos que já se encontravam antes da colonização do Brasil. (Braga, 2024)

A afirmação nos revela que esses conhecimentos apresentam características de uma cultura extremamente híbrida. Em Néstor Canclini (2001), o conceito de cultura híbrida é definido como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separadas, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. As manifestações oriundas da cultura europeia, africana, portuguesa, etc., enriqueceram as tradições dos povos originários brasileiros, numa fusão heterogênea de simbolismo, presentes atualmente em muitas das práticas de benzimentos. O conjunto de características descritas são observadas na região amazônica com singular riqueza de detalhes dentro da diversidade de povos que a povoam.

Ganham destaques as palavras de Erik Rubens (2022), quando ao enfatizar as práticas de benzimentos no Amazonas concebe como uma cultura bastante particular e distinta das outras regiões do Brasil, pela presença de grupos tradicionais como fora citada, mas também pela biodiversidade que apresenta e que constitui uma grande fonte de recursos naturais, onde benzedoiras (ores) encontram elementos que auxiliam suas práticas. Ainda que caibam algumas ressalvas nas palavras do pesquisador pelo fato também de se observar semelhanças nos rituais de benzimentos em todo o país e até fora dele, o quadro abaixo demonstra sim aspectos relevantes de diferenciação.

Quadro 4. Comparativo entre os processos de benzimentos na Amazônia com o restante do Brasil.

ITENS SELECIONADOS	REGIÃO AMAZÔNIA	OUTRAS REGIÕES
Aspectos culturais	Prática cultural marcada pela presença de saberes indígenas, articulados com o catolicismo popular e de matrizes africanas.	Predomínio do catolicismo popular, com influências africanas e europeias e elementos regionais.
Sujeitos	Benzedeiras (os), pajés, curadores tradicionais e parteiras.	Benzedeiras (os), rezadeiras e curandeiros populares.
Recursos utilizados	Uso de recursos naturais locais, como plantas medicinais da floresta, cascas, raízes, óleos, água de rios e objetos religiosos.	Uso de ervas comum (arruda, guiné, alecrim), água benta, sal e objetos religiosos.

Religiosidade	Integra crenças relacionadas a entidades da natureza, encantados e espiritualidade indígena, africana e do catolicismo popular.	Baseada principalmente na espiritualidade cristã, com pouca referência a entidades da natureza.
Rituais	Rezas, benzimentos combinados com fórmulas tradicionais e, em alguns casos, palavras de línguas indígenas.	Orações cristãs tradicionais (Pai-Nosso, Ave-Maria) associadas a fórmulas populares.
Objetivos	Cura física, espiritual e simbólica; busca de equilíbrio entre o indivíduo e o ambiente natural.	Cura espiritual e emocional; afastamento de male.
Relação com o ambiente	Prática profundamente vinculada ao meio ambiente amazônico e ao modo de vida ribeirinho e indígena	Prática associada à vivência comunitária local
Aprendizagem	Transmissão oral, geralmente restrita a membros da família ou de pessoas mais experientes dentro da comunidade tradicional	Transmissão oral entre gerações familiares ou pessoas próximas
Relação social	Ocupa papel central nas comunidades tradicionais como prática de cura e medicina tradicional	Reconhecida como prática cultural popular e medicina tradicional.

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com auxílio de literatura especializada, 2026

O quadro reúne diferenças e semelhanças das práticas de benzimentos realizadas na Amazônia frente às demais regiões do Brasil. Os fatos pelos quais as demais regiões não aparecem especificadas se justificam, pois em grande parte das literaturas consultadas que abordam os benzimentos ou benzedeadas essas características são muito próximas em significados. Já a Amazônia, muito pelo fato de possuir uma prática significativamente híbrida, com supremacia dos elementos indígenas, essas particularidades se evidenciam, como aparece com destaque na afirmação do autor supracitado ao destacar que, na região, benzer é vista como uma tradição que se origina nos Pajés, Sacacas e Curandeiros, dos

povos indígenas do Amazonas. Essas personagens seriam também detentoras de poderes sobrenaturais e, além das atividades como curadores agiriam como conselheiros e líderes em suas comunidades.

No caso específico dos praticantes de benzimento, seus conhecimentos e atividades quase sempre se voltam ao saber fazer para ajudar o próximo, ou seja, são pessoas que sabem (aprenderam) ou desenvolveram o que afirmam como dom de curar. Esse dom, no entanto, tem uma origem em pessoas específicas, porém antes de abordarmos a questão da forma como aprenderam ou desenvolveram esses saberes, precisamos destacar que pelas características que tais saberes apresentam, constituem um verdadeiro devir das benzedeiras e benzedores, embora que consideradas por seus/suas praticantes, sob a égide de uma divindade, uma força sobrenatural, que sempre desempenhou um importante papel tanto nas comunidades tradicionais quanto nas ditas modernas.

O entendimento das práticas de benzimento enquanto um “devir” se definem com precisão no artigo “A informação em devir (es): uma reflexão filosófica no contexto da(s) disciplinaridade (s)” escrito por Jonathas Luiz Carvalho Silva e Henriette Ferreira Gomes (2013), onde os autores ao discutirem o “devir” a partir da filosofia grega, destacam que:

Um devir é imprevisível, já que não está ligado a um ideal em si, mas sim a realidade concreta do ser, o que engendra um conjunto de polêmicas e turbulências. Com efeito, um devir não predetermina a conjuntura dos processos históricos e nem estabelece planejamentos para princípios teleológicos. O devir, em Nietzsche, não aponta uma unidade no mundo e muito menos prima pelo estabelecimento de um início e um fim prévio. Um devir marca a diferença do ser humano em si mesmo e com o outro numa percepção de alteridade, o que significa dizer que um devir apresenta diferentes perspectivas do ser (Silva e Gomes, 2013).

A citação apresenta uma aproximação com uma das formas de desenvolvimento dos conhecimentos das benzedeiras e benzedores que é o “Dom”. A semelhança paira principalmente no entendimento de que o dom não pressupõe início nem fim, haja vista, tratar-se de algo sob o controle de uma força, que embora operada a partir de um ser humano está intrinsecamente ligada ao espiritual, o sobrenatural que governa tais ações promotoras do bem-estar humano.

Essa abordagem de promoção e busca do bem-estar encontra respaldo nos escritos de Adriana Braga (2024), pesquisadora tefeense que ao fazer referência aos benzimentos em sua dissertação de mestrado intitulada *A oração que cura: olhares e vivências de benzedores(as) no município de Tefé/AM*, afirma que essas práticas persistem impulsionadas pela busca humana incessante pelo bem-estar físico e espiritual. Mesmo em

meio aos avanços tecnológicos, da medicina e das mudanças sociais, os benzimentos têm seu papel significativo na vida de muitas pessoas, evidenciando a importância da relação entre espiritualidade e saúde dentro dos conhecimentos tradicionais.

Benzer então não se limita apenas a um costume, mas constitui uma ação representativa da preservação da cultura dos povos originários amazônicos, servindo como uma forma de homenagear e manter viva a herança deixada por seus antepassados. Porém não apenas a memória dos antepassados, haja vista, que na atualidade há muitas pessoas pertencentes a todas as classes sociais e com as mais variadas formações acadêmicas que buscam e fazem uso do “dom de benzer”, conhecimentos que mesmo possuindo o caráter de tradicional encontrou seu espaço na sociedade moderna.

Outra importante contribuição que nos ajuda a esclarecer o benzimento como um dom, encora-se nas pesquisas do parintinense Deilson Trindade (2013), que ao escrever sobre as

Benzedeiras de Parintins, no que se refere ao desenvolvimento do dom afirma que as rezadeiras têm suas práticas como um dom, o qual é capaz de uni-las ao campo espiritual e que por isso operam a cura nas pessoas que anseiam por elas. Tal afirmação possibilita o entendimento de que benzer é uma prática que tem estreita relação com experiência do sobrenatural que promovem as curas através da ação de benzedeadas e benzedores, que de acordo com Trindade (2011), ao terem o dom reconhecido, legitimam o ofício dado por Deus a elas/eles, do qual não devem se esquivar.

Quem possui o dom de benzer, dádiva de cura recebida, que deve ser executada sem cobrar valor monetário algum, embora que possua certa visibilidade não é colocado em um pedestal de superioridade. Os praticantes sentem-se agentes de Deus com responsabilidades de fazer o bem a quem os procura sem cobrar nenhum valor. São portadores de uma missão privilegiada da vontade suprema, ainda que isso lhes custe depreciação, descredito social e até preconceitos. Devem também ser detentores de uma personalidade ilibada, como se pode ler nos escritos de Santos (2009), ao afirmar que para se ter o dom de cura não basta somente aprender a rezar, é imprescindível ter certas habilidades, além das qualidades. Devem ser de boa índole, ética e moral, além de caridosas, o que dialoga com Oliveira (1985) e Quintana (1999, p. 82), quando enfatizam que esse dom, origem de sua aprendizagem e ao mesmo tempo validação de sua prática terapêutica, não pode se sustentar unicamente no reconhecimento das próprias benzedeadas; é necessário que a comunidade onde elas vivem também veja nelas alguém especial.

Outro aspecto que caracteriza o desenvolvimento do ato de benzer é o fato de que, embora possuir o “dom” seja usado para explicar a prática de curas realizadas por benzedoras e benzedores, muitos desenvolveram tal prática e aprenderam com gerações posteriores. Familiares, membros da comunidade e/ou outras pessoas com as quais tiveram contato. De acordo com Penaforte, (2021, p. 18), escrevendo sobre o *Ofício de fé: Rezadeiras no município de São Paulo de Olivença-AM* enfatiza que “a origem das práticas em algumas pessoas se dá através das gerações precedentes, com a transmissão oral das rezas através das mães, pais e avós”.

Na Amazônia, esse aprendizado também se destaca pela composição e forma de organização dos grupos tradicionais, quase sempre com uma presença de destaque para os núcleos familiares. A convivência comum faz com que esses grupos compartilhem muitas de suas experiências e conhecimentos. É bem comum, também, o interesse dos mais velhos em transmitir seus conhecimentos para os mais jovens, ainda que o interesse por esses saberes não seja tão motivador para os mais jovens. Santos (2009), também comunga com o mesmo entendimento de Penaforte, afirmando que normalmente, o conhecimento particular e especializado de um benzedor ou rezadeira é transmitido através de familiares próximos, que tinham ou tem domínio sobre o saber e as práticas de benzeduras.

Embora que o aprendizado dos benzimentos seja também desenvolvido, aprendidos, os sujeitos desses saberes precisam trilhar uma caminhada de validação de tais conhecimentos. “Essa aprendizagem está normalmente associada à presença de um mestre que, via de regra é uma figura da família praticante da benzedura” (Quintana, 1999, p. 54).

Embora os benzimentos possam ser aprendidos com pessoas quase sempre de limitado conhecimento dentro da ciência moderna, seus saberes e fazeres lhes tornam verdadeiros mestres. É nesse sentido que Maués (1990, p. 204), afirma que “o benzedor é um especialista que é capaz de tratar várias doenças naturais e não naturais. Ele benze seus pacientes, recitando orações próprias assumindo um comportamento ritual específico”. O grande destaque que se apresenta é que, além do trato com doenças consideradas naturais os benzedores também possuem conhecimentos e tratam de doenças consideradas por eles como não naturais, como sendo da alma e do espírito, dando conta de uma dimensão muito mais ampla de tratamento de doenças através.

Diante disso, independente da forma como os conhecimentos das práticas de benzer foram e são adquiridos, o que realmente importa, nessa relação, é o efeitos prático na vida das pessoas, haja vista que a saúde sempre foi uma busca humana, conforme concebem Gomes e Pereira (2004), ao afirmarem que o suprimento dessa busca, nas sociedades

tradicionais se efetuam através de homens e mulheres que receberam ou herdaram de seus antepassados um legado de saberes que alia aspectos de tratamento da saúde por meio do saber fazer usando recursos da natureza, da fé, das crenças e da religiosidade das pessoas.

Nesse sentido, no cenário Amazônico as práticas de benzimentos sempre cumpriram uma importante função no cuidado com o bem-estar humano. Em tempos em que não havia ou poucos médicos existiam as comunidades e diversos grupos humanos fizeram uso desses conhecimentos e recursos como forma de resolver seus problemas de saúde. Era bem comum os partos sendo realizados por mulheres mais velhas que cuidava a parida e também cuidava de seus recém-nascidos, fazendo uso de benzimentos e dos recursos disponíveis na natureza. Essas práticas e conhecimentos se caracterizaram como uma forma de medicina, ainda que não se valessem dos recursos modernos da ciência, já se praticava o cuidado da saúde de maneira muito eficiente.

A medicina tradicional²⁷ emerge desses contextos, e está para além da prática ocidentalizada que nos impõe uma concepção de saúde e medicina a luz do cartesianismo. O modelo de ciência ocidental sempre buscou uma hegemonia do saber, e tudo o que se encontra fora dessa compreensão ou práticas aparecem descritas por Fanon (2008) Como pertencentes a “zona do não ser”. Assim os benzimentos como integrantes de uma medicina popular foram muitas vezes desacreditados, menosprezados e até discriminados, mesmo com seus efeitos sendo confirmados nas inúmeras curas que promovem.

A concepção colonialista de saber, de especialização trouxe muitos avanços para a medicina moderna, porém questionou muitas das práticas que iniciaram antes da formulação do próprio conceito de ciência moderna. Rocha e Rezende (2015) se referem a este cenário afirmando que:

O atual modelo de formação profissional que se respalda em uma crescente tentativa de tornar as práticas profissionais puramente baseadas no método científico e em aparato de alta tecnologia, acaba desconsiderando tudo e todos que não adotem tal modelo, contribuindo para o processo de apagamento do conhecimento popular que – cabe lembrar – vem se construindo desde o início da existência humana (Rocha e Rezende, 2015, p. 338).

Embora que as interferências da modernidade quase sempre se contraponham ao saber tradicional, esses saberes, permanecem arraigados nas crenças e fazeres. Muitas pessoas homens e mulheres detentores de um saber repassado a gerações, mantém sua missão na busca constante de promover o bem-estar humano. Neto (2020) e Moura (2011)

²⁷ Medicina tradicional é um sistema de cura holístico que integra corpo, mente, espírito e meio ambiente

promovem esclarecimentos a essa discussão afirmando que “mesmo diante de todo avanço médico científico a crença em orações, benzimentos, chás, garrafadas, uso de objetos [patuás, amuletos e talismãs], entre outros, faz-se muito presente”.

Pela afirmação do autor se destacam dois aspectos fundamentais para elucidar o efeito dos benzimentos como medicina tradicional. O primeiro tem a ver com as práticas e o segundo com o valor simbólico que os elementos presentes nessas práticas exercem sobre as pessoas que fazem uso desses recursos. Outra questão que emerge desse entendimento tem a ver com as propriedades terapêuticas das plantas que são usadas nos tratamentos e curas que realizam. Esse entendimento dialoga com a afirmação de Oliveira (1985) ao destacar que as benzedeiras podem ser descritas como sendo uma cientista popular que possui uma maneira muito peculiar de curar combinando os místicos da religião e os truques da magia atrelados aos conhecimentos da medicina popular. Essas práticas são então modalidades terapêuticas que ampliam o foco do cuidado para além da dimensão biológica do indivíduo, considerando as singularidades e particularidades, trazendo outro olhar ao processo saúde-doença (Medeiros, *et al.* 2013).

É importante destacar, ao analisar esses saberes ou essa modalidade de medicina, que as curas não se limitam apenas ao aspecto físico. Ao entender que as doenças têm origem em um plano superior ao biológico às práticas da medicina popular buscam solucionar problemas no âmbito também do espiritual, questões que não encontram respaldo na medicina moderna, mas que a tradicionalidade tanto explica como trata. Diniz e Diniz (2019) afirmarem que o processo de cura para as práticas tradicionais e populares de saúde não diz respeito somente à eliminação de sintomas – trata-se de um conjunto de movimentos que buscam reestabelecer o ser com o meio e com o universo. Medeiros (*et al.*, 2013), destacam que as práticas de benzimentos são modalidades terapêuticas que ampliam o foco do cuidado para além da dimensão biológica do indivíduo.

Nesse sentido e ao possuir a função de promover o bem, os processos de benzimentos, se constituem como uma prática medicinal, embora possuindo sua transmissão via oralidade, através, principalmente do ver fazer e ouvir, de pessoas com tais conhecimentos, principalmente os mais velhos, quase sempre de membros da família, conforme Portugal, (1987), quando escreve que a prática da medicina doméstica não é apenas herdada, mas também aumentada e diversificada através dos relacionamentos existentes entre as pessoas de diversas regiões do país, sendo as benzedeiras, em parte, responsáveis por tais práticas.

Daí a compreensão de que a região amazônica se apresenta como um berço desses

saberes e fazeres. Inicialmente pela dimensão continental da região que muitas vezes dificulta o acesso aos serviços de saúde nos centros urbanos e em segundo lugar porque parte significativa da população é oriunda de grupos tradicionais e de pessoas que acreditam e usam os benzimentos como prática de cuidado com a saúde.

Na Amazônia, além se caracterizado como Medicina Tradicional, os processos de benzimentos também se apresentam como cultura popular, pois mesmo possuindo elementos de diversas outras culturas, apresenta características que são extremamente particulares da região o que a distingue-se frente a outras regiões e até países, no mundo. Nesse cenário os saberes tradicionais como integrante dessas manifestações culturais exercem uma importante função na identidade amazônica, que a modernidade não conseguiu superar. Marshall Sahlins (1997), em um texto intitulado O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I), ao tecer esclarecimentos sobre “civilização” e “cultura”, embasa a propositura de benzimentos como cultura popular ao afirmar que a "cultura" é aquilo que caracteriza de modo singular um determinado povo. Inserem-se aqui um conjunto de elementos como, valores, crenças, tradições, costumes dentre outras manifestações.

A partir desse entendimento o conceito de cultura popular amazônica onde os benzimentos se enquadram caminham conforme a definição do antropólogo brasileiro Roque de Barros Laraia (2001) como sendo “um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores”. A afirmação demonstra que, enquanto culturais esses saberes fazem parte da história do homem amazônico, constituído ao longo dos tempos, com seus antepassados, que também receberam de gerações posteriores. Outra afirmação de Laraia aparece no entendimento de que a cultura consiste na maneira pela qual os seres humanos se ajustam e se apropriam do ambiente ao seu redor, possibilitando a resolução de problemas e a adaptação às condições existentes. Ela é fundamentalmente o que caracteriza cada grupo social com seus elementos sendo transmitidos por meio da comunicação e da imitação o que acaba por moldar a percepção de mundo e as ações de cada pessoa. Outra afirmação presente na obra de Laraia que torna os processos de benzimentos como um dos representantes da Cultura Amazônica surge no entendimento de que a cultura é Apropriada e adaptativa, Simbólica, Aprendida, Compartilhada, Adaptável e Dinâmica. Logo, reúne as características dos principais elementos identitários dos povos amazônicos.

Paes Loureiro, um dos principais expoentes em estudos sobre a Amazônia, na obra *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*, ao escrever sobre a “cultura cabocla”,

apresenta uma conceituação que define com singularidade características constitutivas dos elementos da Cultura Amazônica, ao afirmar:

A identidade da cultura cabocla, como ocorre também com relação a outras culturas, tem a ver com os registros de determinadas matrizes de pensamento e de comportamentos que estão secularmente registrados na memória social dos grupos humanos e que gozam da condição de durabilidade e de persistência no tempo; constituem-se nos elementos fundadores da cultura e ao mesmo tempo nos elementos que acabam em conferir-lhe força e peculiaridade. E é justamente graças a essa força interior de origem mais que secular que os caboclos das cidades ainda conservam traços fundamentais de sua cultura (Loureiro, 2015).

Embora que o texto faça referência a uma abordagem específica da cultura cabocla, o entendimento também se aplica com precisão ao ribeirinho e demais povos tradicionais que contribuíram para a constituição do que ficou conhecido como cultura amazônica.

Tal reflexão, ao inserir os processos de benzimentos como integrante da cultura popular amazonense recebe contribuições da pesquisadora tefeense Adriana Braga, que concebe os processos de benzimentos como portadores de características únicas, mesmo sendo tecido a partir de diversas influências. A autora identifica, na constituição dos benzimentos as influências principalmente dos portugueses, africanos e indígenas que se entrelaçaram, resultando em uma forma única de benzer, caracterizada pela assimilação de elementos das práticas e das crenças de cada um desses povos (Braga, 2024).

Dois aspectos se destacam na afirmação da pesquisadora. Primeira a definição dos benzimentos como uma manifestação cultural tecido a partir da hibridação, conforme afirmado anteriormente, a partir do relacionamento dos povos tradicionais com outros com os quais tiveram contato e, segundo a configuração de uma forma única de benzer. Mesmo que portadores de uma diversidade ritualística, os benzimentos no Amazonas se configuram como uma prática bem particular, com suas crenças, significados e gestuais específicos, conforme destacam Deilson Trindade, (2013) e Erick Rubem (2022), em seus estudos sobre benzedeiros e benzimentos em municípios do Amazonas (Parintins e Amaturá) fazendo menção aos diversos procedimentos e como esses processos se relacionam as crenças, a religiosidade e todo um conjunto simbólico que emerge das imagens de santos, instrumentos sagrados e rituais usados como auxiliares dos benzimentos como práticas de curas.

3. 3 As práticas de benzimentos em Fonte Boa

A maioria dos municípios que compõem a Amazônia apresentam algumas atividades características envolvendo manifestações tradicionais, como ocorre em Fonte Boa, especialmente no cuidado com a saúde, haja vista, tratar-se de espaços geográficos que também possuem relações de origens que remetem a esses povos. Muitos desses ainda como povoados ou aldeias sofreram uma ação direta do período das grandes navegações, das missões religiosas e de diversos povos de outros países e regiões, como aconteceu com a presença dos portugueses e espanhóis que acessaram a região trazendo grande parte dos escravos africanos que se fixaram na região, além de outros pertencentes a outras regiões do Brasil, como os nordestinos trazidos durante o período Áureo da Borracha, como bem explica Euclides da Cunha, (1909) em diversos escritos quando de sua passagem pela Amazônia, principalmente na obra “À margem da história”, onde dentre suas muitas observações e críticas reflete sobre a realidade da região focando principalmente nas condições dos seringueiros e indígenas principalmente nas questões de exploração desses povos.

Os saberes e práticas de atenção a saúde pessoal e de seus grupos certamente se estabeleceram como condição extremamente importante para a própria preservação da vida, o que torna a região portadora de particularidades quanto aos saberes tradicionais, conforme já afirmamos algumas vezes. Camargo (2006) ao fazer referências aos saberes dos primeiros grupos de povos que por aqui chegaram com seus conhecimentos trazidos de suas regiões de origem afirma:

Esses povos souberam se adaptar às espécies vegetais naturais da nova terra, através da troca de conhecimentos com populações indígenas nativas, assim como introduziram seus acervos a utilização de espécies até então exóticas de demais regiões do planeta trazidas pelos colonizadores (Camargo, 2006),

Essa fusão de saberes ou troca de conhecimentos e adaptabilidade foi fundamental para o estabelecimento desses dentro do cenário amazônico passando a fazer parte de todo o legado de já estabelecido pelos povos originários em muitos municípios da região.

Em Fonte Boa essas características são bem marcantes. Se observa, além dos conhecimentos dos povos indígena, elementos da cultura africana e dos portugueses, principalmente dentro da culinária como é o caso da feijoada e do vatapá, alimentos muito apreciados pelos fonteboenses que é de origem africana, além de nomes dados ao filhos como João Miguel, Francisco, Mariana, Catarina, nomes muitos comuns em Portugal que fazem parte dos nomes de muitos brasileiros em todas as regiões, que de acordo com

algumas literaturas tem relação direta com os nomes dados pelos principais colonizadores da região

Porém é no cuidado com a saúde que essas relações mais se evidenciam, ainda conforme citado, que a principal matriz seja de origem indígena a influência externa a região contribuiu para as especificidades dos saberes tradicionais locais, passando a ser um conhecimento e práticas com características próprias, mesmo que muitos dos rituais presentes na região sejam encontrados em todas as regiões do Brasil, como é o caso dos benzimentos que de acordo com Cruz (2021) surgiram no Brasil a partir do século XVII, Maciel e Neto (2006) e com suas práticas de rezas e benzeduras, contribuíram e contribuem com a medicina popular, levando o bem-estar físico e espiritual às pessoas.

A necessidade de promoção do bem-estar físico e espiritual das pessoas merece atenção especial das benzedoras e benzedores de Fonte Boa, pois assim como em outras regiões o entendimento de problemas de doenças causados por vias biológicas, traumáticas ou espirituais está presente no repertório de saberes e conhecimentos dessas/desses benzedoras/benzedores, cujas ações práticas e rituais dão conta de resolvê-los.

Para nossos colaboradores é consenso que muitas doenças que atingem as pessoas causadas por agentes biológicos ou traumáticos, são tratadas com muita eficiência pelos médicos, embora existam rezas que possam resolver como ocorre com problemas de dor de cabeça, que segundo o benzedor Nemésio Magalhães de Castro, 69 anos (2025), pode ser resolvida com a seguinte oração:

Quando Jesus passou pelo
mundo, Muitos males ele
curou
Tirou o quebranto, o mau
olhado, A dor de cabeça e o
mau passado.
Com três dias de
nascido, Com três dias
de benzido.
Eu te benzo (fulano de tal) com a força de Deus
pai, Com a força de Deus Filho
Com a força do Espírito
Santo Com a força de Nossa
Senhora,
Que esta dor de cabeça vá embora.
Vá para o mar sagrado, onde não faça mal a ninguém.

Essa oração, segundo o benzedor é realizada utilizando três ramos de vassourinha

que após a oração são lançados para trás das costas na direção que o sol se põe. Geralmente a pessoa benzida melhora logo após a oração, não ocorrendo isso a pessoa deve procurar novamente o rezador que deverá repetir o procedimento até três vezes. Porém além dos problemas ditos por benzedadeiras e benzedores como curados facilmente pela medicina moderna por serem de ordem biológica, muitas são causadas por forças ou espíritos do mau. Elísia das Graças Crispim, 69 anos (2025), uma das benzedadeiras entrevistadas chegou a afirmar que muitas dessas doenças vêm através de espíritos do mau nas nuvens escuras de grandes temporais, por isso não se deve estar com crianças fora de casa quando vem tempo forte. Esse entendimento aparece em Charles Rosenberg (1997, p. 13) quando considera que a doença é uma espécie de entidade “indescritível”/“alusiva” porque ela não é somente um estado fisiológico, é também um estado de espírito que pode causar algum desequilíbrio no estado considerado normal da pessoa. Assim também compreendem muitos povos indígenas da região para quem a doença está associada a alguma entidade ruim que tem por propósito causar o mau, logo, além de uma questão biológica como concebe a medicina moderna as causas das doenças estariam associadas a alguns desequilíbrios espirituais ou ação malignas.

Dentro dessas origens encontram-se doenças tanto identificadas pela medicina moderna quanto as reconhecidas apenas pelos detentores dos saberes tradicionais, pessoas que possuem conhecimentos e conseguem curar doenças consideradas naturais quanto sobrenaturais, conforme aparece no depoimento da benzedeira nomeada por Raimunda Lopes Magalhães, 54 anos (2025), quando em entrevista ao fazer referência a muitas de suas benzeduras afirmou:

Um dia desses chegou uma menina aqui pra eu rezar na filha dela que estava pra morrer no hospital, quando fui vê era quebranto, falei maninha tira tua filha daqui senão ela vai morrer. Aí rezei na menina e quando foi de tarde ela já estava esperta e correndo pra todo lado. (Raimunda Lopes Magalhães, 54 anos. Entrevista realizada em 2025).

O conhecimento das benzedadeiras e benzedores não se limita, nesse sentido, ao que se convencionou chamar de doença de benzedeira, embora sua ação seja mais evidenciada no trato dessa modalidade de doença, as benzedadeiras em Fonte Boa, afirmam que sendo procuradas benzem qualquer tipo de doença, pois o dom que receberam não lhes permite selecionar paciente ou doença, mas agir sempre que for preciso, em qualquer horário e ocasião.

Quadro 5: Doenças mencionadas pelas benzedeiras em Fonte Boa

Nº	NOME POPULAR	CARACTERÍSTICAS
01	Doença do ar	Fraqueza ou dormência em um lado do corpo (face, braço ou perna), dificuldade para falar ou entender, alterações visuais (em um ou ambos os olhos), tontura, perda de equilíbrio ou coordenação, e uma dor de cabeça muito forte e repentina.
02	Rasgadura	Dor localizada, inchaço, dificuldade de movimento e, em casos mais graves, a possível formação de hematomas.
03	Vento caído	Indisposição física e espiritual que afeta principalmente crianças, causada geralmente por um susto, esforço físico excessivo ou, em alguns casos, por inveja ou mau-olhado.
04	Vermelha	Doença inflamatória crônica da pele, não contagiosa, caracterizada principalmente pelo surgimento de manchas avermelhadas e descamativas.
05	Izipa	Manchas vermelhas brilhantes, quentes, inchadas e dolorosas, com bordas elevadas e bem definidas, que surgem principalmente nas pernas, mas podem aparecer no rosto; os sintomas sistêmicos incluem febre alta, calafrios, mal-estar, dor de cabeça, náuseas e fraqueza, e podem surgir bolhas na área afetada.
6	Desmintidura	Dor intensa: Geralmente, a dor é imediata e severa na área afetada. Deformidade visível: A articulação ou osso afetado pode parecer visivelmente fora do lugar, torto ou com um formato incomum. Inchaço e hematomas: A área ao redor da lesão incha rapidamente e podem surgir hematomas (manchas roxas) devido ao sangramento interno dos tecidos lesionados. Mobilidade limitada ou ausente: A pessoa afetada geralmente tem grande

		dificuldade ou incapacidade total de mover a articulação de forma normal. Sensação de instabilidade: Pode haver uma sensação de que a articulação está "solta" ou instável.
07	Peito aberto	Sintomas físicos (em casos moderados a graves): Fadiga e falta de ar, especialmente durante exercícios físicos. Dor no peito e nas costas. Batimentos cardíacos rápidos ou irregulares (palpitações). Intolerância a exercícios e menor resistência física. Má postura, com ombros caídos e abdômen proeminente.
08	Espanto	Tristeza e apatia: falta de motivação e sentimentos de baixa autoestima ou "sujeira". Ansiedade severa e inquietação. Problemas de sono: dificuldade para dormir, sono inadequado ou excessivo, e sonhos perturbadores (pesadelos). Isolamento social: o indivíduo pode evitar interações sociais ou apresentar dificuldades no desempenho de funções sociais importantes. Perda de apetite ou distúrbios alimentares. Sintomas Físicos (Somáticos) Dores físicas: dores de cabeça, dores musculares e no corpo. Problemas digestivos: dor de estômago, náuseas, diarreia e vômitos. Fraqueza e fadiga. Tremores. Outros: febre, respiração ofegante, sudorese, micção frequente ou incapacidade de urinar.
09	Quebranto	O quebranto é uma crença popular, uma síndrome cultural (não uma doença médica), que se manifesta através de sinto-mas de mal-estar geral, cansaço e indisposição, frequentemente atribuídos ao “mau-olhado” ou excesso de admiração de outra pessoa.
10	Cobreiro	Erupção cutânea dolorosa com bolhas, que surge em um lado do corpo, sem cruzar a linha média, precedida por dor, formigamento (parestésias) e ardor no local, podendo causar febre e mal-estar, e a dor intensa pode persistir mesmo após as lesões desaparecerem.

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com auxílio de literatura especializada, 2025.

Embora as literaturas e as próprias benzedadeiras e benzedores apresentem uma série de outras doenças, as que surgem com maior evidência são às apresentadas no quadro a respeito das quais muitos benzidos informaram já terem sido ou visto algumas curas. É bem

comum também que por conta de as benzedeiras e benzedores não se limitarem ao atendimento a pessoas portando as ditas “doenças de benzedeiras” que muitas pessoas com casos considerados fáceis as/os procurem, conforme se observa no depoimento da benzida Leila dos Anjos de Lima, 39 anos (2025) quando afirma que atualmente procura uma benzedeira pra diversos problemas como febre, dores de cabeça, etc., o que corrobora a afirmação de que os conhecimentos e práticas das benzedeiras não se limitam a curas de doenças específicas, mas sim, sua atuação se estende por um leque de diversos problemas tanto de origem biológicas como espirituais que afetam as pessoas. Essa ação de atender clientes (benzidos) com problemas diversos além de demonstrar a confiança que os benzidos depositam na benzedeira também funciona como uma atitude complementar ao atendimento médico realizado nos hospitais.

Francimário dos Santos (2007) observou essa realidade em sua pesquisa sobre O Ofício das Rezadeiras em Cruzeta / RN, quando afirma que a confiança que a cliente deposita sobre as benzedeiras, atua como um efeito cascata: é alimentado pelo carisma da rezadeira, mas, ao mesmo tempo, isso impulsiona a própria cliente a usar de forma complementar os serviços médicos e as rezas (p.163), atitude que ocorre com frequência com as benzedeiras e benzedores fonteboenses, que constantemente são convidadas a irem ao hospital benzer pessoas internadas. Mesmo que essas práticas sejam questionadas por alguns, encontra muito respaldo pela maioria. Outro aspecto relevante das atitudes das benzedeiras e benzedores, que constantemente faz parte de suas ações é o fato de diversas vezes ao identificar um problema que necessita de uma atenção do médico orientar a pessoas para que procurem o atendimento médico para realizar determinados procedimentos, como afirma o benzedor Raimundo Amancio Filho, 77 anos (2025), quando diz que em casos como quando se precisa de uma cirurgia ou algum outro procedimento convencer a pessoas a não ficar apenas com os benzimentos e as orações ainda que reconheçam que as orações são eficientes em muitos casos.

As orações, porém, constituem um pouto extremamente sensível das benzedeiras e benzedores em Fonte Boa, mesmo reconhecendo a necessidade de transmissão e a importância nos rituais de curas estas envolvem determinados segredos e critérios para sua transmissão a ponto de um dos informantes se negar a falar algumas delas durante sua entrevista. O senhor Raimundo Amancio ,77 anos afirmou que não se deve ensinar as orações a quem não tem o dom ou interesse em se tornar benzedor sob pena de as orações se tornarem fracas e, quanto da transmissão o ideal é que um homem ensine para uma

mulher e uma mulher para um homem. Essa compreensão acerca da transmissão desses saberes aparecem também em outras informantes, como a benzedeira Dona Letícia, 67 anos, porém esta, que afirma ter recebido o dom em um evento sobrenatural, não vê nenhum problema em falar as orações, pois o efeito depende da relação das pessoas com Deus e da crença e fé que se tem na cura. A benzedeira afirma ainda que as vezes até benze em voz alta para que os benzidos ouçam as palavras proferidas. A benzedeira vez menção a algumas orações como:

ORAÇÃO PARA ISIPA

Com as três palavras de Deus nossa senhora quando andou no mundo, foi curando todos os maus, isipa branca, isipa preta, isipela isipelão, vermelho vermelhão, em nome de Deus pai, em nome de Deus filho do Espírito Santo amem Jesus.

La vem nossa senhora descendo do Céu com as cinco chaves de ouro na mão pra tirar, isipa branca, isipa preta, isipela isipelão, vermelho vermelhão, pra jogar pra trás da laje de pedra que Jesus Cristo Mandou em nome de Deus pai, em nome de Deus filho do Espírito Santo amém Jesus.

ORAÇÃO PAR DOENÇA DO AR

Com as três palavras de Deus nossa senhora quando andou no mundo, foi curando todos os males da branca, da preta, da amarela, da vermelha, ramo das quatorze qualidades do corpo do fulano de tal, pra jogar pra trás do lajeiro de pedra que Jesus Cristo Mandou em nome de Deus pai, em nome de Deus filho do Espírito Santo amem Jesus

Com as três palavras de Deus nossa senhora quando andou no mundo, foi curando todos os males da banca, da preta, da amarela, da vermelha, ramo das quatorze qualidades. Em nome de Deus pai, em nome de Deus filho e do Espírito Santo amém Jesus.

ORAÇÃO PARA ESPINHELA CAIDA

Com as três palavras de Deus nossa senhora quando andou no mundo, foi curando todos os maus, peito aberto, arca arriada espinhela caída. Em nome de Deus pai, em nome de Deus filho, do Espírito Santo, amém Jesus.

La vem Nossa Senhora descendo do céu com as cinco chaves de ouro na mão pra fechar peito aberto, arca arriada espinhela caída do corpo do fulano de tal pra jogar pra trás do lajeiro de pedra que Jesus Cristo Mandou em nome de Deus pai, em nome de Deus filho do Espírito santo amém Jesus.

CARNE RAGADA

Para esse problema a benzedeira usa também agulha, linha e um pedaço de pano virgem como parte do ritual.

Com as três palavras de Deus nossa senhora quando andou no mundo, foi curando todos os males carne rasgada, osso rendido, nervo torto. Em nome de Deus pai, em nome de Deus filho do Espírito Santo amém Jesus.

O que eu curo? Carne rasgada osso rendido nervo torto do corpo do (fulano de tal) pra jogar pra trás do lajeiro de pedra que Jesus Cristo Mandou em nome de Deus pai, em nome de Deus filho do Espírito Santo amém Jesus.

La vem nossa senhora descendo do Céu com as cinco chaves de ouro nas mãos pra curar carne rasgada, osso rendido nervo torto pra jogar pra trás do lajeiro de pedra que Jesus Cristo Mandou em nome de Deus pai, em nome de Deus, filho do Espírito Santo, amém Jesus.

Analisando as orações ensinadas pela benzedeira, observa-se uma estrutura bem semelhante das orações para doenças diferentes. Ao questionar a benzedeira sobre isso afirmou que ao introduzir o nome da doença e suplicar ao “Deus pai, Deus filho e Espírito Santo” o problema é resolvido. Disse ainda que os conhecimentos e práticas que possui, diferente de muitas outras foi ensinada por uma divindade superior, que afirma ter sido um anjo e que por esse motivo nunca sentiu necessidade de buscar outras formas de rezas e, que sempre em suas orações vê os problemas sendo resolvidos. Sua prática, no entanto, é um pouco diferente das observadas com as outras informantes e dentro das literaturas consultadas, onde aparecem orações específicas para cada situação problema, até mesmo em alguns casos para uma mesma doença benzedeadas diferentes utilizam rituais e orações com certa diferença.

Erick Rubens (2024), ao fazer referência a essas características das práticas na cidade de Amaturá, afirma que “Dessa maneira, há assim a variação das orações e rezas conforme a doença e as particularidades de cada cliente” (p.124), porém essas variações não invalidam nem minimizam o poder das rezas dentro dos rituais. As benzedeadas, em sua maioria, se definem como seres iluminadas e que recebem orientações de divindades para suas ações. O mesmo autor ao evocar Gomes & Pereira (1989) destaca que essas modificações podem ocorrer de maneira estratégica de cada benzedor, com o intuito de proteger os mistérios que envolvem as práticas da benzedura. Os mistérios que envolvem o saber e o fazer de cada benzedeira, ainda que estas exerçam atividades teoricamente semelhantes, na prática possuem alguns segredos que não são compartilhados e que contribuem para validação do ritual enquanto elemento motivador da fé. Mesmo como quando disponibilizam algumas informações sobre seu modo de agir, suas rezas, os recursos que utilizam ainda assim há segredos que envolvem o sagrado, a relação com o sobrenatural que não se revela, fazendo parte específica da constituição identitária e

subjetiva de cada uma.

Dentro desse contexto, há então uma certa limitação envolvendo a constituição desses conhecimentos dentro da cultura popular e, mesmo havendo uma relação com a religiosidade a forma em que está se configura está para além das práticas adotadas pelas religiões oficiais. Conforme afirma Trindade (2011),

Essas rezas ou orações são diferentes das oficiais que ocorrem nas religiões por se passarem em meio ao saber e práticas populares, acontecendo assim essas adaptações e uniões de fórmulas, as quais, juntamente com as expressões ou movimentos corporais, fazem parte do ritual como um todo (Trindade, 2011, p. 97).

Mesmo havendo alguns atos que se pareçam herdados das práticas oficiais a religiosidade popular vale-se de um sincretismo que a torna ao mesmo tempo plural e singular. Plural quando se constitui a partir de um hibridismo e singular por se manifestar de maneira bem específica. A semelhança herdada das religiões oficiais pode ser observada, como no sinal da cruz e principalmente na oração do pai nosso, rezado por todas as benzedadeiras e benzedores entrevistadas em suas benzeduras. Dona Letícia, 67anos, inclusive afirma que ao final de cada ritual de benzimento reza o pai nosso que protege a benzedeira e fortalece a benzição. A expressão fortalecer a benzição ou torna-la forte aparece com muita frequência nas falas das benzedadeiras, estando diretamente ligadas ao resultado do ritual, o que também está associado a transmissão desse saber, pois conforme afirmam as benzedadeiras fonteboense, se não se seguir determinado ritual na transmissão assim como no momento de rezar em alguém essa oração pode perder o efeito e a pessoa não será curada ainda que a benzedeira possua os conhecimentos dos rituais e utilize os recursos materiais considerados adequados durante ao mesmo.

Dentro desse contexto é que se materializa a expressão “saber fazer”, pois trata-se de um conhecimento alinhado a prática, ou seja, não se refere apenas a algo que foi aprendido e se mantém no esquecimento ou em estado de latência para ser usado quando se bem quiser. A eleita ou o eleito com o dom de benzer possui uma responsabilidade e compromisso de ajudar ao próximo e o seu conhecimento deve ser posto em prática, ainda que se utilize de alguns recursos materiais.

São muitos os materiais e recursos associados aos benzimentos. Para as benzedadeiras e benzedores de Fonte Boa, além dos que exercem uma influência diretamente simbólica, muitos utilizam determinadas plantas que podem ter uma função terapêutica como também ser exclusivamente simbólica dentro do ritual da benzeção, conforme assinala Chagas et al (2007) em um artigo intitulado “A prática de benzimento com uso de plantas

na comunidade rural remanescente de quilombo de Furnas do Dionísio, Jaraguari, Mato Grosso do Sul” As plantas são utilizadas também em rituais de benzimento para cura de enfermidades. Inicialmente partimos da compreensão da utilização prática das plantas que podem ser feitas por meio de chás, emplasto, sumo, garrafada, etc., com ação direta em quem utiliza. É certo, porém que nem todas as benzedeiras tem um conhecimento muito amplo quanto as diversas ervas medicinais existentes, conforme aparecem nas literaturas sobre plantas medicinais que podem apresentar uma utilização simbólico e terapêutico.

As autoras supracitadas reuniram as principais plantas medicinais utilizadas no cotidiano das benzedeiras e benzedores, mesmo que nem todas sejam conhecidas por todas elas, a grande maioria e de domínio e uso bem frequente.

Quadro 6: Plantas medicinais usadas pelas benzedeiras (ores)

Nome popular	Modo de Preparo	Parte Utilizada	Indicação Medicinal
Alho	Chá	Raízes	Inflamações e febre
Caju	Chá	Folhas, Frutos e Sementes	Infecção intestinal (diarreia), dores e inflamações.
Chicória	Chá	Folhas	Contrações do parto
Babosa	Macerado	Folhas (Exsudato)	Gastrite, problemas de pele e câncer.
Mastruz	Macerado (com leite)	Folhas	Dores no corpo e gripe
Pião Roxo	Macerado, In natura	Frutos e Folhas (exsudato)	Inflamações e cicatrizante
Pião Branco	Macerado	Frutos e Folhas (exsudato)	Dor de dente
Boldo	Chá		Dores no estômago
Manjerição	Chá, macerado, banho	Folhas	Gripe, Dor de estômago e dor de cabeça.
Hortelã Grosso	Banho	Folhas	Ferimentos e Tosses
Hortelãozinho	Chá	Folhas	Dores no corpo e cólicas
Canela	Chá	Folhas	Gripes, fraqueza, calmante.
Andiroba	Macerado (Óleo)	Fruto	Anti-inflamatório
Goiabeira	Chá	Folhas (gemas), Frutos	Dor no estômago, diarreia e vômito.
Carambola	Chá	Frutos	Pressão Alta
Mucuracaá	Chá, Banho	Folhas	Dor de cabeça, Quebranto.
Amor Crescido	Chá	Folhas	Diarreia e ferimentos
Arruda	Chá, banho	Folhas	Febre e mau olhado
Limão	Chá	Folhas e Frutos	Gripe e Ferimentos

Capitiú	Chá	Folhas	-
Cidreira	Chá	Folhas	Calmanete e gripes
Gengibre	Chá	Raízes	Dores, anti-inflamatório e hipertensão.

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com auxílio da literatura especializada, 2025.

Os conhecimentos sobre essas, dentre as demais plantas catalogadas guarda estreita relação com os saberes das benzedeiras fonteboense, sendo que diferentes do que se adquire de informações nas literaturas as benzedeiras pesquisadas adquiriram esses conhecimentos com seus ancestrais que ao longo dos tempos já manipulavam essas plantas como para o tratamento de diversas doenças. Muitas outras plantas aparecem em outras regiões do Brasil e muitas das aqui não apresentadas existem dentro da própria Amazônia, como a copaíba, o macucu, unha de gato e outras. Durante as entrevistas apareceu no repertório dos conhecimentos das benzedeiras uma planta conhecida como espada de são Jorge (*Draceana trifasciata*) planta esta que além de proteção e boa sorte é anti-inflamatória e utilizada para picadas de cobra, etc.

Dana Letícia, 67 anos quando perguntada sobre a relação das plantas medicinais utiliza em seus rituais, afirmou “eu uso as plantas para auxiliar algum tratamento, mas tem vezes que só a reza resolve e outras que não precisa rezar, basta fazer um banho ou um chá e só”. Destaca-se aqui dois aspectos significativos relacionado a função das plantas medicinais dentro dos saberes das benzedeiras. O primeiro é de que muitas plantas medicinais possuem uma função apenas terapêutica, ou seja, são usadas diretamente propriedades que agem sobre a doença, nesse caso a doença causada por agente biológico para a qual qualquer pessoa pode preparar um chá um banho e aplicar sobre a pessoa. Outras além de propriedades medicinais têm também uma função simbólica bem presente nos rituais. Dentre essas plantas nossas informantes destacaram:

Figura 10: Vassourinha

Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2025.

Dentre muitas plantas conhecidas pelas benzedadeiras e que constantemente aparecem durante as práticas de benzimentos, a vassourinha (*Spermacoce verticillata*) é conhecida praticamente em todas as regiões. Em Fonte Boa, sob o uso das benzedadeiras e benzedores, a planta possui dupla função. A primeira, com propriedade puramente terapêutica a planta é usada como emplasto para tratar erisipela, infecções de pele, varizes e hemorroidas.

Essa forma de uso dentro dos saberes tradicionais aparece como alinhada à medicina no tratamento de doença, ou seja, constitui-se em uma forma de saber desenvolvido pelos povos ancestrais cuja eficiência é comprovada na prática sem que haja a necessidade de uma experimentação prévia. Nesse sentido, Lima (*et al.*, 2017) afirmam que “o uso de plantas medicinais está presente na sociedade desde os tempos remotos, no qual os recursos naturais eram utilizados tanto para preparo dos alimentos quanto no cuidado à saúde, destacando-se no cuidado com a saúde por ser uma alternativa eficiente na ausência de medicamentos”.

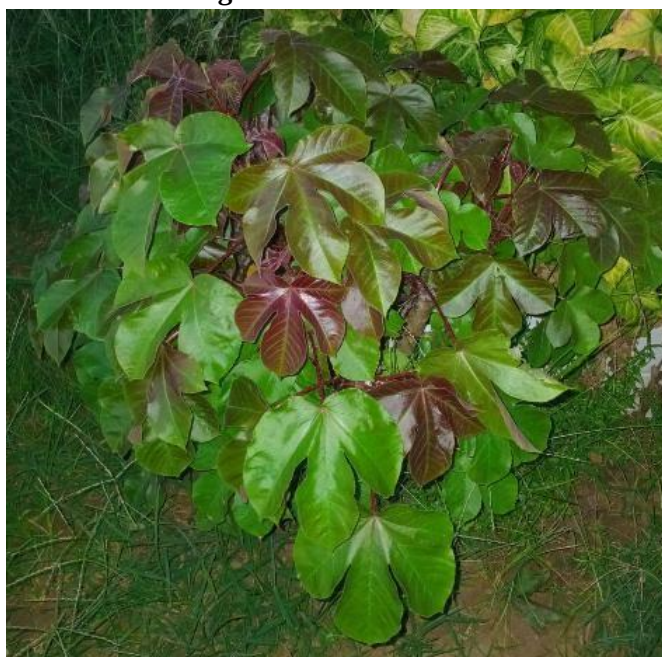
A outra forma de utilização da vassourinha está associada diretamente a prática do ritual de benzimento com valor simbólico. Nesta forma de uso, afirma o benzedor Nemésio,

a vassourinha serve para afugentar coisas ruins, energias negativas. Um conhecimento que surge nas falas de todas as benzedadeiras entrevistadas. Quanto ao uso nos rituais de benzimentos, segundo as benzedadeiras, em um número de três ramos, efetua-se as benzições movendo os ramos de um lado para outro na frente da pessoa que está sendo benzida, ajudando assim a expulsar os males presentes no corpo da pessoa. Chagas (*et al.*, 2007) corrobora o posicionamento do benzedor ao afirmar que durante o benzimento, os raminhos, geralmente em número de três, são passados no enfermo em sinal da cruz, enquanto o benzedor faz uma oração ou fala em voz alta as palavras apropriadas à cura de cada enfermidade. Nesse caso em particular as palavras podem ser audíveis aos benzidos, porém é bem comum e praticado em diversos casos pelas benzedadeiras, que se observe os movimentos, mas que a oração seja praticamente inaudível, resguardando assim segredos que estão presentes nessas práticas.

O uso da vassourinha, alinhada a reza (benzedura), além das propriedades medicinais funciona então como uma espécie de amuleto, algo que exerce uma função no campo do espiritual e das crenças tanto de benzedadeiras quanto de benzidos, conforme aparece na fala da benzida Maria Aldenora, 38 anos quando afirma que “parece que os raminhos têm um tipo de energia”, algo que está bem presente no campo da subjetividade dessas pessoas, o que contribui para a operação das curas.

Outra planta com dupla função dentro dos saberes e para os rituais das benzedadeiras e benzedores é conhecida como Pinhão roxo.

Figura 11: Pinhão roxo



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2025.

Encontrado em muitos dos quintais dos amazônidas, pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia*) a exemplo da vassourinha também é usado com função terapêutica, mas também agrega um valor simbólico que potencializa sua importância nos processos de benzimentos, conforme afirma Dona Elísia, 69 anos, quando diz que “o pinhão roxo” é muito importante nos casos de mau olhado, nas sessões de descarrego e também como banho junto com mucuracá e outras plantas. A benzedeira afirma que é uma das plantas muito usadas também nos umbrais das portas para evitar a entrada de energias negativas com pessoas mau intencionadas e portadoras de alguma doença e até feitiço que possa afetar alguém dentro da casa. Ainda que essas propriedades não sejam reconhecidas pela ciência moderna dentro dos saberes populares das benzedeiras e nas crenças dos benzidos essa planta possui tal eficiência. Durante o processo de entrevista com a benzida Dona Helena, 66 anos, essa questão apareceu com riqueza de detalhes, pois a benzida que também possui conhecimentos na manipulação de ervas medicinais afirmou que costuma usar o pinhão com as finalidades de proteção de sua casa.

Essas propriedades mágicas que os conhecimentos populares afirmam existir nessa planta faz com que a mesma também seja usada durante os benzimentos, quando são utilizadas folhas das mais novas que após compor o ritual, a exemplo da vassourinha, são lançadas para trás na direção que o sol se põe levando os males expulsos durante o benzimento. As benzedeiras e benzedores informaram ainda que tanto o pinhão quanto a vassourinha, assim como outras plantas quando usadas para realizar benzimentos, têm o potencial de absorver as doenças e quando estas estão muito fortes no paciente, no final da benzeção as folhas ficam totalmente murchas por ter absorvido as energias negativas que a doença possui. Essa informação se respalda no fato das benzedeiras identificarem na causa de muitas doenças, como o próprio quebrando e mau olhado a presença de forças negativas ou de espíritos maus.

Existe então uma significativa interação entre as rezas e as plantas na realização das curas. De Faria e Martins (2021) entendem que:

As ervas usadas pelas benzedeiras adquirem eficácia como “remédio” ou um sentido depurativo dos males do corpo e da alma na medida em que são associadas às orações. Podemos observar variações no conteúdo das orações ou mesmo nas diferenças na aplicação de determinada planta para respectivo “mau”, no entanto, observa-se que em todos os casos há uma indissociabilidade entre oração e ervas medicinais. O amálgama que conduz o ritual de benzimento está nessa integração entre palavra e planta.

A ideia de uma interação entre palavras e plantas justifica as práticas das benzedeiras

e benzedores que quase sempre se alinham aos poderes terapêuticos, mas também mágicos que, no olhar das senhoras as plantas passam a ter. Embora existindo pessoas que contestem essa propriedade que as plantas possuem, mesmo que conheçam muitas das ervas medicinais, para as benzedadeiras e benzedores, assim como para os sacacas, curadores da floresta muitas das plantas, ervas e ervas nunca se limitam a portadoras apenas de propriedade terapêuticas, mas possuem uma estreita ligação com certa magia, algo dentro do campo espiritual que só a razão não dá conta de explicar. Essa conjuntura de propriedades e significados é o que promove as curas a partir das palavras ou orações proferidas pelas benzedadeiras. Vale ressaltar, porém que embora os resultados dos tratamentos com determinadas ervas possuam comprovação tanto dentro da cultura popular quanto pela ciência moderna, sob hipótese alguma elas substituem o serviço ou busca pelos atendimentos médicos, inclusive, como já citado neste trabalho, muitas benzedadeiras e benzedores orientam pacientes a esta procura.

De Faria e Martins (2021), oferecem contribuições a essa discussão ao afirmarem que:

A cultura das ervas no cuidado com a saúde não é dissociada da busca pelo recurso médico, muito pelo contrário, o que podemos observar é que a prática da benzedura age paralelamente aos tratamentos médicos/formais, quando não se situa no interior de práticas inalcançáveis para a medicina formal, especialmente nas doenças relacionadas à alma e ao espírito, como mau olhado, quebranto, entre outras que não encontraram até então um espaço de atenção na prática da medicina.

Nessa citação, embora se reconheça as contribuições das plantas medicinais como alinhadas da medicina moderna, existem casos específicos em que as plantas agem ou são administradas isoladamente, como em casos em que a medicina moderna, segundo as benzedadeiras, não consegue curar como as apresentadas anteriormente (Quebranto, Mau Olhado), doenças essas associadas ao espiritual.

As benzedadeiras e benzedores em Fonte Boa além dos conhecimentos sobre diversas plantas também chegam a utilizar outros elementos no tratamento de determinadas doenças, elementos esses que mais que um elemento reconhecido e recomendado pela medicina, possuem na verdade um significado simbólico no exercício dos benzimentos como práticas de curas, dentre esses aparece o carvão:

Figura 12: Carvão

Fonte: Arquivo particular do autor, 2025

De origem vegetal, o carvão aparece como um importante elemento nas práticas de benzimento. Dentro dos conhecimentos das benzedadeiras e benzedores o carvão chega a ser administrado juntamente com mastruz para problemas respiratórios e digestivos. A benzida Helena Arruda, 66 anos, afirmou que essa mistura é muito usada também para o tratamento de rasgaduras. Essa utilização possui um caráter claramente prático, porém o carvão também possui, de acordo com as benzedadeiras e benzedores pesquisados, certas propriedades para expulsar energias negativas e como um auxiliar para extrair das pessoas cargas negativas, assim como também de ambientes como casa, etc., elas afirmaram ser bem comum e até recomendado utilizar o carvão junto com sal grosso atrás da porta para dissipar energias negativas e causadoras de doenças. Em entrevista com a benzedeira Raimunda Magalhães, 54 anos, a mesma afirmou que por vezes utiliza carvão e água para identificar se a doença está forte. “eu coloco carvão em um copo com água, se o carvão afundar e porque a doença está muito forte”.

O diagnóstico da benzedeira é usado principalmente para energias negativas, mau olhado ou outras do gênero dos espíritos, cujo diagnóstico não se efetua com os recursos de um laboratório, mas através de um conhecimento e prática cuja crença encontra-se na fé que as pessoas que estão realizando tal procedimento sabem o que estão fazendo para então continuar o processo de tratamento.

Outra prática bem comum utilizada pelas benzedadeiras em Fonte Boa é utilização de um pedaço de pano virgem e agulha para tratar do que diagnosticam como rasgadura ou carne rasgada. Essa prática, por sua vez não apresenta nenhuma propriedade terapêutica comprovada pela ciência.

Figura 13: Pano virgem, agulha e linha



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2025.

Pano e agulha são apenas dois objetos usados para coser roupas, etc., porém nas mãos das benzedeiras e benzedores e dentro dos conhecimentos populares esses, em alguns tratamentos, ocupam uma função simbólica extremamente significativa e motivadora da fé e crença dos benzidos. Dona Letícia, 67 anos, nos informou que esse é um tratamento que realiza constantemente, pois são muitas as pessoas que a procuram com problemas de rasgadura.

A benzeadeira esclareceu que no tratamento coloca um pano virgem sobre o local lesionado e simulando estar costurando pergunta a pessoa sobre o que está sendo costurado e a pessoa deve responder se carne rasgada ou outra lesão que possua, sempre com rasgaduras ou osso lesionado. Esse procedimento é realizado em diversos lugares do Brasil, como semelhantes. Benzedeiras e benzedores usam tal procedimento que para muitos é mais eficiente do que ir ao hospital para ser medicado. Hoffmann-Horochovski (2015), ao abordar as “Benzeduras, garrafadas e costuras: considerações sobre a prática da benzeção”

chega a afirmar que “em se tratando de machucaduras ou quebras, é necessária a prática da costura”. Embora a ação de simular costura na prática não signifique uma ação direta no problema, esse procedimento é recheado de simbolismo, estimulando a fé e a crença de quem está sendo benzido e a certeza em quem benze de que esse ato é capaz de resolver o problema.

Além desses saberes e práticas, dentro dos conhecimentos tradicionais de benzedeiras e benzedores em Fonte Boa, é bem comum a prática de alguns procedimentos para resolver problemas envolvendo utensílios e procedimentos de caça e pesca, ações que são fundamentais para a garantia da própria sobrevivência em algumas localidades. Dentre esses encontram-se as benzeduras para resolver o problema como da “panema” que se caracteriza pela falta de precisão na captura de peixes e na caça principalmente utilizando arma de fogo. Trindade (2014) afirma que “A panema é uma espécie de inabilidade em relação a várias atividades do cotidiano, inclusive as produtivas, que não significa exatamente uma forma de feitiço, embora em alguns casos ela possa ter sido causada por feitiçaria.

A atuação da benzedeira desfaz a panema. Longe de fazer parte da literatura científica moderna, mesmo assim problemas como esse são conhecidos, afetam diversas pessoas e são tratados pelas benzedeiras e benzedores através de recursos que a medicina moderna desconhece. O benzedor Raimundo Amancio Filho, 77 anos, que além de agricultor foi também pescador e por muitas vezes realizou caçadas utilizando arma de fogo, nos afirmou que por muitas vezes foi vítima e tratou pessoas acometidas da panema, ainda que se tenha negado a falar as orações que utiliza nesse ritual, o benzedor informou que o tratamento pode ser realizado utilizando banho com ervas portadoras de energias positivas, as orações e até banho de sal grosso, que também possui propriedades que contribuem na expulsão da panema. Disse ainda que é importante que as pessoas sempre utilizem um amuleto, como a imagem de um santo que ajuda a proteger não só contra problemas como a panema, mas também contra mau olhado e outras doenças que podem ser lançadas por energias negativas.

Esses conhecimentos são atos herdados de gerações posteriores que independente da longevidade continuam sendo usados para o bem do ser humano. Independente do contexto geográfico de Zona Rural ou Urbana, conforme aparece nesta pesquisa onde os entrevistados são todos habitantes da Zona Urbana, ainda que tenham suas raízes em comunidades Rurais, são saberes e fazeres que não se limitam ao tempo ou a região, mas sim, seguem uma lógica própria, um tipo de ciência popular, atrelada a religiosidade a fé,

as crenças e a curiosidade de homens e mulheres que independente de conhecimento acadêmico desenvolveram saberes e fazeres para resolver diversos problemas de saúde e assim manter vivas, memórias, atitudes e as próprias gerações ao longo dos tempos e lugares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao desenvolver essa pesquisa trilhamos pelo interesse em desvelar²⁸ um importante recorte dos saberes tradicionais representados pelo saber fazer nos processos de benzimentos de benzedeiros e benzedores que residem na zona urbana do município de Fonte Boa, localidade que em seu processo de constituição guarda estreitas relações com a cultura dos povos tradicionais que habitaram a região do médio Solimões.

Inicialmente trilhamos por uma contextualização histórico geográfica da região a partir do título “Sujeitos e Cenários dos Processos de Benzimentos” que nomeia o primeiro capítulo, dessa dissertação onde além do entendimento do espaço onde o município e seus atores se encontram se evidenciou o envolvimento desses povos com as práticas ancestrais, principalmente as que envolvem processos de curas como é o caso dos benzimentos. Na tentativa de caracterizar o município foi possível identificar importantes elementos que o constitui e observar a relação com os grupos e saberes que forjaram a sociedade fonteboense ao longo dos tempos, como município que evidencia as práticas primárias em sua economia e que embora seja de pequeno porte possui um potencial de desenvolvimento a ser explorado. Destacamos nessa parte a infraestrutura, suas principais atividades artísticas culturais com ênfase no festival dos bumbas que em muito retrata a cultura tradicional e sua religiosidade com destaque para a festa da padroeira e dos santos protetores dos bairros. Nesse particular enfatizamos as principais matrizes constitutivas da fé e crença dos fonteboenses onde se observa a forte presença do catolicismo, de expoentes da cultura afro, indígenas e seguimentos evangélicos que fundidas constituem o que se define como religiosidade popular.

Elegemos como importante refletir também sobre a relação de vida de pesquisador e pesquisa, entrelaçada aos saberes tradicionais, que estiveram presentes desde a mais tenra idade, como forma de resolver muitos dos problemas de saúde, especialmente pelo fato de residir inicialmente em uma localidade rural onde a ausência de serviços de saúde e a distância para a cidade era muito grande, mas também em função da forte crença nos poderes advindos das práticas e rituais tradicionais de curas.

Promovemos também uma identificação dos principais colaboradores da pesquisa, benzedeiros, benzedores, benzidos e benzidas dentro do cenário fonteboense. Sobre as benzedeiros e benzedores, enfatizamos seus conhecimentos e seus saberes que os

²⁸ Desvelar significa trazer à luz, expor um segredo ou manifestar algo que estava oculto

singularizam dentro desse cenário como promotores do bem-estar humano. No caso dos benzidos e benzidas, destacamos suas crenças e buscas por esses serviços que a tempos vem sendo usadas como uma verdadeira prática de medicina, ainda que atrelada aos princípios e moldes tradicionais.

Verificamos que benzedeadas e benzidos são personagens entrelaçados pelas práticas de benzimentos, sujeitos que se interconectam por meio de suas crenças, fé e conhecimentos. As práticas de curas que realizam fazem parte de conhecimentos desenvolvidos ao longo das gerações onde sempre houve uma interligação do espiritual com o material ou do prático e o simbólico que se complementam dentro do que definimos como o saber fazer.

No segundo capítulo que versa sobre “a religiosidade popular e as práticas tradicionais de benzimentos”, refletimos sobre suas implicações nas práticas de benzimentos e como essa religiosidade contribui para a (re) configuração desses processos que constituem os saberes de diversos homens e mulheres pelo mundo e aqui com destaque no município de Fonte Boa. Procuramos fazer um resgate histórico destacando a relação da igreja católica primitiva com essas mulheres, seus conhecimentos e práticas, os processos de resistência e a sobrevivência desses conhecimentos sob a égide de uma cultura híbrida a partir de matrizes religiosas, as quais fizemos referência anteriormente.

Ao abordar a tradição e modernidade nos processos de benzimentos entendemos essa manifestação cultural com os antepassados e destacamos sua presença inscrita na modernidade a partir de sua hibridação e reinvenção, mesmo em tempos de avanço da ciência e da medicina. Verificamos que esses saberes, como prática de resistência, não ficaram limitados aos espaços e comunidades rurais, mas a partir dos diversos êxodos vieram para os centros urbanos onde continuam a cumprir sua função. A partir das entrevistas com os colaboradores entrelaçados as literaturas, buscamos entender como esses saberes e fazeres das benzedeadas junto a fé dos benzidos dialogam com a ciência moderna, onde apresentamos a discussão sobre métodos frente a ciência tradicional dos benzimentos e seus pontos de discordância e de consenso que fazem dos benzimentos alinhados dos saberes modernos, onde se evidencia os diversos elementos que os compõe e suas características práticas e simbólicas que se apresentam nos diversos rituais

Ao tratar do “saber fazer nos processos de benzimentos” expressão que dá nome a própria dissertação, exploramos com mais profundidade suas características como ciência tradicional e sua relação com a moderna, além de discutir esses saberes dentro do cenário amazônico como práticas de curas desenvolvidos por benzedeadas e benzedores cujas

práticas definem suas próprias identidades

Dentro desse cenário desvelamos, durante a pesquisa, que os benzimentos são práticas tradicionais de curas inscritos dentro da cultura popular, transmitidos oralmente por gerações anteriores e ensejados por uma religiosidade através da qual é possível tentar explicar e compreender como homens e mulheres pouco letrados realizam verdadeiros milagres através de conhecimentos e práticas ancestrais. Que além das curas físicas pelos conhecimentos que possuem, advindos de forças espirituais e do sagrado conseguem também resolver problemas que atingem a alma, tornando-se verdadeiras e verdadeiros agentes de Deus ou outra divindade portadora de poderes miraculosos. Conseguimos também constatar uma estreita relação dessas saberes com os recursos da natureza, especialmente com as plantas medicinais que além de fazerem parte de muitos rituais de benzimentos também chegam a ser administradas sozinhas com fins terapêuticos, deixando claro que os saberes das benzedeadas e benzedores sobre os processos de benzimentos, não se limitam apenas ao ritual de benzer, eles também se estendem aos saberes no mundo prático com ações desenvolvidas por seus ancestrais e utilizados até os dias atuais.

Observamos durante a exploração das literaturas que existe muita semelhança entre as práticas de benzimentos em todo o Brasil, porém dentro da Amazônia verifica-se certas particularidades especialmente relacionadas aos recursos da natureza e por ser uma prática que se hibridizou tornando, conforme afirmado em algumas literaturas, em uma forma única de benzer, que reúne tanto elementos práticos motivadores da fé quanto simbólicos que potencializam as crenças dos benzidos tanto no natural quanto no sobrenatural expresso pelas orações, rituais e forças advindas das divindades como os santos católico, os orixás e os espíritos curadores da floresta.

Essas práticas contribuem para o entendimento de que os benzimentos se apresentam como uma forma de medicina ainda que adote procedimentos diferentes da moderna e mesmo que se enxergue nestas alguns paradoxos na verdade são práticas que se complementam ainda que no campo dos saberes tradicionais, seu poder ultrapasse os conhecimentos da medicina moderna com a cura de doenças que afetam o âmbito espiritual, cujo tratamento se realiza através de rituais pouco convencionais como costuras simuladas, repetições de palavras e orações quando se trata de mau olhado, mãe do corpo, etc.

A pesquisa demonstrou que, embora os saberes das benzedeadas e benzedores em Fonte Boa, consigam resolver muitos problemas diagnosticados pela medicina moderna, muitos dos rituais vão além de um procedimento através de uma planta ou uma oração, é fato que em alguns casos rituais individualizados conseguem resolver, apenas com o uso de

recursos concretos, outros com a utilização de recursos que assumem um valor significativamente simbólico, como a imagem de um santo, um terço e até outros instrumentos usados nos rituais.

Assim a exploração desses conhecimentos permitiu imergir em uma ciência por tempos negada como ciência, desvelar saberes que contribuem tanto para a valorização quanto para o conhecimento de ações que caracterizam os povos fonteboenses que por tempos foram a solução mais acessível de tratamento de saúde. A universidade ao focar nesse campo de

conhecimento produz uma contribuição social significativa, pois ao passo que produz e desvela conhecimentos ajuda a esclarecer e fechar lacunas presentes em nossa história.

A abordagem dentro dos estudos culturais fortalece as reflexões sobre a cultura local, valorizando os saberes, as práticas, ajudando a ampliar o entendimento sobre o conceito de conhecimento frente ao que se postulava dentro da ciência moderna, especialmente nas exatas. Essa perspectiva contribui também para a valorização dos saberes ancestrais, como legítimos, dinâmicos e a – temporais.

No entanto, mesmo a pesquisa trazendo informações relevantes sobre os conhecimentos e práticas de benzimentos dentro da cultura amazônica, esta constitui apenas um caminho, uma forma de enxergar esses saberes dentre as muitas possíveis, que poderão ser explorados por futuros estudos. Em hipótese alguma tem-se a pretensão de esgotar a discussão seja no campo acadêmico ou no popular, porém espera-se oportunizar o vislumbre desses saberes dentro desses dois contextos (acadêmico e popular), ajudando a promover a valorização dos saberes das benzedadeiras e benzedores de Fonte Boa, como efetivas práticas de curas e solução de problemas físicos e espirituais das pessoas.

Por fim, o estudo possibilitou conhecer saberes e fazeres contidos dentro dos conhecimentos tradicionais das benzedadeiras e benzedores, além das crenças dos benzidos, pessoas que usam esses conhecimentos como tratamento de saúde.

REFERÊNCIAS

- ALBERT, B.; KOPENAWA, D. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010.
- ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa; FARO, Mayra Cristina Silva. Saberes de cura: um estudo sobre pajelança cabocla e mulheres pajés da Amazônia. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 5, n. 13, p. 57-72, 2012.
- ALENCAR, Aldenice Fonseca et al. Ciência do povo Tukano: plantas–dahseá ahkotisékó–e rituais de iniciação e benzimento–bahsésé. *Revista Ensino de Ciências e Humanidades-RECH*, v. 8, n. 2, jul-dez, p. 319-335, 2024.
- ARAÚJO, F. L. Representações de doença e cura no contexto da prática popular da medicina: estudo de caso sobre uma benzedeira. *Caos – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, n. 18, p. 81-97, set. 2011.
- ARAÚJO, José Carlos de. Desenvolvimento e infraestrutura na Amazônia: o papel dos portos. Manaus: Editora UFAM, 2020.
- BASTOS, Nayara Gomes et al. A geografia do benzimento na Bahia: um olhar sobre as macrorregiões de saúde. *Geografia Ensino & Pesquisa*, 2025.
- BATISTA, Leidiane Priscilla de Paiva Batista. PAULA, Edson Oliveira de Paula. MATOS, Tharcia Priscilla de Paiva Batista. Saberes Tradicionais e a Ciência Moderna. In: VI Congresso Nacional de Educação, VI CONEDU, Fortaleza, CE. Anais do VI CONEDU. p.1-9, 2019. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA6_ID7799_03102019175651.pdf. Acesso em: 10 out. 2025.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001
- BRAGA, A. N., & Silveira, C. da. (2024). BENZEDORES(AS) DA CIDADE DE TEFÉ-AM: CONEXÕES ENTRE FÉ E SABERES ANCESTRAIS NA AMAZÔNIA. *Revista Contemporânea*, 4(5), e 4428. <https://doi.org/10.56083/RCV4N5-167>.
- BRAGA, Adriana Nonato. A Oração que Cura: Olhares e Vivências de Benzedores (As) no município De Tefé/AM. Dissertação, Mestrado em Ciências Humanas. Universidade do Estado do Amazonas. Tefé-AM, 2024.
- CÂMARA, Y. R; MINGO, C. S; CÂMARA, Y. M. R. Das Bruxas Medievais às Benzedoiras Atuais: A Oralidade Como Manutenção da Memória na Arte de Curar – Uma Pesquisa Exploratória *Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL – ISSN 1980-4504 BOITATÁ*, Londrina, n. 22, jul-dez 2016.
- CAMARGO, Maria Tereza L. de Arruda. O cobreiro na medicina popular. Disponível em <http://www.aguaforte.com/herbarium>. Acesso em 12 de novembro 2025.

CANCLINI, Garcia Nestor. Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. Tradução Eloisa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. Tradução da Introdução Gênese Andrade. 4. ed.5. reimp. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

CHAGAS, Márcia Cristina Correa et al. A prática de benzimento com uso de plantas na comunidade rural remanescente de quilombo de Furnas do Dionísio, Jaraguari, Mato Grosso do Sul. Multitemas, 2007.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. O sinal da cruz. IM-

PRENSA CNBB.14/07/2010. Disponível em <http://www.cnbb.org.br> – o sinal-da-cruz. Acesso em 16/12/2025.

CRUZ, Mirely dos Santos. Práticas de benzeduras e rezas no Brasil intermediadas por plantas: uma revisão sistemática. 2021.

CUNHA, Celina Gontijo. A Prática da Benzedeira: memória e tradição oral em terras mineiras. Dissertação de Mestrado. Repositório Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Mariana-MG, 2018.

CUNHA, Euclides da. À Margem da História. Porto: Lello & Irmão, 1909.

DA SILVA, Giselda Shirley. O significado cultural e religioso das benzeções: Prática e representações de benzedores de João Pinheiro. Journal of Chemical Information and Modeling, v. 53, n. 9, p. 1689-1699, 2013.

DA SILVA, Reginaldo Conceição et al. Religiosidade afro-amazônica: Condição do bem-viver na Amazônia. Revista Presença Geográfica, v. 7, n. 2, p. 40-59, 2020.

DATAGRAMAZERO, Revista de Informação v.14 n.2 abr/13 ARTIGO 01 A informação em de-vir(es):uma reflexão filosófica no contexto da(s) disciplinaridade(s) The information in Beco-ming: a reflection in the context of philosophical disciplinarity por Jonathas Luiz Carvalho Silva e Henriette Ferreira Gomes

CALENDÁRIO DOS SANTOS DO BRASIL. Missal Romano, 3ª Edição, 2023.

DE ARRUDA CAMARGO, Maria Thereza Lemos. As plantas medicinais e o sagrado: a etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil. Ícone Editora, 2014.

DE CARVALHO, Joel Pacheco; DE FREITAS REIS, Marcos Vinícius. A Igreja Católica na Amazônia: Religiosidade e Conflito. Religião e religiosidade na Amazônia e na contemporaneidade, p. 71, 2018.

DE FARIA FERREIRA, Letícia; MARTINS, Zilma. PLANTAS MEDICINAIS, SABERES TRADICIONAIS E PRÁTICAS DE CURA: RITUAIS, MAGIA E TERAPIAS. Cadernos de Agroecologia, v. 16, n. 1, 2021.

DE JESUS LELIS, Diego Andrade; MESQUIDA, Peri; DE OLIVEIRA JUNIOR, Abdias Rodrigues. RENÉ DESCARTES. Revista Teias v, v. 23, n. 69, 2022.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia. Lisboa: Assírio & Alvim, 1972

DESCARTES, R. Regras para a direção do espírito. Tradução de João Gama. Lisboa: Edição 70, 1989.

DI STASI, Luiz Claudio. Plantas Medicinais: Arte e Ciências: Um guia de estudos interdisciplinar. Editora Unesp Fundação. 1ª Reimp. 1996.

DIEGUES, A. C. Etnoconservação da natureza: enfoques alternativos: In: Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: HUCITEC, NUPAUB/USP, 2000. p. 1-46. Disponível em: <<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revista-humus/article/view/16639/9383>> Acesso em: 20/04/2025.

DINIZ, E. E. C. D. S., DINIZ, E. C. D. S. A Arte De Curar: Saberes E Práticas de Rezadeiras E Benzedeiras no Cuidar Da Saúde. Universidade Federal da Paraíba UFPB, 2019.

FANON, F. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: Editora da UFBA, 2008.

FEDERICI, Silvia. Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais. São Paulo: Boi-tempo, 2019.

FERREIRA, Maria Liège Freitas. Representações da cultura e da sacralidade desenvolvidas pelos nordestinos nos seringais da Amazônia (1940-1945). 2008.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009

FOUCAULT, Michel. História da loucura na idade clássica. Paris: Gallimard, 1972.

FRAGOSO, Emanuel Angelo da Rocha. O método geométrico em Descartes e Spinoza. Fortaleza: UECE, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

GALVÃO, Eduardo. Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Ita, Amazonas. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 1955.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEVEHR, Daniel Luciano; DE SOUZA, Vera Lucia. As mulheres e a Igreja na Idade

Média: misoginia, demonização e caça às bruxas. *Revista Acadêmica Licenciaturas*, v. 2, n. 1, p. 113-121, 2014.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2002.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães e PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Assim se benze em Minas Gerais: um estudo sobre a cura através da palavra*. 2. ed. Belo Horizonte. Mazza Edições, 2004.

GOMES, R. S. Saberes tradicionais e saúde na Amazônia: o papel das práticas populares de cura. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 30(89), 45-62. 2015.

GONDIM, Neide. *A Invenção da Amazônia*. 2. ed. Manaus: Valer, 2007.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020. 64 p.

HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; HIGUCHI, Niro. *A floresta amazônica e suas múltiplas dimensões: uma proposta de educação ambiental*. INPA;[Brasília]: CNPq, 2004.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete Teresinha. Benzeduras, garrafadas e costuras: considerações sobre a prática da benzeção. *Guaju*, v. 1, n. 2, p. 110-126, 2015.

HOLANDA, Yomarley Lopes. *A festa na cidade que o barranco levou: dinâmicas culturais e políticas do brincar de boi em Fonte Boa (AM)*. 245 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Faculdade de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

_____. *O artista-andarilho da Amazônia e o florejar de sua práxis-poiesis na festa popular*. 238 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Faculdade de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

_____. *O imaginário das Águas ou uma Poiesis Amazônica*. Manaus: UFAM, 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Características da População e dos Domicílios*. Censo Demográfico, 2020

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 26 reimpressão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2014.

LEVI-STRAUSS, Claude. Pensamento selvagem, Papyrus Edit. Campinas, 1989

LIMA, A. N. Cultura e religiosidade no Amazonas: o papel das benzedadeiras. Manaus: Editora da Universidade do Estado do Amazonas, 2015.

LIMA, Evanildo F. de. O Benzimento: Tradição e Cura Popular. São Paulo: Editora Universitária, 2000.

LIMA, Isabella. Amazônia de A à Z - F. Fonte Boa. 8 de setembro de 2021. Disponível em: Disponível em: <<https://portalamazonia.com/amazonia-de-a-a-z/fonte-boa/>>. Acesso em: 05 de março de 2025.

LIMA, Maria Aldecy Rodrigues de; ANDRADE, Erika dos Reis Gusmão. Os ribeirinhos e sua relação com os saberes. Revista Educação em Questão, Natal, v. 38, n. 24, p. 58-87, maio/ago. 2010.

LIMA, Raquel dos Santos Sousa. Sobre presença e representação nas imagens dos santos católicos: considerações a partir de um estudo sobre a devoção à Santa Rita. Religião & Sociedade, v. 35, n. 1, p. 139-163, 2015.

LIMA, Raquel Faria da Silva et al. Práticas populares de cura e o uso de plantas medicinais por mães ribeirinhas no cuidado infantil. Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online, v. 9, n. 4, p. 1154-1163, 2017.

MACHADO, Maria Clara T. Culturas Populares e Desenvolvimentismo no interior das Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985). Tese de doutorado –USP. São Paulo, 1997.

MACIEL, L. S. B. & Shigunov Neto, A. (2006). A educação brasileira no período pombalino: uma análise histórica das reformas pombalinas do ensino. Educação e Pesquisa, 32, pp. 465-476. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000300003&lng=en&nrm=iso. Acesso em 30 de Março de 2025.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). Etnografia Urbana: quando o campo é a cidade. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 1996.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2. Bauru, 2004

MARINHO, Francisco Canindé. Associação Amazonense de Gestores Ambientais da Amazônia, 2015.

MARQUES, Wendel Patrick Gomes; DOS ANJOS, Tainá Oliveira; DA COSTA, Mônica

Nazaré Rodrigues Furtado. Plantas medicinais usadas por comunidades ribeirinhas do Estuário Amazônico. *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 10, p. 74242-74261, 2020.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. A ilha encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores. (No Title), 1990.

MEAD, Margaret. *Coming of Age in Samoa: A psychological study of primitive youth for Western civilization*. William Morrow & Company, 1928.

MEDEIROS, R. E. G. D., NASCIMENTO, E. G. C. D., DINIZ, G. M. D., ALCHIERI, J. C.

Na simplicidade a complexidade de um cuidar: a atuação da benzedeira na atenção à saúde da criança. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 23, 1339-1357, 2013.

MENDONÇA Newton Ferreira de. Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1960.

MORIN, Edgar; LISBOA, Eliane. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MOURA, E. C. D. de. (2011). Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: nas teias do ritual de benzeção. *Mneme - Revista de Humanidades*, Natal, RN, v. 11, n. 29, p. 340-69, jan./jul. 2011

NASCIMENTO FILHO, Salvador do. *Altars, imagens do sagrado: a representação simbólica na prática da benzeção* / Salvador do Nascimento Filho; orientadora Maria Jeane dos Santos Alves. – São Cristóvão, SE, 2024. 141 f. : il. Dissertação (mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Federal de Sergipe, 2024.

NETO, J. M. N., LUDERS, S. *Colonialidade, psicologia e povos tradicionais*. Curitiba. CRV, 2020.

DA SILVA, Giselda Shirley. *Comunidade Remanescente de Quilombo de San-Tana da Caatinga em Paracatu/João Pinheiro: Patrimônio, História e Memória*. ENTRE LETRAS, 2019

OLIVEIRA, E. R. *O que é benzeção*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, E. R. *O que é medicina popular*. São Paulo: Ed. Abril Cultural e Brasiliense, 1985. OLIVEIRA, Elda Rizzo. *O que é benzeção?* São Paulo: Brasiliense, 1985

OLIVEIRA, R. Saberes ancestrais e resistência cultural na Amazônia. *Revista Amazônica de Antropologia*, 21(4), 112-128. 2019.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. *A Arte como Encantaria da Imagem*. Belém-PA: Editora Escrituras, 2015.

PALHARINI, Luciana Aparecida; FIGUEIRÔA, Silvia Fernanda de Mendonça. Gênero, história e medicalização do parto: a exposição “Mulheres e práticas de saúde”. *História*,

Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 25, p. 1039-1061, 2018.

PENAFORTE, Gilberxe Santana; PENAFORTE, Gilcirley Santana. Ritual de benzeção: entrelaço no parentesco e cultura Kaixana. In: JUSTAMAND, Michel; ALMEIDA, Sandra, 2022

OLIVEIRA DE; ANDRADE, Vânia Cristina Cantuário de. (Orgs). Fazendo Antropologia no Alto Solimões 22. Alexa Cultural: São Paulo, 2019, p. 67-79.

PORTUGUAL, F. Rezas, folhas, chás de Rituais dos Orixás: folhas, sementes, frutos e raízes de uso litúrgico na Umbanda e no Candomblé com uso prático na medicina popular. São Paulo: Ed. Tecnoprint, 1987.

PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras nas ciências sociais: uma conferência, uma bibliografia. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais. BIB-AN-POCS, São Paulo, nº63, 1º semestre de 2027, p. 7-30

QUINTANA, M. Alberto. A Ciência da Benzedura: mau olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise. EDUSC. Bauru/SP. 1999

RAMOS, Andressa de Jesus Araújo; RAMOS, João Batista Santiago. DIÁLOGOS ENTRE O CONHECIMENTO POPULAR E CIENTÍFICO. Revista de Pesquisa Interdisciplinar, v. 3, n. 1, 2019.

ROCHA, Everardo. Culpa e prazer: imagens do consumo na cultura de massa. Revista Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo, v.2n.3, p. 123 – 138, mar. 2005.

ROCHA, L. dos S., ROZENDO, C. A. Os sistemas de saúde popular e oficial sob a ótica de benzedeadas. Rev. Enferm. UFPE online, 9(1, supl), 336-342. Recuperado em <https://periodi-cos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/10344/11053> . 2015.

ROSENBERG, C. E. Disease in history: frames and framers. The Milbank Quarterly, v. 67, supl., p. 1-15, 1989

RUBEM, Erik Gonçalo R894b O benzimento e os saberes tradicionais em saúde no município de Amaturá-AM / Erik Gonçalo Rubem . 2022

RUBEM, Erik Gonçalo. O Benzimento e os Saberes Tradicionais em Saúde no Município de Amaturá-AM. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Amazonas-UFAM, 2022.

RÜCKERT, B.; CUNHA, D.M.; MODENA, C.M. (2018). Saberes e práticas de cuidado em saúde da população do campo: revisão integrativa da literatura. Interface comunicação, saúde e educação. 22(66); 903-14. Acessado em 22 de novembro de 2021.

SANTOS, Adalberto de. Resistências culturais como estratégia de defesa da identidade. Universidade de Brasília, 2002

SANTOS, B. S. Um Discurso sobre as Ciências. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Francimário Vito dos. O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar. Revista CPC, [s. l.], n. 8, p. 6-35, out., 2009.

SANTOS, Francimário Vitor dos. O ofício das rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças entre as rezadeiras de Cruzeta/RN – 2007.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. In: Território-Territórios. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense – Associação dos Geógrafos Brasileiros. Niterói, 2002. p. 9-15.

SANTOS, Quintila Garcia et al. A crise de paradigmas na ciência e as novas perspectivas para a enfermagem. Escola Anna Nery, v. 15, p. 833-837, 2011.

SILVA, Ana Paula Melo da Na encruzilhada das práticas e memórias negras: benzedura e ancestralidade no município de Pelotas-RS / Ana Paula Melo da Silva; Liz Cristiane Dias, orientadora. - Pelotas, 2015.

SILVA, Ana Paula Melo da Na encruzilhada das práticas e memórias negras: benzedura e ancestralidade no município de Pelotas-RS / Ana Paula Melo da Silva; Liz Cristiane Dias, orientadora. - Pelotas, 2019

SILVA, Victor Augustus Graciotto. Benzeduras de Curitiba: Tradição ou Modernidade?. XXV Simpósio Nacional de História da Anpuh, 2009.

TODOROV, Tzvetan. Literatura em perigo. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TORRES, Iraíldes Caldas. Reflexões sobre trabalho leve e pesado das mulheres na Amazônia: In: TORRES, Iraíldes Caldas (org). O ethos das mulheres da floresta. Manaus: Valer, 2012

TRINDADE, D, do C. As benzeduras de Parintins: práticas, rezas e simpatizantes. Manaus: Edua, 2013.

_____. Fé e simbolismo na benção de Rosa Gomes. In: Congresso Pan-Amazônico e VIII Encontro Regional Norte de História Oral, 2013, Rio Branco. Anais do Congresso Pan-Amazônico e VIII Encontro Regional Norte de História Oral, 2013.

_____. Cura e religiosidade em Parintins: as benzeduras e suas herdeiras. 2010.

_____. Entre o catolicismo e a medicina: o espaço da benção na cidade de Parintins. In: 4º Encontro de Estudos Sobre Mulheres da Floresta, 2014, Manaus. 4º Encontro de Estudos Sobre Mulheres da Floresta, 2014.

TURNER, Victor. Floresta de Símbolos – aspectos do ritual Ndembu. Tradução de Paulo

Gabriel Hilu da Rocha Pinto – Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense. 2005

VASCONCELOS, Cláudio Alves de. A questão indígena na Província de Mato Grosso: conflito, trama e continuidade. Campo Grande: UFMS, 1999.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. A Aventura Sociológica, Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A Inconstância da Alma Selvagem. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

ZAGO, Nadir (orgs.). Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis (RJ): Vozes, 2011.

ANEXOS

ANEXOS 1. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O senhor (a) está sendo convidado (a) à participar de uma pesquisa que tem por título “O saber-fazer nos processos de benzimentos em Fonte Boa Amazonas” que será realizada pelo pesquisador Miguel Amaral Nunes, pertencente ao Programa de Pós graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – PPGHIC, da Universidade do Estado do Amazonas no município de Tefé, AM, sob a orientação do professor Dr. Yomarley Lopes Holanda.

A pesquisa tem como objetivo analisar as práticas e significados dos processos de benzimentos como manifestação sociocultural de promoção ao bem estar humano, no município de Fonte Boa – AM, buscando compreender as relações sócio históricas dos benzimentos, descrever as diferentes técnicas, os significados simbólicos e os recursos utilizados nas práticas de benzimentos, além de entender a relação desses saberes em interação com a ciências e a sociedade moderna contemporânea.

A abordagem se justifica, inicialmente por explorar uma prática cultural que transcende gerações e se entrelaça com a identidade dos povos tradicionais, carregando significados que fortalecem laços comunitários e ajudam a preservar as tradições. Outro aspecto relevante do estudo é o fato de fazer referências a um conjunto de práticas promotoras do bem estar o que é uma busca constante do ser humano. Além disso, a pesquisa ainda poderá contribuir para a construção de um conhecimento crítico que questiona as dualidades entre a tradição e a modernidade, promovendo uma reflexão sobre a pluralidade dos saberes.

Esta pesquisa, embora não apresentando riscos significativos com exceção dos do cotidiano, mesmo assim destacam-se possibilidades de interpretações errôneas dos dados, a apropriação indevida das informações produzidas pelo estudo, além da exposição social dos participantes, caso haja vazamento de informações confidenciais dos envolvidos. Visando dirimir tais riscos, as entrevistas e abordagens serão realizadas nas residências dos entrevistados e em horário e condições que joguem mais adequadas, inclusive com a prevalência da individualidade e conforto aos entrevistados. Quanto aos benefícios do

estudo destacam-se a produção de conhecimento sobre esses saberes, que poderá proporcionar esclarecimento e valorização, além de reconhecimento aos praticantes e processos de benzimentos no município de Fonte Boa.

A pesquisa estabelecerá, para isso critérios de inclusão e exclusão de colaboradores, a fim de proporcionar maior veracidade e fidedignidade ao estudo. Nesse sentido, ao tratar de praticantes de benzimentos serão excluídos (as) Benzedeiras (ores) que não possuam uma atividade notadamente aceita ou reconhecida pela comunidade ou grupo social em que vivem e atuam; que sejam de idade inferior a 18 anos; que tenham suas práticas como atividade comercial, fraudulentas ou ainda que tenham causado danos a alguém em seus rituais. Na pesquisa se excluirá também toda e qualquer prática não alinhada social ou culturalmente às crenças que enseja esses processos. Dentro do grupo de benzidos, os excluídos serão indivíduos com crença duvidosa, com condições de saúde que exijam um imediato tratamento médico, menores de idade, pessoas sob efeitos de algumas substâncias que comprometam sua capacidade de decisão ou esclarecimentos de fatos e ainda os que não se sintam confortáveis em participar da pesquisa. A seleção das benzedeadas será feita inicialmente a partir de uma análise do contexto sociocultural da região. Em campo, a pesquisa se efetivará pela identificação dos (as) colaboradores (as), constituídas (os) por 5 benzedeadas experientes e 5 membros da comunidade que utilizam os benzimentos (benzidos) como prática de cura. Esse processo se dará a partir de conhecimentos prévios desses sujeitos por parte do pesquisador e por indicação de pessoas que recomendem essas benzedeadas (ores). O contato será feito por meio de visita presencial, onde se apresentará o objetivo da pesquisa e será feito o convite para colaborar com o estudo, inclusive fazendo referências ao TCLE, que será apresentado lido e assinando, possibilitando, assim a realização das atividades. Caso haja disponibilidade e interesse das pessoas contatadas em fazer parte como informante será feito um cronograma conjunto que contemple momentos de observação práticas e entrevistas tanto com as (os) benzedeadas (ores) quanto com os (as) benzidos (as).

Todas as informações colhidas durante a pesquisa, oriundas dos esclarecimentos serão tratadas de maneira confidencial e sigilosa e, embora que as informações sejam obtidas a partir de observações e entrevista optou-se pela garantia do direito a privacidade ou anonimato dos participantes, conforme define o item XIX do Art. 2 dos Termos e definições constantes na Resolução Nº 510, de 7 de abril de 2016. A opção se fundamenta ainda no item VII do Art.3 dos Princípios Éticos das Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais e no V Do Art. 9 do Processo de Consentimento e do Assentimento Livre e Esclarecido, que dentre outros aspectos aborda as questões de divulgação de identidade ou imagem e em hipnose algum a identidade do participante (imagem e nome) serão usados com outros fins diferentes dos resultados da pesquisa, nem em nenhum meio de comunicação, ficando acessível apenas ao pesquisador que também preservará o anonimato no texto na dissertação ou em alguma comunicação científica.

Após os dados serem coletados, atitude que deve ser feita de acordo com o que estabelece a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD) que estabelece medidas para garantir a proteção de dados pessoais no Brasil. Os áudios e imagens que servirão para transcrição das informações ficarão armazenados em um aparelho móvel protegido por

senha e com acesso exclusivo do pesquisador que permitirá acesso apenas ao titular das informações caso seja solicitado. No caso dos registros escritos, serão guardados em local sigiloso e com segurança para análise exclusiva do pesquisador. Após a transcrição e revisão por parte dos titulares das informações os dados em mídias serão excluídos dos aparelhos e os escritos destruídos sem que haja nenhuma possibilidade de acesso por quaisquer interessados.

Como participante, durante todo o processo da pesquisa, caso sinta-se desconfortável por quaisquer questões você poderá desistir ou retirar o consentimento da colaboração sem sofrer nenhum constrangimento, coação ou dano pela atitude tomada, além de ter resguardada sua identidade e possíveis declarações que possa haver feito, deixando-lhe também totalmente livre para posicionar-se, fazer questionamentos e esclarecer dúvidas acerca do estudo.

Concluídas as etapas de coletas de dados com os participantes e a transcrição e resumos das informações obtidas, os participantes serão convidados para analisar ou revisar as transcrições e resumos feitos pelo pesquisador, que deverá preservar as palavras e expressões utilizadas pelos participantes com seus respectivos significados, evitando interpretações errôneas por parte do pesquisador. Essa etapa permite que os participantes confirmem a veracidade e a fidelidade do conteúdo, corrigindo possíveis equívocos ou omissões, além de esclarecer possíveis ambiguidades, garantindo que as falas validadas contribuam para os resultados da pesquisa.

Ressaltamos que sua participação será totalmente voluntária não havendo nenhuma remuneração, compensação financeira nem despesa pela participação. Tudo o custo com a realização da pesquisa, como compra de materiais e recursos para as visitas e trabalho dos dados será de responsabilidade do pesquisador, inclusive, caso seja o colaborador acometido de algum problema decorrente da participação na pesquisa o pesquisador se responsabiliza em colaborar para a amenização ou solução do problema, de acordo com o previsto na Resolução CNS nº 510/2016, ao fundamenta-se nos princípios éticos como o respeito à dignidade humana, a beneficência, a não maleficência e a justiça.

Ao aceitar o convite o senhor (a) autoriza o pesquisador a observar as práticas de benzimentos e realizar entrevistas com duração entre 30 e 60 minutos de compartilhamento de suas experiências com fins a desvelar tanto as formas quanto a simbologia que envolvem esses saberes. As observações e entrevistas deverão ocorrer no ambiente de realização dos rituais, buscando observar os elementos presentes nas práticas, os gestuais e palavras e, no caso dos usuários das práticas de benzimentos, na residência dos mesmos. Quanto as características para a participação no estudo, as benzedadeiras deverão possuir experiência e credibilidade social, além da realização voluntária, sem fins lucrativos nos. Os usuários de benzimentos deverão possuir maior idade, ter feito uso recente de benzimentos, acreditar na eficiência dessas práticas e, assim como as benzedadeiras estar dispostas a participar do estudo.

Após a conclusão da pesquisa os colaboradores serão informados dos resultados de forma escrita através de relatórios ou no texto integral do estudo, que incluirá informações de todos os envolvidos no estudo, de forma anônima. Tais resultados ficaram também contidos como integrante do repositório de dissertações de mestrado do PPGICH da

Universidade do Estado do Amazonas, podendo ser consultada, físico ou eletronicamente por interessados no assunto.

Ao ser convidado e ter realizado a leitura deste termo, se ainda houver dúvidas ou sinta necessidade de maiores esclarecimentos, você poderá fazer contato com o pesquisador, Miguel Amaral Nunes, Rua Antônio Lisboa nº 66, Açacu, CEP 69670-000, Fonte Boa, AM. Celular

(92) 992703911, E-mail: man.mic24@uea.edu.br. Com o orientador da pesquisa Prof. Dr. Yomarley Lopes Holanda, celular (97) 991639505, E-mail: yholanda@uea.edu.br. Pode ainda acessar o (CEP) da Universidade do Estado do Amazonas situado na Av. Carvalho Leal, n.1777, Bairro Cachoeirinha, CEP: 69065-001 Manaus. TELEFONE (92) 99225-6612 E-MAIL: cep@uea.edu.br para dirimir questões relacionadas a ética no estudo pelo E-mail 25_cep@uea.edu.br.

Eu, _____, declaro que fui informado (a) sobre os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios desta pesquisa e, após ter todas as minhas dúvidas esclarecidas concordo de forma voluntária e livre, em participar da pesquisa, autorizando o uso das informações por mim fornecidas para fins científicos, de acordo com o que consta neste termo.

O presente termo (TCLE) será impresso e assinado em duas vias, ficando uma com o pesquisador e outra com o colaborador, para ciência de todos os fatos concernentes a pesquisa.

Fonte Boa (AM), _____ de _____ de 2025.

Assinatura da (o) entrevistada (o)

Miguel Amaral Nunes
Pesquisador responsável pela
pesquisa
Cel: (92) 9 9270 3911 | E-mail: man.mic24@uea.edu.br

ANEXO 2. ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA BENZEDEIRAS (ORES)**ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA BENZEDEIRAS (ORES)****Identificação Pessoal**

Nome: (opcional) _____

Idade: _____

Local onde nasceu: _____

Estado Civil: _____

Religião: _____

Grau de escolaridade: _____

Ocupação profissional: _____

1. Quando e como você iniciou a prática de benzer?
2. Pode compartilhar um pouco de sua trajetória como benzeadeira?
3. Você se considera portadora de um dom ou aprendeu a benzer com outras benzeadeiras?
4. Quais são as principais práticas e rituais que você realiza durante os benzimentos?
5. Quais são os objetos e plantas que você considera essenciais durante os benzimentos?
6. Quais as doenças que podem ser curadas pelos benzimentos e quais os procedimentos adotados em cada caso?
7. Como você decide quais práticas, objetos e plantas utilizar para diferentes tipos de problemas?
8. Como você percebe que um benzimento foi eficiente?
9. Qual o significado simbólico do saber e do fazer nos benzimentos que você realiza?
10. Como você vê a relação entre os objetos e as crenças para o sucesso dos benzimentos?
11. Como você avalia a percepção da comunidade local sobre o trabalho das benzeadeiras?
E como se situa junto a medicina moderna?
12. Quais são os principais desafios que você enfrenta como benzeadeira hoje em dia?
13. Como você lida com a desvalorização ou o ceticismo em relação à sua prática?
14. Como analisa o futuro das práticas de benzimentos em Fonte Boa?
15. Que conselhos você daria para as novas gerações que estão interessadas em seguir e preservar essa tradição?
16. Você gostaria de esclarecer algo mais sobre as práticas de benzimentos?

ANEXO 3. ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS BENZIDOS**ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS BENZIDOS****Identificação Pessoal**

Nome: (opcional) _____

Idade: _____

Local onde nasceu: _____

Estado Civil: _____

Religião: _____

Grau de escolaridade: _____

Ocupação profissional: _____

1. Como você conheceu as práticas de benzimentos? E o que elas significam para você?
2. Você recorre constantemente às benzedeiras como forma de tratar doenças, mesmo tendo acesso a medicina moderna?
3. Com quais enfermidades você procura as benzedeiras?
4. Como foi sua primeira experiência com os benzimentos? Foi utilizado algo mais além dos gestuais e palavras da benzedeira?
5. Como são as práticas de benzimentos que você conhece?
6. Você acredita no poder de cura das benzedeiras?
7. O que a prática de benzer representa para você? E qual a relação com a medicina moderna?
8. Quais objetos e plantas você observa sendo usados constantemente nos rituais de benzimentos?
9. Como você compreende a relação entre os rituais e o simbolismo envolvido nos benzimentos?
10. Para você, qual o significado da fé e das crenças nas curas realizadas por benzimentos?

ANEXO 4 – Quadro de colaboradores da pesquisa da pesquisa e datas de entrevistas

Benzedeiras e benzedores	Idade	Identificação como informante	Data de realização da entrevista
Letícia Costa Lima	67 Anos	Benzedeira	03/03/2025
Raimundo Amancio Filho	77 Anos	Benzedor	07/03/2025
Elísia das Graças de Souza	69 Anos	Benzedeira	15/03/2025
Nemésio Magalhães de Castro	69 Anos	Benzedor	20/03/2025
Raimunda Lopes Magalhães	54 Anos	Benzedeira	22/05/2025
Maria Aldenora das Graças Crispim	38 Anos	Benzida	16/05/2025
Leila dos Anjos de Lima	39 Anos	Benzida	05/03/2025
Antônio Marinho de Souza	80 Anos	Benzido	07/04/2025
Francisco de Souza	77 Anos	Benzido	07/04/2025
Helena Firmino Arruda	66 Anos	Benzida	15/04/2025

Fonte: Quadro elaborado pelo autor, 2025